



*s D.S. mos.*

# CAIXAS DE MÚSICA



TARCÍSIO FAUSTINI



Editora filiada à Associação Brasileira das Editoras Universitárias (Abeu)  
Av. Fernando Ferrari, 514 – Campus de Goiabeiras  
Vitória – ES · Brasil · CEP 29075-910  
+55 (27) 4009-7852 · edufes@ufes.br · www.edufes.ufes.br

<b>Reitor</b>	Reinaldo Centoducatte
<b>Vice-reitora</b>	Ethel Leonor Noia Maciel
<b>Secretário de Cultura</b>	Rogério Borges de Oliveira
<b>Diretor da Edufes</b>	Wilberth Claython Ferreira Salgueiro
<b>Conselho Editorial</b>	Cleonara Maria Schwartz, Eneida Maria Souza Mendonça, Fábio Demolinari de Miranda, Fátima Maria Silva, Giancarlo Guizzardi, Gilvan Ventura da Silva, Giovanni de Oliveira Garcia, José Arminio Ferreira, José Elias Feres de Almeida, Julio César Bentivoglio, Luis Fernando Tavares de Menezes
<b>Secretário Executivo</b>	Douglas Salomão
<b>Secretária do Conselho Editorial</b>	Tânia Canabarro
<b>Preparação e Revisão de Texto</b>	Marli Siqueira Leite
<b>Projeto Gráfico, Diagramação</b>	Gustavo Binda
<b>Capa</b>	Wilde Pandini

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)  
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

- 
- F268c Faustini, Tarcísio, 1950-  
Caixas de música [recurso eletrônico] / Tarcísio Faustini. -  
Dados eletrônicos. – Vitória : EDUFES, 2018.  
196 p. – (Cultura Ufes ; v. 1)
- ISBN: 978-85-7772-377-5  
Também publicado em formato impresso.  
Modo de acesso: < <http://repositorio.ufes.br/handle/10/774>>
1. Crônicas brasileiras. 2. Música - Crônicas. 3. Literatura brasileira. I. Título. II. Série.

---

CDU: 869.0(81)-94

Elaborado por Perla Rodrigues Lôbo – CRB-6 ES-000527/O

*Este livro foi publicado com o apoio da Secretaria de Cultura da Ufes*

# CAIXAS DE MÚSICA

TARCÍSIO FAUSTINI

Vitória, 2018

 EDUFES



*Dedicatória*

À primeira leitora e crítica de todos esses escritos,  
muitas vezes previamente discutidos com ela: Eliane  
do Nascimento Fernandes, cujo nome artístico é Elia-  
ne Gonzaga e, para minha felicidade, tornou-se Eliane  
Fernandes Faustini, parceira em tudo o que faço.



*Agradecimentos:*

A Abdo Chequer, pelo convite e estímulo para escrever com regularidade no caderno Pensar, de *A Gazeta*, onde foram publicados inicialmente quase todos estes textos.

A Rogerinho Borges, pelo incentivo e pela viabilização deste livro.

A Marli Siqueira Leite, que muito além de uma revisão trouxe muitos ensinamentos sobre a arte de escrever e fazer um livro.

A Anilton Garcia e Conceição Soares, pelo convite e incentivo para produzir o programa “Domingo Brasil” na Rádio Universitária FM de Vitória.

Aos colegas da Rádio Universitária, por tudo que me ensinaram sobre a produção radiofônica, especialmente Roberto Saul, Daniela Abreu e Renegrado Jorge.

Aos ouvintes do programa “Domingo Brasil”, pela constante troca de informações musicais.

A Reinaldo Centoducatte, pelo apoio incondicional a tudo isso.

A Victor Humberto, pelo incentivo constante e parceria em muitos registros musicais.

A Aldemir José de Oliveira (Demica), o primeiro amigo a me chamar a atenção sobre meu amor pela música.

A todos os personagens citados a seguir, responsáveis pela minha grande alegria ao apreciar seus trabalhos.

## ÍNDICE

- 11 | Prefácio: O condão de magia musical
  
- 15 | A caixinha mágica
- 23 | Compartilhando meu tempo
- 26 | Vitória dá música
- 29 | A música e as etnias no Espírito Santo
- 32 | Ineditismo, entre ficção e realidade
- 35 | Gigabytes musicais desinformados
- 38 | Renovação musical é possível
- 41 | Djavanear o que há de bom
- 44 | Pescador musical
- 47 | Arranjando a boa música
- 50 | Os bailes e os bares da vida
- 53 | Os bastidores da criação musical brasileira
- 56 | As sementes do terra viva
- 59 | Em marcha lenta
- 63 | Sou Maria Cibele
- 69 | O poema que virou circo
- 72 | O caçador sem recompensas
- 75 | O artilheiro da MPB
- 78 | Pátria amada, goiabada
- 81 | Além de tudo, faltou música
- 84 | Vai para o trono ou não vai?
- 87 | O poeta do canto brasileiro
- 90 | Os cantores que viraram personagens
- 93 | Cantor, não, percussionista vocal
- 96 | Esses moços centenários



- 99 | Papai Noel de camiseta
- 103 | Tarzan, da selva para o facebook
- 106 | Tim Maia e os muitos acordes da bossa nova
- 109 | Filho de peixe, peixinho é?
- 112 | Da capital secreta para o mundo
- 115 | *Pra* tudo se acabar na quarta-feira
- 118 | Setentinha da pimentinha
- 121 | O magnetismo do Ímã
- 124 | A música que une Brasil e Portugal
- 127 | A vitória de Vitorina
- 130 | Sentimental demais
- 133 | The Chico Buarque experience
- 136 | Gonzagão, Gonzaguinha e eu
- 139 | Encaixotando bailes
- 142 | Cover não é over
- 145 | Importação e exportação musical
- 148 | Os 60 anos de Zé Renato
- 151 | O barulho do José Roberto
- 154 | Traduções e traições
- 158 | Músicos ou poetas?
- 161 | Eternamente Wunderbar
- 164 | Um artista além do tempo
- 167 | Nossos ídolos ainda são os mesmos?
- 170 | O palco é delas
- 173 | De Bento para Bruno
- 176 | A bossa é nossa?
- 179 | Bloco do maldito
- 181 | Bossa na praia
- 184 | O canto do vizinho



## PREFÁCIO

### O CONDÃO DE MAGIA MUSICAL

Tarcísio Faustini é um homem com atmosfera musical. Não consigo pensá-lo sem que a música venha colada a quem ele é, ao que a sua alma exala. Engenheiro com habilidade em cálculos e nos abismos matemáticos, não vejo nenhum contrassenso nisso já que música, a meu ver, é o som calculado à perfeição. A diferença é que talvez letras e melodias sejam lição diária a que acostumamos ter como namoradas, já a matemática... eu pulo, peço as alianças de volta.

Quando o conheci foi, claro, por meio da música. Ele assistiu a uma performance minha interpretando só a letra de Mensagem, um clássico na voz de Isaurinha Garcia, e me convidou para fazer algo do tipo no seu programa Domingo Brasil, na rádio Universitária. Ali nasceu o quadro Tirando de Letra que se trata, como anuncia a cantora e locutora do programa Eliane Gonzaga, de “interpretações exclusivas de letras marcantes da música popular brasileira”.

Mais que o quadro, nascia a nossa amizade afetuosa e musical. E fui me envolvendo no mundo deste moço de cabeça branca e uma jovialidade e memória espetaculares. A presença de Tarcísio com seus causos, seu envolvimento nas relações e extremado respeito

pelo outro nos torna pessoas melhores. O professor dá lições sem dar sinais de que o faz porque ser quem ele é e como se posta na janela do mundo sem dizer palavra é a grande lição de humanidade que nos oferece.

Neste livro, a “caixa de música” do título é ele próprio, inteiro, intenso, sábio e, o melhor, com humor sem arestas, delicioso. De cada um dos textos pode-se extrair a essência do autor, a sua paixão pela música e pelos artistas. De arranjadores a cantores, de instrumentistas a produtores musicais, velhas e novas gerações se juntam, música capixaba, brasileira, universal. Nada lhe escapa, todos recebem seu toque de mestre, seu olhar amoroso. É o tipo de leitura que entra pelos olhos e escorre para dentro com vocalises suaves, notas emitidas em diapasão perfeito, a água das canções a nos saciar com as melhores histórias. Tarcísio é bom nisso. Sabe deslizar pelas palavras com conhecimento de causa sem parecer enfadonho. Arrogância, zero. Decididamente, ele não é desses, e é isso que torna este *Caixas de música* essencial para se conhecer as tantas facetas da nossa música e seus personagens.

Como pesquisador, mister Faustini – o que faz o dial dos nossos domingos mais brasileiros – desfia um tanto de boas histórias e aqui tem desde Lupicínio e Miltoninho a Anitta e Magal, passando em revista um repertório de talentos da MPB, sem restrições. Ler Tarcísio é como ouvi-lo na rádio, nas conversas na varanda da sua casa, nos encontros pelos bares de Vitó-

ria, sempre um prazer, uma descoberta e a garantia de palavras sem desperdício.

O convite é para que o nobre leitor entre sem pedir licença por esta caixa e sinta o condão de magia do nosso autor. Agora é virar a página e partir nessa viagem musical com olhos atentos, ouvidos apurados e a disposição para chegar ao fim do percurso com o desejo de ler e ouvir mais e mais Tarcísio Faustini.

*Jace Theodoro*

*Vitória 03/04/2018*



## A CAIXINHA MÁGICA

Em meados dos anos 1950, a Vila de Guaraná (município de Aracruz) oferecia-me poucas opções de contato com o mundo. Não havia telefone, os jornais chegavam pelo correio com dias de atraso e as revistas, só quando alguém trazia de Vitória. O alto-falante do parque de diversões podia ser ouvido em toda a vila, na rua de cima e na de baixo. O locutor e dono do parque tinha o curioso apelido de Feitiço. Poucos vizinhos possuíam toca-discos. Mas havia o milagre do rádio, uma caixinha preta na qual movimentar alguns botões trazia os sons do mundo.

A partir das cinco da tarde, um programa infantil: “Histórias do Tio Janjão”, patrocinado pelo Guaraná Caçula da Antártica. Antes da “Voz do Brasil”, dois seriados, o policial “Aventuras do Anjo” e o faroeste sertanejo “Jerônimo, o herói do sertão”. Da mesma Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, ouviam-se ainda o noticiário esportivo, as novelas das oito e o “Repórter Esso”. As novelas eram sempre duas que se alternavam, uma, às segundas, quartas e sextas; outra, às terças, quintas e sábados. Uma delas era, impreterivelmente, escrita por Janete Clair. Depois das nove, havia os programas de humor, como o “Balança, mas não cai”, na própria Nacional, e diversos na Mayrink Veiga, como “Vai da valsa” e “A boate do Seu Ali-Babá”.

Alguns cantores tinham programas fixos, mas os mais famosos musicais eram de auditório, apresentados por Manuel Barcelos, na quinta-feira; César de Alencar, aos sábados, e Paulo Gracindo, aos domingos: uma sucessão de artistas ao vivo, com orquestras e arranjos exclusivos. As transmissões de futebol eram também lideradas pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro e os habitantes de Guaraná torciam pelos times daquela cidade. A Copa do Mundo de 1958 foi ouvida no rádio, a transmissão da Suécia chegava com ruídos, que às vezes abafavam a voz do locutor, notadamente em alguns dos muitos gols de Garrincha, Pelé & Cia. Formou-se assim minha primeira lembrança desse campeonato mundial de futebol, alguns dias antes do meu oitavo aniversário.

Os jornais e revistas traziam notas sobre um avanço tecnológico: a televisão. Outra caixinha, mais poderosa que o rádio, porque traria também as imagens. Ansiosamente esperada, mas também temida. A “Revista do Rádio” trouxe declarações de cantores que temiam ser vistos com as distorções que o precário sistema de transmissão ainda mostrava. O temor de Emilinha Borba, por exemplo, era que seu rosto aparecesse manchado pelos chuveiros que as imagens em preto-e-branco apresentavam. Nós, os fãs, ansiávamos pelo dia de poder enxergar tudo que imaginávamos acontecer nos estúdios, nos palcos e nos campos de futebol.

Algumas cidades do interior do estado já tinham televisão, mas só pude vê-la quando passei a morar em



Vitória, no início dos anos 1960. A primeira emissora local funcionava num edifício no centro da cidade e os programas eram decepcionantes para o garoto com pouco mais de dez anos que esperava algo parecido com a Rádio Nacional.

Uma das atrações chamava-se “Boa-noite para você”. Diariamente, uma figura ilustre da sociedade local era focalizada, literalmente, sentada numa cadeira. O close inicial era nos seus pés, enquanto o locutor, de voz solene, narrava a biografia laudatória do homenageado, sem dizer o seu nome. A música de fundo era sempre “Moonlight serenade” e o texto era dimensionado de forma que o final apoteótico coincidia com o término da execução musical, quando, enfim, a câmara mostrava o rosto e depois a imagem inteira do homenageado enquanto o locutor dizia: “Então eu dedico a você, ‘fulano de tal’, o meu boa noite, o meu boa noite para você!”.

Os jovens tinham o programa “Clube dos brotos”: um locutor anunciava mímicas com as músicas da época, só que não deixava claro que os grupos faziam apenas dublagens. Muita gente chorou de emoção ao ver e ouvir um “cego”, de óculos escuros, dublando Ray Charles. Faziam muito sucesso também as dublagens capixabas para os Cantores de Ébano (ninguém reparava que o cantor principal só tinha voz grave quando estava “cantando”) e os vários conjuntos de rock internacional.

Para as crianças, havia o “Encontro com a Primi-nha”. Antecipando-se, em muitos anos, à onda das

apresentadoras de programas infantis: uma simpática jovem da sociedade local apresentava as crianças, que se comprimiam no apertado estúdio da emissora. Só isso mesmo, apresentava as crianças, porque não havia recursos para mais nada, nem desenhos nem música, mas as crianças mandavam beijinhos e riam felizes porque estavam na televisão.

A televisão tinha, além de tudo, uma estrela musical, a cantora Virginia Klinger, em belas performances, intercaladas ao vivo à programação.

A transmissão em rede nacional era precária, trazendo som e imagem piores, porque ainda não era via satélite. O noticiário era transmitido em cadeia com a TV Tupi, do Rio de Janeiro, por uma das muitas heranças do rádio: o “Repórter Esso”, no qual o apresentador lia a maior parte das notícias, sem imagens, às vezes com algumas fotografias e filmes recebidos de agências internacionais.

Os anúncios locais eram quase todos feitos ao vivo, com imagens do estúdio ou com um locutor lendo textos enquanto se projetavam slides. A loja vizinha apresentava seus produtos do vestuário masculino. Havia também muitos seriados, de faroeste ou detetives, e poucos filmes.

A transmissão em rede nacional voltava depois das dez, anunciada sempre pelo mesmo slide, um desenho (fixo) da cidade do Rio de Janeiro, o índio que simbolizava a TV Tupi e a legenda “Imagem do

Rio”. Quem não tinha sono podia esperar pela linha de shows da emissora, que às vezes demorava muitos minutos para aparecer.

Mas as primeiras imagens do Rio decepcionavam quem esperava enxergar o charme dos grandes programas de rádio. O que se via tinha muito mais a ver com o teatro de revista e o circo, em programas de variedades, como “A-E-I-O-Urca”, privilegiando a dança e o humor repetitivos.

Um longo caminho ainda deveria ser percorrido para que a televisão e o rádio definissem seus espaços de atuação. Parece que essa novela ainda está em cartaz.

De minha parte, as emissoras locais e nacionais, as coleções de discos de vinil, os festivais televisivos, os shows, as várias mídias digitais e a Internet são caixas de som que amplificaram minha paixão pela música. Mas essa paixão veio mesmo do rádio e continua lá, nessa caixinha mágica que resiste, evolui e incorpora todos os avanços tecnológicos, seja em AM, FM ou na Internet.

## COMPARTILHANDO MEU TEMPO

Sou do tempo em que se passeava na Gruta da Onça, mulher bonita era máquina, mulher fingida era sonsa. Tempo em que sanduíche era pão com linguiça, no sábado se dançava na Fafi e, no domingo, se rezava na missa. Mas à noite, boemia: mais dança na Odontologia. Na cidade, lojas bacanas, Helal Magazin e Pernambucanas.

Tinha bonde de Santo Antônio e da Praia do Cantô. Uma professora acreditava no esperanto. Bebia-se Hidrolitol. O Carmo era colégio de menina treinando pra ser gente fina e sair na coluna do Hélio Dórea. O Carnaval no Saldanha e no Álvares, que ainda era na Costa Pereira, ia até Quarta-Feira de Cinzas. Tempo do Caldo Lyra, perto da Escadaria Maria Ortiz, heroína que virou enredo e puta em algum Carnaval.

Da “Garota Moderna”, com Simonal, que ouvi na loja do Jairo Maia, e de “Saveiros”, no festival em que Nana Caymmi levou vaia. Na TV, o futebol era só em videotape. Era tema do álbum de figurinha, que se disputava no bafo antes de pegar um cineminha no Santa Cecília, trocar gibis e tomar um sunday em taça no Dominó. Banana split era na lanchonete do Pasolini, a Sete, na rua idem, ainda sem calçadão e samba. Táxi era carro de praça. Tempo da Rádio Espírito Santo, falando para o Brasil e para o mundo, com o Regio-

nal de Achilles Siqueira, Maria Cibele e Maurício de Oliveira. Bailes com os conjuntos de Hélio Mendes, Paramount, Edson Quintaes, Les Enfants com Tina Tironi, Chico Lessa e muitos outros infernais. Bons à beça. Dizia-se: “Vamu nessa, eu, você e Chico Lessa!”.

Tempo do Colégio Estadual, do curso científico ou colegial, com a disciplina de Dona Chiquinha, que invadia o banheiro masculino mandando a gente recolher as coisas. Cursinho era no Americano ou no Salesiano, o Nacional e o frevo do Pignaton vieram depois: “Sai, sai da sombra e vem pro sol”. Tempo das boates Xamego e Macumba, Zé do Caixão preso na tumba no filme do Vitorinha. Do outro lado, era o Cine Jandaia, perto do Paz. “Chh...” era o som que as pessoas faziam e ia para o voo do condor. Tempo de inaugurar a Avenida Beira-Mar e cantar a marchinha: “Era Araribóia, ele quer voltar pra lá. / Doutor, por favor, bota o índio no lugar!”. Juca Chaves cantava “Eso, Shell, Eso, Shell e o Brasil no beleléu” e “Hey, hey, Gigi, take me back to Piauí”. Tempo do Brasil com “S”, quando a polícia linha-dura prendia todo estudante e quem mais fizesse protesto contra a ditadura.

O país ia pra frente... “ou ou ou ou ou”, como anunciava uma propaganda do governo. Mulher chique usava vestidos da Abigail, e um terno, pra mim, tinha de ser feito pelo Juarez de Martin. Calças de boca de sino e camisas de gola alta eram o fino, da Mister ou da Master, e o perfume era Lancaster. Tinha cami-

sa Volta ao Mundo e calça Lee, ouviam-se a Banda e Disparada, Nara, Chico e Jair arrasando no festival, e Sérgio Mendes, com o “Mais que nada”, vendia mais disco que os Beatles até nos States.

O mocinho do filme era o artista, e bandido era tudo igual. Tinha o Tarzan, a Chita e o Boy. Faroeste chamava-se “Camone bóí”. A Praia do Canto tinha praia, sem aterro. O sorvete Kibon só era vendido na Praia do Suá, o bonde passava por lá e também não tinha aterro. Tempo do Postinho Brasil, um bar na Reta da Penha que muita gente não viu e o progresso destruiu. Carmélia era cronista e não Centro Cultural. Castelo Mendonça não era ponte, e sim radialista, assim como Gérson Camata, na Ronda Policial da Rádio Vitória. A zona era em Carapeba, mas havia a Casa Verde, Dinorá e outras casas na General Osório, 120 e 130, e na Duque de Caxias também, perto do Marrocos.

Tempo do Bar Santos: do seu Alberto, que rezava Ave Maria no rádio, da canoinha, seu Adelino, seu Caseira e outros tantos. No golpe da xícara, todo mundo caía. Tempo do Britz, com Paru, pizza, chope e caipirinha – e filé à Calvert. Da TV Vitória no Edifício Moisés, o “Encontro com a Priminha”. O cameraman era o Julico. Com Fernando Beresford, no “Clube dos Brotos”, só tinha mímica de músicas em inglês.

Só não conto o que mais havia nas TVs, no rádio e na Grande Vitória, ainda pequena, pra não causar mais inveja, saudade ou pena em vocês.

## VITÓRIA DÁ MÚSICA

Vitória dá música, sim, em várias formas, seja bossa nova, samba, jazz, blues ou marcha-rancho. Nossa ilha é cenário ou personagem de muitas canções atemporais, das quais podemos juntar pedacinhos e formar um mosaico:

“Vitória, meu amor, oh minha ilha azul / Se nada mais lhe dei / Eu me dou nesta canção” (1); “A vida na ilha / Tem seu lado perigoso como as demais / É quando a lua nasce atrás do Morro do Moreno / E o navio entra no cais” (2); “Vitória, minha ilha encantada / O mar te abraça e te afaga / Com carinho e muito amor” (3); “O tempo misturou elementos de culturas diferentes / Até hoje tão presentes / Miscigenação geral / Enriquecendo nossa vida cultural” (4); “Minha cidade é um poema cercado de mar / E esse mar é poesia cercada de imensa paixão / Que canta na clave de sol / Mexendo com a minha emoção” (5); “Fui criada na ilha sem ser sozinha / Fui desde pequenininha / Criada na ilha na madrugada / Criada na ilha sem ser ilhada” (6); “Melhor qualidade de vida / De quem trabalha e confia / Nessa ilha do mel” (7); “Depois perambular pelas ruas / De cinema em cinema / Odeon, Juparanã / De bar em bar / Britz, Scandinave, Dominó / Até de manhã” (8); “Quando o céu virou limite / Quem ousou fazer alarde / Fez do Britz quartel da liberdade” (9); “Bom mesmo era lá no Britz / Ponto de encontro dos boêmios da cidade” (10); “Poetas

e cantadores / Tinham, quem sabe / A ilusão de que o bar / Fosse o reino eterno / Da boemia capixaba” (11); “De tarde no meu carro / Indo em direção ao cais / Ouvindo bossa nova / Curtindo o som do jazz” (12); “Eu e minha história / Pelas ruas de Vitória / Minha música vem da Praia do Canto” (13); “Ilha de Vitória / Doce ilha do mel / Minha fantasia / Pedacinho do céu” (14); “Dá-me teus mangues / Teu porto / Tua roça de milho” (15); “Se esse brilho fosse meu / Eu saía dessa cama / E lá do alto do Cochicho / Ladrilhava toda a Lama” (16); “Ponte Seca, pivetes / Polícia, vedetes / Pecado e prazer / Vila Rubim das cores / Sabores e odores / Que eu quero sentir” (17); “Das escadarias da Penha / Te fotografo como um turista / Perco de vista / A Praia de Camburi” (18); “As paneleiras de Goiabeiras / Interditaram a avenida / Anteciparam o Carnaval” (19); “Essa é a Vitória / Da panela de barro / Terra da gente ser feliz” (20); “Na frente o oceano / Atrás o meu país / Na frente outro destino / Atrás minha raiz... / Mas volto pra Vitória / Pro dia da vitória” (21); “Foi curvando no Saldanha / Que eu aprendi a manha / De encarar a adversidade. / Ali, quem volta da cidade / Desafia o que seria natural / Voar na baía” (22); “Maurício é o mar / Que te tocou e te afinou” (23); “Cidade-sol / Com o céu sempre azul / Tu és um sonho de luz / Norte a sul” (24); “Quero aliciar todo o país / Pra ver que maravilha / Que é minha ilha / Sorriso de filha / Gosto de você minha cidade / Mesmo que toda a realidade / Se mostre contraditória / Vitória” (25).



- 
- (1) *“Minha ilha azul”, de Jair Amorim e Evaldo Gouveia*
  - (2) *“A vida na ilha”, de Paulo Branco e Afonso Abreu*
  - (3) *“Minha ilha encantada”, de Aminthas Prates e Alberto Gino*
  - (4) *“Guananira (Era uma vez uma Ilha do Mel)”, de Francisco Velasco*
  - (5) *“Minha ilha”, de Francisco Velasco*
  - (6) *“Espírito Santinho”, de Leandro Braga e Elisa Lucinda*
  - (7) *“Hino”, de Zé Antonio*
  - (8) *“Vitória dos meus encantos”, de Tônico do Cavaco e Atílio Juffo*
  - (9) *“Unidos do Britz”, de Chico Lessa*
  - (10) *“Bom mesmo era lá no Britz”, de Francisco Velasco e Magno de Assis*
  - (11) *“Britz Bar Blues”, de Wilde Pandini e Hércules Dutra*
  - (12) *“O som do jazz”, de Ester Mazzi*
  - (13) *“Hibernei geral”, de Paulo Branco e Alexandre Lima*
  - (14) *“Samba da ilha”, de Carlos Bona*
  - (15) *“Guananira”, de Jonathan Silva*
  - (16) *“Brilho da lama”, de Zé Moreira*
  - (17) *“Vila Rubim”, de José Luiz Pizzol*
  - (18) *“Beijo de menina”, de Zé Antônio e Alvinho Assunção*
  - (19) *“As paneleiras”, de Jonathan Silva*
  - (20) *“Pedacinho do Brasil”, de Cecitônio Coelho*
  - (21) *“Volto pra Vitória (Porto de Vitória, 1974)”, de Taiguara*
  - (22) *“Vitória Blues”, de Chico Lessa*
  - (23) *“Guananira”, de Tião de Oliveira*
  - (24) *“Vitória, Cidade Sol”, de Pedro Caetano e Alexandre Dias Filho*
  - (25) *“Sorriso de filha”, de Chico Lessa*

## A MÚSICA E AS ETNIAS NO ESPÍRITO SANTO

O soneto “Canto Brasileiro”, de Paulo César Pinheiro, conclui: “Maldito ou bíblico, demônio ou santo / Cada país foi me emprestando um canto / E assim nasceu meu canto brasileiro”. Isso é particularmente verdadeiro quando se trata da música em nosso estado, que empresta e recebe cantos de muitos cantos.

Na Santa Teresa dos anos 1960, depois da missa dominical celebrada em latim, lembro dos oriundi bebendo vinho e cachaça nos bares dos arredores da igreja, cantando os versos profanos de “La Verginella” e outros nem tanto da “La bela polenta cosi”, aquela com versos intermináveis, com “ciá ciá pum, ciá ciá pum”. Enquanto a segunda conta desde o plantio até a degustação da polenta, prato típico italiano, a primeira narra a dificuldade de encontrar uma jovem virgem (verginella) na Itália e no Tirol, muito antes de Madonna escandalizar o mundo com “Like a virgin”. Mas a verginella e a polenta eram cantadas também pelos imigrantes alemães ou até belgas, numa democrática mistura ininteligível para nós outros, de sobrenomes Faustini ou Biasutti, em vez de Foegher ou Vervloet.

Pouco tempo depois das cantorias dominicais, filhos de oriundi formaram conjuntos musicais, que hoje seriam chamados de bandas, inspirados nos Beatles: Os Protótipos tinha Sérgio França – voz e

guitarra base, Victor Biasutti – voz e guitarra solo, Lurdes Marim – baixo e Sílvio França – bateria; “The Shelters”, com o mesmo Sérgio França – voz e guitarra base, Luiz Bringham – voz e guitarra solo, Tito Sessa – voz e baixo – e Carlos Mattedi – bateria. Muito diferente das cantatas com violas e concertinas, o estilo era chamado de “iê-iê-iê”, por causa da canção “She loves you” dos rapazes de Liverpool: “She loves you ié, ié, ié”, entoada com leve sotaque italiano pelos rapazes teresenses, garbosos com seus terninhos e franjinhas.

Influência semelhante levou um jovem cachoeirense a liderar um programa de televisão que se tornou o movimento musical da juventude: Roberto Carlos, com a Jovem Guarda. Muitos anos antes, Cachoeiro já exportara Raul Sampaio, autor do “Meu pequeno Cachoeiro” (gravado pelo Roberto) e primo do Sérgio, que botou o bloco na rua em 1971. Outro Roberto capixaba, nascido em Vitória, veio a liderar com sua guitarra um tipo de conjunto em um movimento musical: Menescal, com a Bossa Nova, cuja musa também nasceu aqui, a cantora Nara Leão. Aí, o ingrediente da mistura não era o rock inglês, e, sim, o jazz americano.

Maurício de Oliveira, um filho de pescador, estendeu o limite entre o erudito e o popular, levando para o exterior a sua premiada “Canção da paz”. Outros jovens promoveram a fusão do rock com o congo, trazido para essas bandas pelos africanos, e assim surgiram as bandas Manimal e Casaca. O som dessa última foi levado muito longe, sendo usado em 2004 para

despertar um robô da Nasa em Marte.

Como exemplos desses diferentes caminhos musicais, aqui em Vitória, temos os que foram traçados por dois teresenses citados: Sérgio França se manteve fiel ao som oriundo de Liverpool, integrando outras bandas e a primeira formação da Big Beatles, enquanto Victor Biasutti passou a se dedicar mais à bossa nova e ao jazz, paralelamente as suas outras atividades profissionais.

Muitas misturas assim acontecem neste grande encontro de etnias que é o nosso estado e nem todas conseguimos conhecer. Outra manifestação dessa mistura tive oportunidade de presenciar uma vez na vila de Santa Cruz, município de Aracruz, onde, no início dos anos 2000, havia um índio conhecido como Bitinho (não sei se ele ainda vive lá). O legítimo indígena da nova geração andava pelo lugar com um carrinho de mão, fazendo pequenos serviços, e bebia todo o resultado do seu trabalho. Não se sabia a origem do seu nome, até quando ele se aproximou de uma roda de violão e pediu uma música dos “Bítis”: “Ai uana rôldi iór rêndi”. Demoramos para perceber que ele queria cantar – e cantou, do seu modo – “I wanna hold your hand”, de Lennon e McCartney.

Do folclore italiano e do congo africano ao rock inglês, do jazz americano à bossa nova, desses e de muitos outros cantos, nasce, evolui e se propaga o canto capixaba, também maldito ou bíblico, demônio ou santo: ou melhor, brasileiro. Do maldito demônio Sérgio Sampaio, velho bandido, ao bíblico e santo Maurício de Oliveira, da “Canção da paz”.

## INEDITISMO ENTRE FICÇÃO E REALIDADE

Quando a televisão ainda não tinha a popularidade que tem hoje, o cinema nacional era a oportunidade de o grande público conhecer a imagem em movimento dos cantores e músicos que ouvia no rádio e cujas fotos via nos jornais e revistas. Muitos filmes apresentavam um fio de história interligando apresentações musicais que deliciavam os fãs desses artistas. Algumas produções chegaram a romancear a vida de compositores, como Zequinha de Abreu, em “Tico-tico no fubá”, no longínquo 1952, ou até mesmo uma canção de sucesso, como “O ébrio”, no ainda mais distante 1946, meados do século passado.

Bem mais recentemente, parece que o cinema nacional redescobriu a música brasileira, em ótimos documentários sobre grandes compositores ou também sobre formas musicais como o choro, o samba e a bossa nova. Os 50 anos da Bossa (sempre) Nova foram comemorados contando e recontando, também no cinema, histórias saborosas sobre os seus nomes mais conhecidos, como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Carlos Lyra e Roberto Menescal.

Um filme muito interessante de 2008 sobre a Bossa Nova foi exibido em poucas sessões de cinema aqui em Vitória e pode ser encontrado nas locadoras de

DVDs ainda existentes: trata-se de “Os desafinados”, de Walter Lima Jr. Os personagens não são artistas conhecidos, apesar de livremente inspirados em alguns. Há um pianista, que poderia ser um Tom Jobim em início de carreira, e logo há uma história parecida com a de outro pianista, Tenório Júnior. Há o caso da cantora que morre em um acidente de carro, como ocorreu com Sylvia Telles... Não estou contando o final do filme, isso acontece logo no início mesmo.

Além disso, o contexto musical logo se torna também político, em tempos de ditaduras brasileira e argentina, para uma bela história de amor, entre os personagens principais, vividos por Rodrigo Santoro e Cláudia Abreu. É claro que a música tem um papel muito importante nesse filme, que conta com a direção musical de Wagner Tiso, temas originais do próprio diretor e também regravações de clássicos da Bossa Nova.

As músicas, registradas em CD, são interpretadas pelo quarteto fictício formado por Rodrigo Santoro, Ângelo Paes Leme, André Moraes e Jair Oliveira – o Jairzinho. A personagem de Cláudia Abreu canta com a voz de Branca Lima. Quando o filme foi lançado, a mídia nacional destacou a existência na trilha sonora de uma canção inédita do compositor Newton Mendonça, mais conhecido como o parceiro menos conhecido de Tom Jobim.

Desse parceiro do maestro soberano sabe-se muito pouco, até porque ele morreu de enfarte em 1960, aos

33 anos. Realmente, a canção inédita, “Quero você”, é belíssima e se destaca em dois bons momentos do filme. A partitura dessa música está no livro de Marcelo Câmara, *Caminhos cruzados*, de 2001, a única biografia disponível do Newton Mendonça.

Em Vitória, a cantora Eliane Gonzaga apressou-se a incluir a canção em seu repertório, até porque ela também é grande admiradora da obra do Newton e fez questão de mostrá-la ao violonista Bruno Manguiera, capixaba radicado em Brasília. Bruno espantou-se: “Eu já gravei essa música, no disco do Cariê”. É verdade, ela está presente no CD “Esperei por você”, de Cariê Lindenberg, lançado em 2002, portanto 6 anos antes do filme. “Quero você” é interpretada pelo próprio Cariê, com produção, arranjo, regência e baixo de Paulo Sodré. Existem pequenas diferenças entre a interpretação de Cariê e aquela apresentada no filme e no CD, que podem ser explicadas pelos arranjos de Sodré e Wagner Tiso, mas não há dúvida de que se trata da mesma canção.

Bom, Cariê ter gravado uma canção inédita de Newton Mendonça, seu ídolo, compadre e amigo – conforme ele escreveu na contracapa do CD –, é perfeitamente explicável. Curioso é essa canção ser considerada inédita depois disso. Será que a mídia nacional e os grandes produtores musicais desconhecem a obra musical capixaba? Tudo indica que sim, então fica outra pergunta: será possível reverter esse quadro com o uso dos novos recursos disponibilizados via Internet? Tomara que sim!

## GIGABYTES MUSICAIS DESINFORMADOS

Apreciadores de música em geral querem ter consigo gravações das suas preferências musicais, para ouvir na hora e sequência desejadas. Por muito tempo, essa demanda foi atendida pelos discos de vinil. Com um invólucro de papelão dotado de capa e contracapa, vinha também um encarte com fotos e ficha técnica das gravações: datas, técnicos de som, autoria dos arranjos musicais, músicos e vocalistas atuantes em cada faixa.

A evolução tecnológica trouxe os CD's ou compact discs, de menor tamanho e fácil manuseio, cuja leitura passou a ser digital, em vez dos toca-discos analógicos e suas agulhas. O invólucro se tornou uma caixinha plástica e o encarte foi reduzido, para caber nela. Os projetistas gráficos tiveram de se esmerar na criação de capas e encartes menores, mas ainda informativos. Muitos não conseguiram, empobrecendo o resultado, principalmente na qualidade da informação. Outras mídias digitais foram experimentadas, mas não tiveram aceitação popular e pouco duraram, tais como as DAT (Digital Audio Tapes) e os minidisks.

O passo tecnológico seguinte foi gigante, trazendo as gravações em MP3 facilmente transmitidas via Internet. A redução de custo dos CD's virgens e a facilidade para sua gravação estimularam a pirataria. O



mercado de gravações musicais passou e ainda passa por grandes transformações.

Em meio a isso, como fica o apreciador e colecionador de gravações musicais? Muitos se desfizeram de seus discos de vinil e aderiram imediatamente ao CD, encantados com a ausência de chiados e estalos nas gravações. Alguns desses se arrependeram depois, porque nem todas as gravações que havia em vinil foram disponibilizadas em CD. Além disso, junto com os chiados e estalos, perderam-se algumas características do som, que se tornou mais artificial, compacto, sem brilho. Há também quem não aderiu à nova tecnologia e manteve suas coleções, alguns formando grupos simpáticos, como o nosso Clube Capixaba do Vinil, que promove alegres reuniões em torno dos bolachões. Existem programas de rádio e de televisão dedicados ao som do vinil, que voltou a ser encontrado em novos discos, embora ainda com preços elevados.

Pode ser que não demorem a chegar os clubes dos CD's, dos quais já existe colecionador se desfazendo. Quem adere ao MP3 tem uma ótima impressão inicial. A qualidade do áudio, sofrível no início, melhorou muito e ouvidos leigos não captam a diferença em relação aos CD's. O uso de arquivos menores facilitou sua transferência via Internet e a capacidade de armazenamento aumentou muito, em novos equipamentos e até em telefones celulares nos quais podemos guardar muitos gigabytes de música. Muito se tem falado

sobre a questão dos direitos autorais dessas gravações, tão facilmente transferidas entre seus ouvintes. É provável que se consiga uma forma de resolver esse problema, para que as gravações não se tornem apenas uma simples divulgação do trabalho de artistas, cuja remuneração passou a depender apenas de suas apresentações ao vivo. Mas existe outro problema a ser resolvido: a assinatura dos trabalhos apresentados nas gravações. Como as cópias são feitas livremente, como obter com segurança as informações, antes apresentadas nos encartes? Os títulos dos arquivos registram apenas o nome das músicas e os cantores e, muitas vezes, erroneamente. Como saber quem executou tão bem um instrumento musical que nos agradou tanto? São obras de arte e devem ser assinadas, assim como pinturas, filmes e programas de televisão. O ouvinte deve ser informado sobre seus autores e intérpretes. E isso está ficando cada vez mais difícil.

Ficou muito fácil obter muitos gigabytes de gravações musicais. Mesmo quem não se interessa por detalhes técnicos e ignora quantas horas de música podem ser arquivadas em cada giga sabe que são muitas horas. Falta, então, uma solução que permita evitar erros ou ausência das informações completas sobre as gravações musicais, para que nossos artistas tenham o reconhecimento e a remuneração merecidos.

## RENOVAÇÃO MUSICAL É POSSÍVEL

Alguns precavidos chegaram cedo e se acomodaram. A maioria deixou para chegar em cima da hora e alguns se atrasaram um pouco. Não tem problema, o horário é apenas uma referência. O espetáculo só começa com atraso mínimo de quarenta minutos.

Os espectadores cumprimentam-se mutuamente, com ar cúmplice. Afinal, estão ali pela mesma razão, são da mesma confraria. Copos são esvaziados com sofreguidão, talvez não seja possível reabastecê-los depois.

Algumas luzes se apagam e refletores piscam para um derradeiro teste. As luzes da plateia são reduzidas até se apagarem, deixando visíveis apenas os desprezados avisos luminosos que proíbem fumar. Alguém traz um último instrumento musical para o palco, enquanto uma voz anuncia a lista de patrocinadores, sem os quais o evento não teria sido possível: uma empresa de comunicação, um hotel, dois ou três restaurantes, uma concessionária de celular. Um som agudo denuncia uma falha técnica, rapidamente corrigida.

Aplausos acompanham a entrada dos astros, a confraria está alegre e ninguém mais se lembra do atraso, superior a uma hora. A plateia conhece a primeira canção e canta junto, tal qual numa celebração. Mais canções, todas conhecidas e de sucesso garantido. Aos primeiros acordes, mais aplausos que soam como um

agradecimento pela lembrança. Ninguém ouviu ainda, mas todos já sabem que vão gostar. Os mais afoitos fazem sugestões, gritam as suas preferidas.

Então, chega a hora de mostrar música nova. O líder do grupo musical explica que a canção faz parte do novo disco, a ser lançado em breve. A plateia se inquieta, finge atenção, compara com sucessos anteriores e não gosta. Será que eles estão decadentes? Mesmo assim, há aplausos. Os artistas se animam e tocam mais músicas novas. Os aplausos escasseiam e a fila do banheiro aumenta.

Findo o tormento, tem-se o retorno a canções conhecidas. A plateia canta a plenos pulmões e os músicos apenas acompanham: “Agora, vocês...” ou “Quero ouvir...”.

A última música é a mais dançante, ninguém consegue ficar sentado. Os artistas agradecem, extenuados: “Valeu!”, e se retiram do palco.

Mas as luzes da plateia não se acendem. Ainda falta o ritual de encerramento. O público está de pé e pede bis: “Por que parou, parou por quê?”. Não é preciso insistir, o grupo volta, fingindo surpresa, um ou outro trazendo um copo plástico de água mineral ou outro líquido. Finalmente, canta aquele seu grande sucesso, que ficara reservado para esse momento. Depois, há a repetição daquela que está sendo trabalhada para ser o próximo sucesso e vem a saída consagrada.

Agora, sim, é o fim do espetáculo, os pedidos de bis escasseiam e as luzes da plateia se acendem. Uma

voz anuncia que os discos estão sendo vendidos logo ali, dando direito a autógrafos.

Foi um sucesso e não poderia ser diferente, ninguém foi ali para ouvir novidades. As mudanças de estilo, quando ocorrem, devem ser apresentadas gradualmente, para que ninguém perceba, apresentando as novidades com cautela e atenção à receptividade.

Com os artistas que se apresentam nos locais de música ao vivo, geralmente barzinhos simpáticos, a dificuldade é ainda maior com o repertório. Se apresentarem só sucessos, são acusados de repetitivos. Se inovarem no repertório, perdem a atenção conquistada. Mostrar música própria é outra dificuldade. “Vamos mostrar um pouco do nosso trabalho” não costuma ser uma frase bem aceita. Ouve-se até recomendação para não aplaudir muito, porque se eles perceberem que estão agradando, vão querer mostrar um pouco mais do “nosso trabalho”.

Até nos discos isso ocorre, dificilmente um artista famoso lança um trabalho só com músicas inéditas, prefere incluir sucessos próprios ou de outros artistas.

Volta e meia alguém reclama da ausência de novidades musicais. Elas existem por aí, mas é difícil encontrar quem as queira ouvir ou tenha atitude para mostrá-las.

Apesar de todas essas dificuldades, a renovação musical acontece e pode ser conhecida: depende de nós, artistas e público.

## DJAVANEAR O QUE HÁ DE BOM

Há muito tempo, volta e meia aparece alguém para me alcauetar: “Ele não gosta do Djavan”. Daí as reações se dividem entre cumplicidade, “Também de-testo”, e indignação, “Como assim?!”. Estabelecido o sururu (sem capote), o que menos interessa é a minha opinião e a discussão torna-se cada vez mais acalorada.

Essas diferenças de aceitação em relação a Djavan são compreensíveis. As positivas certamente se devem aos muitos méritos daquele artista alagoano, como compositor, cantor e instrumentista. Autor de músicas belíssimas, tem voz afinada e agradável (ou não), cria e faz harmonias intrincadas no violão, alvo de tentativas de repetição de muitos aprendizes de violão. Sempre se uniu a grandes músicos, alcançando respeito internacional. Então, clones e mais clones, djavans em série, surgem a todo momento. Já existe até um Djavan genérico, o Jorge Vercilo, que embora tenha seus méritos, ainda não conseguiu se libertar dos sinais da clonagem.

Qual o problema que nós, outros, temos com o Djavan? De minha parte, são as letras. Não sou crítico literário, nem tenho pretensão a isso. Mas admiro os grandes letristas brasileiros. Grandes músicos se associaram a grandes letristas e fizeram composições geniais, porque nem sempre se pode ser bom nas duas atividades, como Chico Buarque é. João Bosco tem

uma obra genial com o Aldir Blanc, músico e letrista, nessa ordem. Tom Jobim, embora bom letrista, cedeu esse posto a outros muito bons, como Vinícius de Moraes. Paulo César Pinheiro até faz algumas músicas, mas embeleza com suas letras as composições de muitos parceiros, músicos.

E o Djavan? Com louváveis exceções, as palavras que ele inclui nas suas músicas me passam a impressão de estarem ali apenas porque combinam com a melodia, mas não expressam uma ideia ou sentimento, não contam uma história. Outro dia vi uma entrevista dele na televisão, explicando que o açaí é uma fruta importante para a alimentação do pobre nortista, uma guardiã para evitar a fome. Que o zum de besouro é um ímã para um artista. E que a tez da manhã é branca, em especial no Nordeste. E daí? Segundo o autor, quem não sabe nem entende isso, na letra da música “Açaí”, é um ignorante: “Açaí, guardiã, zum de besouro, ímã, branca é a tez da manhã”.

Pois é, Djavan, sou um ignorante, porque não entendi isso desde a primeira vez que ouvi, com tudo de bom que veio junto. Assim como não entendi uma outra letra sua na qual, ao tentar fazer um galanteio, você diz à musa que Deus fez até os dinossauros pensando nela – em “Eu te devoro”. Não tenho certeza se a musa gostaria de ouvir isso. Sua obra tem muitos exemplos assim, como “Berlim, Kremlim, luzes e jasmim, pra não dizer Tel Aviv, da fronteira de topázio e lá”, na belíssima

canção “Topázio”. Isso tudo me faz lembrar o Stanislaw Ponte Preta, que fez o “Samba do Crioulo Doido”.

Sei que trabalhos em parceria dependem da afinidade entre os parceiros. Djavan tem umas poucas parcerias com grandes letristas, como Aldir Blanc e Chico Buarque. Quase sempre ele trabalha sozinho. Já cheguei a sugerir que Djavan e Belchior (que já se foi) passassem a compor juntos, música do primeiro e letra do segundo, sem inverterem os papéis, o que seria desastroso, porque Belchior era melhor letrista do que músico.

Além da maioria das letras, outro aspecto que não me agrada no trabalho de Djavan é o excesso de “scats” no seu canto, aqueles “dubidus”. Nisso ele faz lembrar o genial João Bosco, que também comete seus excessos, com “badabadás”. Imagino um filme mostrando uma conversa dos dois, Djavan fala “dubidu, dubidu”, João Bosco responde “badabadá, badabadá” e uma tela SAP mostra a tradução: “Como vai?” e “Vou bem”. Porque parece que a música brasileira inventou idiomas, o djavanês e o joãobosquês. Dá até para imaginar um terceiro personagem entrando na conversa, o Ed Motta, com o seu edmottês sussurrado: “assira, assira”.

Brincadeiras à parte, com todo o respeito à obra de Djavan, tenho a impressão de que ela seria bem melhor se tivesse utilizado o bom e velho estilo de parceria entre músico e letrista, isso a enriqueceria muito. Contudo, gosto tanto dela assim.



## PESCADOR MUSICAL

Muito já se falou sobre a importância de Maurício de Oliveira para a música do Espírito Santo e do Brasil, até porque essa importância é muito grande e envolve vários aspectos. Comecei a sentir essa importância quando eu morava em Guaraná e, um pouco depois, em Santa Teresa, ouvindo o músico de rádio, tocando ao vivo nos programas de auditório da Rádio Espírito Santo. Eu, que era ouvinte também da Rádio Nacional, do Rio de Janeiro, sentia-me orgulhoso de ouvir e me certificar de como a música feita em nosso estado também era boa.

Depois, quando eu já morava em Vitória, comecei a ouvir os discos, os bons e velhos LPs, em que o grande violonista fazia registros sozinho ou com o conjunto Hélio Mendes. Eu ainda nem colecionava discos, mas ouvia na casa de amigos. Ele, sozinho com o violão, as precursoras gravações da obra de Villa Lobos para esse instrumento e da genialidade de Ernesto Nazareth. Com o conjunto de Hélio Mendes, eu me encantei principalmente com os dois weekends, em Guarapari e no Rio de Janeiro, antes mesmo de conhecer o lendário Trio Vagalume, tudo isso com aquele som precioso do violão, que já se tornara familiar.

A admiração sempre leva a uma inveja saudável: também quero ser assim. Fiquei sabendo que o gran-

de violonista ensinava o seu ofício, em horários que podiam ser agendados no Clube Álvares Cabral, ainda naquela esquina em frente ao Teatro Carlos Gomes e à praça Costa Pereira. Lá fui eu, com uns vinte anos de idade, tentar aprender com o mestre. Gostei tanto das aulas que não aprendi a tocar, gostava cada vez mais de ouvir. Lembro dele explicando e praticando a diferença entre o samba tradicional e a bossa nova. A famosa batida de João Gilberto enchendo de dissonâncias o samba “Aos pés da cruz”, de Marino Pinto e Zé da Zilda, comparada com o acompanhamento musical da gravação de Orlando Silva. O mestre se divertia acentuando as diferenças e até imitando o estilo dos cantores. Tenho até hoje um caderno com as músicas cifradas por ele e também pelos seus auxiliares, o filho Tião e Elias Borges, dois aprendizes que logo também se tornaram mestres. Como esses dois, muitos músicos que hoje se destacam em nosso cenário musical deram os primeiros passos assim.

Como eu desisti de tocar violão, por incompetência minha mesmo, segui gostando ainda mais de ouvir. Fui tocar discos, o que faço até hoje, sejam de vinil ou digitais, e me tornei plateia assídua. Nos shows dos anos 1970, muitas vezes na Churrascaria Guasca, ali na Beira Mar, perto da Prefeitura, grandes nomes que eu conhecia da Rádio Nacional vinham se apresentar acompanhados pelo Mestre Maurício. Esse fazia uma orquestra sozinho com sua guitarra. São

inesquecíveis também as apresentações do mestre, já nos anos 1990, com seu grupo instrumental fazendo choro de breque, quer dizer, intercalando falas na interpretação e o retorno preciso de todo o grupo após cada fala, por mais longa que fosse.

Vieram o prêmio internacional pela Canção da Paz, outras composições que fiquei conhecendo e apreciando, mais discos e mais shows do mestre. E ele continuava aquele senhor simpático, que sempre podia ser visto de roupa branca, comprando peixe na Praia do Suá. Ele sempre achava tempo para dois dedinhos de prosa com os amigos, quer dizer, todo mundo.

Além dos discos, onde seu trabalho está eternizado, outras fontes de conhecimento sobre a vida e obra desse grande personagem são o livro *O pescador de sons*, de Marien Calixte, e o filme *Maurício de Oliveira, Pescador de Sons* de Cloves Mendes.

Então, a importância de Maurício de Oliveira é muito grande, sim, para a música do Espírito Santo e do Brasil, pela difusão de grandes obras, própria e de grandes compositores, e pela postura do grande artista, sempre dignificando a sua profissão.

Mas eu quero registrar também a importância dele para pessoas como eu, que não fazem arte, mas a apreciam e têm grande admiração pelos seus criadores.

Muito obrigado, Mestre Maurício de Oliveira.

## ARRANJANDO A BOA MÚSICA

Elis Regina e Wilson Simonal, dois cantores muito reverenciados da nossa música popular, deixaram gravações de alta qualidade artística. Suas histórias têm vários pontos em comum, mas um deles é menos considerado: a genialidade dos arranjos musicais das canções que interpretaram. O responsável por isso é outro grande nome, não menos importante e muito menos lembrado: César Camargo Mariano. Seus arranjos abrilhantaram e abrilhantam interpretações belíssimas daqueles e de muitos outros grandes cantores, cujos nomes sempre são mais citados.

Geralmente, o sucesso de uma canção popular é atribuído ao seu intérprete. É comum ouvirmos referência àquela música da Elis, ou da Gal, ou da Ivete e assim por diante. Poucas vezes, são lembrados os nomes dos compositores.

A era dos festivais, principalmente na segunda metade dos anos 1960, trouxe consigo uma justa valorização da identidade dos compositores, mas isso passou.

Nesses festivais, pelo menos em alguns, instituíram-se prêmios também para os arranjadores, que puderam então ter algum destaque. Mas infelizmente isso também passou.

O nome de Pixinguinha é muito lembrado como o de um grande compositor, às vezes como flautista ou como saxofonista. Mas sua obra como arranjador é da

maior importância, foi ele quem determinou um estilo brasileiro de orquestração, presente em grandes sucessos históricos de Carmen Miranda ou de Mário Reis.

Quando as emissoras de rádio tinham orquestras, os maestros escreviam arranjos especialmente para as grandes estrelas. Com arranjos de Radamés Gnattali, ouviam-se os sucessos de Orlando Silva, Silvio Caldas e outros, ao vivo.

Quando João Gilberto lançou sua famosa batida de violão, caracterizando a bossa nova, junto com ela estavam os arranjos de Tom Jobim, que já se faziam presentes em gravações de outros estilos.

Como teria sido o Tropicalismo sem os arranjos musicais riquíssimos do maestro Rogério Duprat? Foi uma outra boa fase de destaque para os arranjadores.

Com o tempo, as orquestras deram lugar a conjuntos musicais menores, por diversas razões, entre elas a proibição dos cassinos. A bossa nova, que utilizou orquestras até mesmo internacionais em gravações de Sylvia Telles, adotou também o formato dos trios com piano, baixo e bateria. Em seguida, com os equipamentos eletrônicos e modernos recursos computacionais, os sons de muitos instrumentos musicais passaram a ser obtidos sem a necessidade de muitos músicos.

Talvez o programa musical de maior destaque na televisão seja “The Voice Brasil”. Nele, ótimos arranjos são executados sem que haja menção aos arranjadores e por músicos praticamente invisíveis.

Independentemente da quantidade de instrumen-

tistas, a figura do arranjador permanece de vital importância na qualidade musical. É ele quem define como será a execução de cada instrumentista e nisso a palavra harmonia diz tudo, até para nós, leigos: é preciso harmonizar o acompanhamento musical.

Felizmente, ainda temos bons arranjadores fazendo isso. César Camargo Mariano passou dos 70 anos em plena forma artística. Um pouco antes disso, ele lançou um livro autobiográfico, intitulado *Solo: César Camargo Mariano – Memórias*, pela Editora LeYa, que mostra de modo bem interessante detalhes da sua trajetória como arranjador.

Aqui em Vitória, chegamos a ter orquestras nos tempos áureos da Rádio Espírito Santo, com os maestros Maurício de Oliveira, H.O. e outros. A história de arranjos competentes tem continuidade com o nome de Paulo Sodré, cujo trabalho está presente em boa parte da nossa produção fonográfica.

Nessa produção, destacam-se as gravações do seu próprio CD, *Sinfonia popular capixaba*, gravado em 2007. Além dos arranjos, executados por grandes instrumentistas, sob a regência de Gilson Peranzetta, outro grande arranjador, Sodré fez a direção musical, compôs todas as músicas, ótimas, e ainda tocou contrabaixo. Um trabalho da maior importância para nossa história musical.

A boa música popular brasileira tem muito a agradecer a todos esses arranjadores.

## OS BAILES E OS BARES DA VIDA

“Foi nos bailes da vida ou num bar / Em troca de pão / Que muita gente boa pôs o pé na profissão / De tocar um instrumento e de cantar / Não importando se quem pagou quis ouvir”. Esses são os primeiros versos da canção “Nos bailes da vida”, de Milton Nascimento e Fernando Brant.

Os bailes da vida estão na história de muitos artistas, como na do próprio Milton, que foi crooner de conjunto, tal como Emílio Santiago, Miltoninho e, aqui, em Vitória, Luizinho Taj Mahal. Assim eram chamados os vocalistas (crooners) e as bandas (conjuntos) em meados do século passado. Todos aprenderam muito nessa escola, também um bom mercado para o seu trabalho, artistas em contato direto com seu público.

Em que se transformaram esses espaços para a música popular ao vivo? Salvo exceções ainda existentes em clubes do interior e navios de turismo, os bailes desapareceram e surgiram as baladas, os shows e os bares de música ao vivo.

Acho curioso chamar de balada um tipo de festa. Isso teve início nos anos 1990. Aqui, em Vitória, os jovens não iam às baladas, iam “pros rocks”, mas isso mudou e balada deixou de ser uma forma musical ou poética para ser uma festa musical, muitas vezes com DJ, som alto e muita luz. Diferente das festinhas com

disc jockeys e eletrolas.

Os shows também se transmutaram e hoje ocupam grandes espaços, são verdadeiras celebrações, em palcos montados em praças ou nas praias, para artistas de grande sucesso, em vez de teatros e pequenas casas de espetáculos.

E os bares de música ao vivo? Sucederam às antigas e esfumaçadas boates e casas noturnas, a partir dos anos 1980, como um espaço para pequenos grupos ou até mesmo um único artista, voz e violão ou piano, em comunhão com a plateia.

Os bares de música ao vivo fizeram tanto sucesso que, como sempre acontece, criaram uma fórmula, um estilo musical. Um cantor, Renato Vargas, chegou a lançar CDs, depois disponíveis numa caixa intitulada *O som do barzinho* e foi muito imitado.

Qual será a diferença entre um bar de música ao vivo e um local de balada? Talvez o volume da música, até mesmo por causa da diferença de espaço disponível e dos objetivos diferentes da plateia: apreciar performances musicais ou dançar, conhecer pessoas, azarar (antigamente seria flertar).

Mas há também o volume da conversa da plateia e aí podemos retornar aos versos da canção, “não importando se quem pagou quis ouvir”. Ninguém reclama do alto volume da música nas baladas e nos shows, espera-se que o som seja alto mesmo, para festejar ou celebrar.

E nos bares? A plateia paga pela música ao vivo e,



para isso, existe o couvert artístico, mas ela quer mesmo ouvir? Muitas vezes a conversa no bar e o trânsito na rua são mais audíveis que a música. Qual o volume ideal para a música não atrapalhar a conversa? Não seria mais fácil se quem não quisesse música frequentasse outros locais?

Não! No melhor estilo de personagem humorístico que diz “Tô pagano”, uns poucos frequentadores pedem ao dono da casa para baixar a música, que está atrapalhando sua conversa. Os que estão apreciando a música não procuram o dono para elogiar, contentam-se em aplaudir porque acreditam que tudo esteja certo. O proprietário, para agradar alguns clientes, ordena que os músicos reduzam o volume e o que consegue com isso? O constrangimento e a desmotivação dos artistas, é claro.

Nos bons locais de música ao vivo em grandes centros, o início da apresentação é indicado pela redução da iluminação do ambiente. Depois, o serviço é suspenso, a plateia silencia e consome somente o que já havia solicitado. O serviço volta no intervalo e ao final da apresentação.

Concordo que algo assim ainda é utópico, mas se pelo menos nos comportássemos de modo mais educado durante as apresentações musicais, como fazemos quando viajamos, naturalmente o volume geral no ambiente seria mais baixo e agradável a todos, para plateia e artistas.

Como está na letra da mesma canção, “Todo artista tem de ir aonde o povo está”. Mas, para isso, sua arte merece ser apreciada e respeitada.

## OS BASTIDORES DA CRIAÇÃO MUSICAL BRASILEIRA

A recente polêmica sobre as biografias de grandes nomes da música popular brasileira concentrou-se na obrigatoriedade ou não de elas serem autorizadas. Contudo, há um aspecto anterior a essa discussão: existem os bons e os maus biógrafos. É fácil fazer uma lista de bons biógrafos e seus biografados: Sérgio Cabral / Nara Leão, Ruy Castro / Carmen Miranda, Lira Neto / Maysa, Rodrigo Faour / Dolores Duran e assim por diante. Não vale a pena citar os maus.

Há também bons livros dedicados a gêneros ou movimentos musicais brasileiros, como a Bossa Nova, por Ruy Castro; a Tropicália, por Carlos Calado, e o rock dos anos 80, aqui no Espírito Santo, por José Roberto Santos Neves. Boas leituras para diversos gostos musicais.

Há alguns anos, uma amiga presenteou-me com um livro diferente, no qual o foco é a canção e não apenas os seus criadores. O contexto criativo de várias canções, contado a partir de pesquisa ou entrevista com seus autores. Uma delícia de leitura, que nos faz apreciar ainda mais aquelas músicas.

O livro é *Então, foi assim? – Os bastidores da criação musical brasileira*, de Ruy Godinho, edição de 2008. Mas sua história começou bem antes, em 1997, quando Ruy coproduzia um programa de rádio em Brasília

no qual havia um quadro chamado “A Origem da Música”. O material coletado originou o livro.

Com a obstinação peculiar dos pesquisadores, Godinho não parou sua caça às histórias das canções, contadas em programas de rádio e nos seus livros. Sim, livros, porque *Então, foi assim?* já teve outros volumes, tornou-se uma série.

Do primeiro livro, destaco a história emocionante da canção “Teletema”, de Antonio Adolfo e Tibério Gaspar. No segundo, ficamos sabendo que Paulinho Pedra Azul começou a compor “Jardim da Fantasia” numa viagem de trem entre Governador Valadares e Vitória, com uma história engraçada sobre essa canção. No terceiro, sabe-se que os autores da música “Clube da Esquina 2”, Milton Nascimento e Lô Borges, não queriam que houvesse letra para ela e por que acabaram tendo de aceitá-la. A letra foi feita por Márcio Borges, irmão de Lô.

Márcio também escreveu o prefácio do terceiro livro, no qual afirma que a série constitui um valioso instrumento para quem deseja estudar a história da música moderna brasileira. No prefácio do primeiro livro, o compositor Fausto Nilo destaca a forma singela do registro de cada acontecimento por trás de uma canção.

O autor desses livros também é ator e continua sendo radialista. O programa “Então, foi assim?”, que ele produz e apresenta desde 2010 contando essas histórias na Rádio Nacional de Brasília, é retransmitido

por 232 emissoras do, como se dizia antigamente, Oiapoque ao Chuí, e esse número está sempre aumentando. Aqui, em Vitória, é apresentado como um quadro do meu programa Domingo Brasil, na Rádio Universitária FM, com o qual Ruy concordou gentilmente em colaborar e enriquecer.

E a experiência como ator? É utilizada nas muitas palestras sobre produção multimídia – outra de suas atividades – e processos criativos da música brasileira, tema de suas pesquisas e entrevistas.

Em junho de 2012, Ruy veio a Vitória participar do show comemorativo do milésimo programa Domingo Brasil, entrevistando ao vivo o compositor Sérgio Souto. Mas deu continuidade à pesquisa, aproveitando a viagem para conhecer e entrevistar os compositores Chico Lessa e Carlos Papel, que também têm muitas histórias para contar sobre suas canções. O autor promete retornar e entrevistar outros compositores.

Assim, Ruy Godinho cumpre um importante papel na nossa história cultural de registrar e divulgar como e por que foram feitas as canções, sempre nos levando à pergunta que é também uma resposta com surpresa: Então, foi assim?!

## AS SEMENTES DO TERRA VIVA

Como muitos jovens dos anos 1970, Lúcia e Beto foram para o Rio de Janeiro em busca de novidades. Ela, para aprimorar uma vocação teatral incipiente. Ele, além do curso de Engenharia, tentava acompanhar todos os movimentos musicais, levou o violão e arriscou as primeiras composições. A efervescência cultural carioca os encantou.

No início da década de 1980, eles voltam para Vitória, onde dão vida a um filho e um espaço cultural: o Terra Viva, numa pequena casa na Avenida Rio Branco. No início, apenas um lugar para produção e venda de alimentação natural, incluindo cursos sobre essa temática. Logo, vieram exposições artísticas, palestras e música ao vivo. Intimista, como a casa e o momento pediam, mas permitindo intercâmbios e novas formações. Noites dedicadas ao choro, ao samba ou ao jazz, muitas vezes misturados. Logo se formou um público cativo e amigo, fiel aos ídolos novos ou veteranos. Entre os grupos, o Corda e Chão, o Quarteto JB, o Scala Vocal e o Ímã. As canções de Carlos Papel. Os novos talentos de Rosana Brito e Marcus Levy. A roda de samba, com Raimundo Machado. Os mestres imortais Maurício de Oliveira e Pedro Caetano. Os performáticos Valtinho e Zé Lopes, grandes sucessos de público. Esses e muitos outros se apresentaram muitas vezes.

Importar estrelas de outras constelações para um espaço tão pequeno foi uma atitude corajosa, que teve a aceitação de gente como Fátima Guedes, Sérgio Souto e Moacyr Luz. Em 1988, para comemorar os cinco anos de música ao vivo, veio mais um projeto ousado, o Cinco Estrelas. Uma de cada vez, em apresentações solo, durante uma pequena temporada, de três ou quatro dias cada uma, contando histórias, relembRANDO sucessos, lançando outros. E assim vieram Joyce, Cláudio Nucci, Lô Borges, Leila Pinheiro e Tunai.

Joyce fez lançamento nacional do seu disco em homenagem a Vinicius de Moraes. Cláudio apresentou novos trabalhos. Lô, acompanhado pelo irmão Marilton, mostrou como é agradável ouvir o compositor interpretando suas obras. Leila surpreendeu quem não a conhecia como compositora e instrumentista, além de excelente cantora. Grandes momentos musicais em perfeita interação artista-público.

A cidade não permaneceu indiferente a toda essa energia. As rádios ampliaram o espaço destinado aos artistas do projeto e a imprensa deu-lhes grande cobertura, com chamadas de primeira página e entrevistas de página inteira. Todas as cinco estrelas iniciais retornaram a Vitória, apresentando-se no Terra Viva ou em outros locais.

Hoje temos na Grande Vitória outras casas em que a boa música é a atração, cada uma com seu estilo e valor próprios. Novos trabalhos musicais, novas for-

mações de grupos, a renovação é constante.

Daquela turma do Terra Viva, sabe-se que o Corda e Chão nunca mais se reuniu. O Quarteto JB teve alguns reencontros, mas não se sabe quando isso acontecerá de novo, cada integrante tem outras atividades. Não estão mais entre nós: Dóris, do Scala Vocal, Maurício de Oliveira, Pedro Caetano e Valtinho. Rosana Brito foi morar em Juiz de Fora e faz um belo trabalho com o grupo Lúdica Música, que há tempos não se apresenta por aqui. Marcus Levy está mais longe, mora em Portugal e pode ser visto no Youtube, em trabalhos para a TV de lá. Carlos Papel permanece em atividade, com novos e bons discos e shows. O grupo Ímã, mesmo às vezes desfalcado do percussionista Dão, leva um público fiel às suas apresentações com Fábio e Edésio. Zé Lopes esteve um pouco afastado dos palcos por motivos pessoais, mas às vezes retorna.

Lígia e Beto, cada um em seu caminho, não se afastaram das artes. Ela era sócia proprietária de uma bela pousada e cerimonial em Manguinhos, com aulas de yoga, meditação e relaxamento, mas infelizmente já encerrou sua carreira aqui na Terra. Beto continua compondo e gravando suas canções.

O espaço físico do Terra Viva não existe mais. Mas a sua safra de boa música permanece viva na colheita dos artistas que ali se apresentaram e no seu público. Uma parte da vida musical da ilha aconteceu ali.

## EM MARCHA LENTA

Entre as muitas formas musicais que alimentam o nosso caldeirão cultural, as marchas desempenharam um papel muito interessante e foram se transformando a ponto de muitas vezes não serem facilmente identificadas como tal. Sua origem militar é clara, os compassos podem ser acompanhados na contagem um, dois, três, quatro. No Carnaval, antes mesmo das escolas de samba, os blocos eram chamados de ranchos, seus integrantes usavam fantasias luxuosas e sua trilha sonora eram as marchas-rancho, um pouco mais lentas que as originais militares e com letras românticas. No Nordeste, as marchas se aceleraram e deram origem ao frevo, incorporando na dança os passos dos capoeiristas que abriam caminho para as bandas. Em todo o país, a aceleração das marchas trouxe as marchinhas, com letras mais curtas e irreverentes.

Algumas marchinhas se eternizaram na memória popular e são cantadas até hoje, mesmo com o surgimento de novas a cada ano, mas sempre ficam limitadas ao período carnavalesco. Juntamente com os sucessos instantâneos, como “Lepo lepo” e “Ai se eu te pego”, é quase impossível passar um Carnaval sem ouvir “Aurora, se você fosse sincera”, “Taí, eu fiz tudo pra você gostar de mim”, “A estrela Dalva no céu despen-ta”. E também as tradicionais marchas-rancho, muitas



na voz da estrela Dalva de Oliveira, a “Máscara negra”, de Zé Kéti, e tantas outras.

Enquanto isso, a marcha como forma musical foi sendo utilizada em todos os movimentos musicais surgidos fora do Carnaval. Na Bossa Nova, Carlos Lyra e Vinícius de Moraes fizeram a “Marcha da Quarta-Feira de Cinzas”. O mesmo Vinícius já tinha se apropriado de uma cantata de Bach para fazer o “Rancho das flores” e, numa rara parceria com Ary Barroso, fez também o “Rancho das namoradas”. Em plena Jovem Guarda, Ronnie Von fez sucesso com “A Praça”, de Carlos Imperial, e Roberto Carlos fez “Oh, meu imenso amor” com o parceiro Erasmo. Caetano Veloso disfarçou com guitarras elétricas sua marcha “Alegria, alegria”, inaugurando o Tropicalismo, mas já tinha lançado em seu primeiro disco a marcha “Coração vagabundo”, sucesso até hoje no repertório de nossas melhores cantoras. A primeira canção gravada do iniciante compositor Chico Buarque foi a “Marcha para um dia de sol”, pela cantora Maricenne Costa. Uma das mais belas canções do mesmo compositor, muitos anos mais tarde, é “Futuros amantes”, também no formato marcha. E não se pode esquecer da genial “Noite dos mascarados”, sucesso do mesmo Chico, fora do Carnaval, narrando uma cena carnavalesca. João Bosco e Aldir Blanc falaram dos boias-frias no “Rancho da goiabada”. E Rita Lee, hein? Vestiu ou disfarçou de rock marchinhas como “Lança-perfume”

e “Banheira de espuma”.

Entre os capixabas, uma marcha-rancho emblemática foi vencedora de importante festival nos anos 1960, “Meio-mastro”, de Chico Lessa e Tina Tironi, gravada anos depois por Waleska e, mais recentemente, por Andréa Ramos. A cantora Eliane Gonzaga escolheu esse formato para sua única composição gravada, “Reencontro”, com letra de Cláudio Abreu. E tem mais uma bela marcha-rancho no disco de Cariê Lindenberg, sua canção “Paz cantora”, na voz de Daumiele.

Com tantos exemplos assim, seria de se supor que nossos compositores, veteranos ou não, revisitassem de vez em quando essa forma musical. Curiosamente, isso não vem ocorrendo. Outro dia encontrei o Chico Lessa, autor fértil de centenas de composições, e lhe fiz a pergunta à queima-roupa: depois de “Meio-mastro”, com Tina Tironi, você fez mais alguma marcha-rancho? O compositor, que sempre tem resposta rápida e precisa para tudo, surpreendeu-se: “É mesmo! Nunca mais! Não sei por quê”. Nem ele, nem os outros compositores, há algum tempo. Parece que a marcha-rancho está caindo no esquecimento como forma musical, virou coisa do passado, intocável.

E, no entanto, como diz a citada “Marcha da Quarta-Feira de Cinzas”, “É preciso cantar e alegrar a cidade”. Então, por favor, prezados compositores, peço que continuem a marchar na música popular brasileira.

## SOU MARIA CIBELE

Meu nome é Olímpia Felício de Souza, nasci em Itaguaçu, em 1926. Fui para Vitória em 52 e passei num teste de cantora na Rádio Espírito Santo. O superintendente era Colares Júnior e me deu o nome de Maria Cibele. Eu vou lá saber por que ele me deu esse nome? Cantei muito na Rádio Espírito, fiz sucesso, tive meus galardões, minhas faixas, meus prêmios.

Quando tinha 60 anos, mereci duas páginas do livro Música Popular Capixaba, de Osmar Silva, onde ele conta sobre o acidente automobilístico que sofri em 1955. Escapei da morte, quem não escapou foi o pistonista Mundico, um dos maiores incentivadores que tive e um dos grandes músicos da Rádio.

Depois do acidente, parei de cantar por um bom tempo, mas voltei em 1968, num festival no qual recebi o prêmio de melhor intérprete.

No ano seguinte, tive mais duas tristezas: a morte de Colares Júnior e a demolição do auditório da Rádio, que tinha 350 cadeiras. Fui transferida para o funcionalismo público estadual e não me adaptei a esse trabalho. Continuei participando de festivais, concursos carnavalescos e shows no Teatro Carlos Gomes, nas séries Noites Capixabas, em 1977, e Projeto Muqueca, em 1978.

Gravei meu único elepê aos 62 anos, com o regional Chorões da Ilha e convidados, uma produção dirigida por Afonso Abreu.

Aos 77 anos, recordei minha vida numa entrevista gravada por Rogerinho Borges. Lembrei que tive grandes amigos e fãs. Conteí que era bonita, formosa, esguia, cantei com o regional de Maurício de Oliveira e com Hélio Mendes, na Rádio Espírito Santo, lá na Avenida Capixaba. Era a única rádio de Vitória e tinha um cast maravilhoso, não devia favor nenhum à Rádio Nacional, tinha Bóris Castro, Glória, Creuza, que depois virou Zora Yonara, Robélia e mais dois rapazes de quem eu não me lembro. Eu cantava nos programas “Paraíso Infantil” e PRI9.

Fui tetracampeã de Carnaval, eu me vestia muito bem, me calçava muito bem. Sempre gostei de cantar e fiz muitos shows, fui muito conhecida em Vitória. Cantava como crooner nos clubes Saldanha, Vitória, Álvares Cabral, Náutico e Centenário. Cantei para o governador Francisco Lacerda de Aguiar, que me deu muito apoio.

Eu gostava dos compositores Antonio Maria, de “Ninguém me Ama”, e Luiz Bonfá, “De cigarro em cigarro”.

Nunca tive alegria, tinha momentos felizes, fui muito aplaudida, mas nunca tive alegria, porque era sozinha, os irmãos e parentes me abandonaram porque naquela época a cantora era considerada mulher à

toa, tinha nome feio.

Agora tenho 88 anos, estou asilada há três ou cinco anos na Casa do Idoso em Ecoporanga. Sou muito bem tratada por Cleide e Ana Paula. Há dias me avisaram que fãas viriam de Vitória para me ver. Fiquei contente, contando os dias. Hoje Cleide me arrumou, um vestido colorido e bonito, e me penteou. Meu cabelo ainda é muito bonito, todo branco. Preferi não tomar café antes de eles chegarem, para não me sujar.

Gostei de vê-los, mas fiquei um pouco envergonhada por não ter dentes. Mesmo assim, tentei falar com os visitantes: Eliane, também cantora, o professor Joelmo, o músico Victor Humberto e Tarcísio, pesquisador musical. Pediram-me para cantar. Fiquei tão nervosa que comecei num tom muito baixo, então comecei de novo, cantei “Mensagem”. Esqueci a letra, então recomecei e consegui terminar. A cadeira de rodas me machuca, mas não podia decepcionar meus fãas, eles vieram de longe. Cleide contou que eu gostava de falar palavrão e fazer gestos obscenos, então mostrei para eles. Tarcísio trouxe um desses discos modernos e pequenos, com as músicas que gravei no elepê, e ficamos ouvindo. Fiquei orgulhosa de o pessoal do asilo me ouvir. Só fiquei triste e chorei ao me perguntarem pelo Mundico, tenho muita saudade dele. Mas gostei de lembrar do Afonso Abreu. Gostei também dos olhos de japonês do Joelmo, pisquei para ele. Pedi a Eliane que me levasse para ver o mar, não

sei se ela poderá fazer isso.

Eles se despediram, então voltei para o meu quarto e minhas lembranças, tudo o que me resta.

Sou Maria Cibele.

22/03/2014.

---

*A cantora Maria Cibele, ou Olímpia Felício de Souza, a eterna rainha do rádio capixaba desde os anos 1950 e tema deste texto publicado no Caderno Pensar de A Gazeta, em 5 de abril de 2014, encerrou sua carreira aqui na Terra quase um mês depois, em 3 de maio, na Casa do Idoso, em Ecoporanga. Tinha 88 anos e se eternizou na memória afetiva de quem a ouviu e em nossa história cultural.*

## QUEM INVENTOU A BAHIA

“Quem foi que inventou o Brasil? / Foi Seu Cabral! / No dia 21 de abril / Dois meses depois do Carnaval” – diz uma antiga marchinha carnavalesca de Lamartine Babo. Com a mesma liberdade poética, quem inventou a Bahia foi Seu Caymmi, nascido em 30 de abril, dois meses depois do Carnaval. Há mais de cem anos, em 1914.

Dorival Caymmi inventou a Bahia com suas canções praieiras, divulgadas inicialmente nos anos 1930, numa rádio de Salvador, e também a baiana tipo exportação, personificada por Carmem Miranda. Além de compor e gravar com ela a canção “O que é que a baiana tem”, em 1940, sugeriu-lhe a performance.

As cenas baianas estão presentes na obra do compositor de tal forma que ele próprio se tornou um personagem, do qual há histórias deliciosas, como a da criação de “João Valentão”, que teria demorado mais de dez anos. A primeira parte, em andamento rápido, já estava pronta: “João Valentão é brigão / Pra dar bofetão / Não presta atenção e nem pensa na vida / A todos João intimida / Faz coisa que até Deus duvida”. A ideia para a segunda só veio muito depois, vendo o chamego de um casal na praia: “É quando a morena se encolhe / Se chega pro lado querendo agradar”. Talvez a lendária preguiça baiana seja também um caymmis-

mo, na mesma canção: “Se a noite é de lua / A vontade é contar mentira / É se espreguiçar / Deitar na areia da praia / Que acaba onde a vista não pode alcançar”. Coerentemente, o autor se definia como um bocejo.

A descrição de cenas assim na obra musical de Caymmi permite associá-la com outra manifestação artística à qual ele também se dedicou, a pintura, cujos resultados podem ser vistos nas capas de alguns dos seus discos.

Na literatura, a amizade do compositor com o escritor Jorge Amado levou o primeiro a musicar versos do segundo, extraídos do romance *Mar morto*: “É doce morrer no mar / Nas ondas verdes do mar”. O escritor acrescentou versos e assim nasceu mais um clássico da nossa música.

Um personagem do mesmo escritor inspirou outro clássico caymmiano, “Modinha para Gabriela”, tema de novela da TV. Os versos “Eu nasci assim eu cresci assim e sou mesmo assim / Vou ser sempre assim” levaram à criação da “síndrome de Gabriela” para descrever pessoas resistentes a mudanças.

As novelas e séries televisivas permanecem sendo ótimos veículos para as canções de Caymmi, desde “Gabriela” até a posterior “Joia rara”, cuja trilha sonora incluiu “Não tem solução”, uma parceria com Carlos Guinle gravada primeiro em 1950.

Sobre temas televisivos, Danilo Caymmi, filho de Dorival, contou uma história interessante duran-



te um show na extinta casa de espetáculos Bordel, em Jardim da Penha. Em 1992, a Globo estava para lançar uma série inspirada no romance *Teresa Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado, e encomendou a Danilo um tema musical. Apesar do curto prazo, ele convidou o pai para uma parceria, proposta prontamente aceita com uma condição: reler o livro, de 1972. O filho entrou em pânico, lembrando da famosa velocidade do pai e do número de páginas do livro, quase 500. Mas a canção ficou pronta em tempo: “Vamos falar de Teresa”. Danilo contou também, nesse show, que na Bahia existem três velocidades: lenta, lentíssima e Dorival Caymmi.

O sucesso de Gal Costa cantando “Modinha para Gabriela” na novela de 1975 levou-a a gravar, no ano seguinte, o disco “Gal canta Caymmi”, com repertório do show de mesmo nome e a participação do compositor. Esse show foi apresentado em Vitória, no Teatro Carlos Gomes, quando Caymmi se encantou com a afinação da plateia, cantando junto com ele, e também com a hospitalidade capixaba, na casa de Marien Calixte.

Naquele tempo, ainda não eram comuns no Brasil os songbooks, discos dedicados a um compositor. Depois, a obra de Caymmi teve bons CDs desse tipo lançados por Claudio Nucci, Juliana Silveira, Olivia Hime, Paulo Moura, Rosa Passos e Tomás Improta, além dos filhos Nana e Dori, isoladamente ou junto com o irmão Danilo.

A expressão “songbook” por aqui é associada ao produtor Almir Chediak, responsável pelo lançamento de livro com partituras e um ou mais CDs por compositor, com novas gravações de cantores diversos. No caso de Caymmi, foram quatro CDs, com 82 canções e intérpretes desde Cássia Eller até Nelson Gonçalves, passando por Tom Jobim.

O maestro, aliás, gravou em seu último disco a canção “Maricotinha” com a participação do autor, Dorival Caymmi. Mais um exemplo da velocidade do compositor baiano, a canção demorou anos para ser concluída e é de uma simplicidade tocante: “Se fizer bom tempo amanhã / Se fizer bom tempo amanhã / Eu vou!... / Mas se por exemplo chover / Mas se por exemplo chover / Não vou!...”. Gravada também por Maria Bethânia, foi título de CD e show da cantora. Para o autor, que sempre perseguiu a simplicidade, uma canção como “Ciranda, cirandinha” era a meta.

As obras musicais de Jobim e Caymmi já tinham se cruzado antes, na gravação do disco “Caymmi visita Tom”, em 1964, do qual participaram a esposa de Caymmi, Stella, e os filhos Dori, Nana e Danilo. Dorival conheceu a cantora Stella Maris na Rádio Nacional, em 1939, os dois se casaram em 1940, mas ela abandonou a profissão, permanecendo junto com ele até a morte dela, dez dias antes dele, em 2008.

Além dos citados songbooks de Caymmi, uma oportunidade para conhecer a obra do compositor

baiano é o box com sete CDs, contendo quase toda a sua obra, intitulado *Caymmi amor e mar*. São 162 faixas e algumas canções têm mais de uma interpretação. Entre as raridades do box, destaca-se o disco *Ary Caymmi e Dorival Barroso*, no qual cada compositor interpreta músicas do outro, em gravações lançadas num LP de 1958.

Outro grande compositor cuja obra se cruza com a de Caymmi é Vinícius de Moraes, no disco e show *Vinícius e Caymmi no Zum Zum*, em gravação de 1962.

A obra de Caymmi só pode ser considerada menor em termos de quantidade: ele viveu 93 anos e deixou pouco mais de uma centena de canções, quer dizer, não atingiu a média de duas por ano. Outro grande compositor baiano, Caetano Veloso, em mais de 70 anos de vida fez mais de 800 músicas, mais de dez por ano. Segundo a Wikipédia, Caetano disse uma vez: “Escrevi 400 canções e Dorival Caymmi 70; mas ele tem 70 canções perfeitas e eu não”. Se é ele quem diz...

Há também o bom humor do Caymmi, como na hilária letra de “Fiz uma viagem”, cujo último verso é “E deu mofo na farinha”. Ele invertia as palavras e forçava o cacófono: “E mofo deu”.

Dorival contava que, na letra da canção *Marina*, inspirou-se na expressão muito usada pelo filho Danilo, quando criança: “Estou de mal com você”. Consta que dona Stella nunca acreditou muito nisso e uma vez, após um show, Dorival fugiu assustado de um

cabra violento, com um revólver, que se apresentou como o marido da Marina.

Aqui em Vitória, essa música inspirou o professor Luiz Paixão, que deu aula de inglês para quase todos nós, a fazer uma versão nesse idioma, que começa assim: “Marina, the queen of the samba and tropical style”. O professor não conta se a inspiração veio somente da música do Caymmi, mas a sua versão pode ser vista e ouvida no Youtube, na voz do autor, acompanhada pelo violonista Victor Humberto, também editor das imagens.

(<https://www.youtube.com/watch?v=Kv01TNNYsg4>).

## O POEMA QUE VIROU CIRCO

“Respeitável público: o maior espetáculo da Terra apresenta a metamorfose de um poema em belas canções, balé, teatro, enredo de escola de samba e filme. É *O Grande Circo Místico*”.

O poema com esse nome tem 47 versos e a história de amor entre uma acrobata e um médico aristocrata, no livro *A túnica inconsútil*, de 1938. Seu autor é o alagoano Jorge de Lima, que além de poemas escreveu romances, aventurou-se nas artes plásticas e foi tema da Escola de Samba Mangueira em 1973. O poema virou canções, que viraram balé. Em 1982, os diretores do Teatro Guaíra, de Curitiba, encomendaram a Edu Lobo músicas instrumentais para um balé, mas o compositor sugeriu que elas tivessem letras. Sugestão aceita, ele convidou Chico Buarque para fazê-las, consolidando assim uma prodigiosa parceria, que até aí criara apenas uma canção. O trabalho durou meses e resultou em números musicais primorosos, apresentados no balé e em LP de 1983, livremente inspirados no poema. Até o nome da protagonista foi modificado, de Agnes para Beatriz, pelo bem da prosódia musical.

As canções ganharam independência, em especial “Beatriz” e “A história de Lily Braun”, com diversas interpretações. Houve quatro relançamentos em CD, um na França, em 1988 e os outros no Brasil, em

1993, 2002 e um mais recente. O de 93 teve mais duas músicas, “Oremus” e “O tatuador”. A partir de 2002, há novos temas instrumentais, inclusive “Beatriz”, com Tom Jobim ao piano.

Em 2000, o conjunto de canções foi reinterpretado em apresentações comandadas pelo pianista e orquestrador Nelson Ayres, uma das quais gravada ao vivo em um CD distribuído somente para clientes da empresa patrocinadora.

Em 2002, o Guáira teve outra versão de sucesso para o balé.

De 2007 a 2008, o grupo mineiro Voz e Companhia fez uma adaptação cênico-musical e regravou a trilha completa do Circo.

As metamorfoses do Circo continuam. Em 2002, virou enredo da Mocidade Independente de Padre Miguel, que com ele obteve o quarto lugar do desfile carioca e, em 2011, foi reprisado pela sua escola mirim.

Em 2014, mais de 30 anos após a criação das canções, Cacá Diegues começou a executar seu projeto de filmar o Circo. O Teatro Net Rio exibiu naquele ano um espetáculo com uma nova perspectiva, levando para a dramaturgia os personagens das canções, com a participação da atriz Isabel Lobo, filha de Edu, também produtora associada e autora da iniciativa. Longe de ser apenas mais um musical (neste país, que atualmente é o terceiro produtor mundial nesse formato), a peça surpreende com a competente execução de nú-

meros circenses pelo mesmo elenco que canta, dança e representa. A magia do circo, ao custo de três milhões de reais. O mastro desse “Grande Circo Místico” é sua trilha sonora, formada por magníficas canções criadas com maestria por Edu Lobo e Chico Buarque, nas quais o encantamento do circo é traduzido e interpretado em discos e teatros.

Depois dessas, Edu e Chico fizeram e continuam fazendo outras preciosidades, em dupla ou com outros parceiros, para teatro ou não. Na canção “O circo místico”, canta-se “Não / Não sei se é um truque banal / Se um invisível cordão / Sustenta a vida real”. Com certeza, a carreira do “Circo Místico”, em todas as suas performances, não se sustenta em truques banais, e sim na mística parceria dessa dupla, unida pelo invisível cordão da genialidade.

## O CAÇADOR SEM RECOMPENSAS

Em Santa Teresa, “Era um garoto que como eu, amava os Beatles”. Eu detestava os Rolling Stones, mas ele amava esses e toda a quadrilha, quer dizer, a Jovem Guarda e tudo o que veio antes e depois. Era o filho do Seu Vitinho, intelectual, poeta e professor.

O filho, que os teresenses e amigos chamam de Bitu, tinha a bicicleta mais bonita da cidade e gostava de caçar borboletas, talvez influenciado pelo vizinho ilustre, conhecido como Gúti, nada menos que o grande Augusto Ruschi. Bitu chegou a estudar entomologia e teve sua própria coleção de insetos embalsamados. Sua atenção se dividia entre as borboletas, a filha de outro vizinho (hoje sua esposa) e... a guitarra elétrica! Por ser “dimenor”, precisou da permissão do pai para tocar em bailes e logo formou seu primeiro conjunto, Os Protótipos.

Bitu virou Victor Humberto Salviato Biasutti quando desceu para Vitória, como dizem os teresenses. Aqui concluiu os estudos anteriores ao vestibular e foi para Santa Rita do Sapucaí, cursar o Inatel e se tornar engenheiro eletrônico. De volta a Vitória, atuou como empresário e há muitos anos é diretor administrativo do Centro Educacional Leonardo Da Vinci.

Não se pode dizer que nesse ínterim ele tenha se mantido longe da música. Como estudante, não falta-



vam oportunidades para tocar, sozinho ou em grupo. E na direção da escola, participa de projetos com os professores de música.

Então, com o nome reduzido para Victor Humberto, ele passou a atuar também como músico e produtor musical, com presença ativa em nosso cenário cultural, em grupos com formações diversas, mostrando competência na guitarra e no contrabaixo.

Mas agora, em vez de borboletas, Bitu resolveu caçar e colecionar registros musicais: imagens e sons. Junto com a obstinação e o perfeccionismo de um bom colecionador, a formação acadêmica e a aptidão técnica lhe facilitaram a evolução do processo desses registros.

Com o incentivo e a autorização dos músicos e cantores, passou a gravar ao vivo o áudio das apresentações, em equipamentos que eram modernos e hoje são obsoletos, os “minidiscs”. Logo essas gravações passaram a ser arquivadas em CDs e discos rígidos (HDs).

O primeiro registro de imagens veio por acaso, quando passou a ter uma dessas máquinas digitais que fotografam e filmam. Tocou em um show numa casa de espetáculos e pediu que um amigo filmasse. Depois, editou com um recurso computacional básico, o “Windows Movie Maker”. Achou o resultado razoável e postou no Youtube, despretensiosamente.

Entrou então numa ciranda: para melhorar as imagens, precisou de máquina fotográfica com mais recursos. Para melhorar o áudio, em vez da captação direta

da máquina, que registra todos os ruídos próximos, voltou a gravar da mesa de som, com equipamento digital de melhor qualidade. Mas aí virou vício, precisou de um melhor software de edição para juntar imagens e sons. Melhor software requer computador melhor. Em vez de máquina fotográfica, passou a usar filmadoras, com mais sensibilidade e mais recursos. Que também demandaram computador melhor. Hoje, usa até quatro filmadoras em “Full HD” e várias pistas de áudio, mixadas posteriormente. O trabalho de edição é demorado, mas vale a pena. Em outubro de 2017, VH já contabilizava mais de 400 filmes, com músicos tocando na Grande Vitória, e mais de 300 mil acessos no Youtube. Dos 192 países que existem no mundo (segundo a ONU), 134 acessaram esses filmes, que contam com muitos músicos capixabas, alguns de outros estados e até mesmo do exterior, quando nos visitam. Assistir a qualquer desses filmes é muito fácil, basta pesquisar no Youtube os nomes “Victor Humberto” e, opcionalmente, algum músico ou cantor.

O curioso de tudo isso é uma iniciativa particular preencher uma parte importante da grande lacuna que temos em nossos registros históricos musicais. Quando, finalmente, tivermos nosso Museu da Imagem e do Som (teremos?), muitas imagens e sons da nossa história musical já terão sido caçadas e divulgadas por Bitu, ou melhor, Victor Humberto.

## O ARTILHEIRO DA MPB

Vitória, 14 de junho de 2014.

Ilmo. Sr. Luiz Felipe Scolari,

Já que nós, brasileiros, nos consideramos técnicos de futebol, venho mui respeitosamente requerer a inclusão do Chico Buarque no seu grupo que ora representa nossa pátria de chuteiras. Não adianta usar o argumento da idade, sei muito bem que ele vai fazer 70 anos. Esse é facilmente descartado, em vista dos que passo a enumerar, nesta minha pacífica manifestação.

Começo com o preparo físico. O senhor já viu como ele é magérrimo e anda lépido? Fico exausto só de ver filmes que mostram suas caminhadas na praia ou em Paris, certamente ele seria capaz de jogar 90 minutos e até prorrogações.

Passemos à experiência esportiva: ele começou dentte-de-leite, conforme conta na canção “Doze anos”: “Ai que saudades que eu tenho duma travessura / O futebol de rua” – cantada em tabelinha com Moreira da Silva, seu professor de malandragem, necessária para ser catimbeiro. Ganhou experiência internacional disputando o Campeonato Italiano de Dilettantes e nas peladas, durante excursões internacionais.

Vamos agora ao conhecimento técnico e histórico, nos aspectos literário e musical.

O senhor sabe os nomes dos jogadores da Seleção Húngara vice-campeã mundial em 1954? Duvido. Pois o Chico sabe e os usou para nomear personagens do seu livro “Budapeste”.

Ainda no aspecto literário, são geniais as crônicas que ele escreveu para jornais brasileiros comentando a Copa do Mundo de 1998, na França, lembra?

Quanto ao aspecto musical, o senhor conhece algum compositor que tenha usado mais o futebol nas suas obras? Nem Lamartine Babo, que fez os hinos para os clubes cariocas, chegou perto dele, autor até de uma canção chamada “O futebol”, na qual compara esse esporte com a pintura. Nessa mesma canção, ele descreve uma troca de passes entre os craques Didi, Mané (Garrincha), Pagão, Pelé e Canhoteiro. O senhor seria capaz de imaginar uma jogada dessas, seu Felipão? E rimar futebol com rock’n’roll, como ele fez em “Meu caro amigo”, mais uma tabelinha dele com o Francis Hime? Tudo bem, o cara é fera em rimas. Mas precisa ter conhecimento de futebol internacional para fazer essa, em “Biscate”: “Quem te mandou tomar conhaque / Com o tíquete que te dei pro leite / Quieta que eu quero ouvir Flamengo e River Plate”. Se alguém lhe disser que essas canções são antigas, peço-lhe ouvir o mais recente CD do compositor, *Chico*, com citações futebolísticas nas faixas “Barafunda” e “Sem você número 2”.

Permita-me lembrar outras importantes características do nosso craque. Ele conhece a administração do esporte, como proprietário de um time e um estádio:

o Politheama e o Centro Recreativo Vinícius de Moraes. O primeiro cultiva a fama de não perder, segundo seu hino, e o segundo já foi pisado por grandes atletas, da música e do futebol, de Pelé a Ronaldo, embora o Chico reine absoluto na camisa 9. Como profundo conhecedor do futebol, nosso candidato inspirou-se nele, enquanto morava na Itália, e criou um jogo de tabuleiro chamado Ludopédio, lançado no Brasil. Provavelmente, usou ali a grande habilidade adquirida nos campeonatos com o seu time de botões, outra grande escola.

E o sucesso com as mulheres? Enquanto Neymar não chega a ser exatamente uma unanimidade, o dono dos olhos ardósia (verdes ou azuis?) faz tanto sucesso que alguém já disse que todo homem brasileiro é corno, porque nossas mulheres só estão conosco porque não podem estar com Chico Buarque. Então, sua presença na seleção seria uma atração a mais para esse público.

Se ainda lhe resta alguma dúvida, meu caro, sugiro-lhe o DVD *Chico – o futebol*, à venda nas lojas do ramo, com duas horas de música e futebol. Ou sugiro ouvir também as dezenas de canções do Chico com referência ao futebol, provavelmente mais numerosas até que aquelas dedicadas à alma feminina.

Nesses termos, peço deferimento e suplico que considere o fato de este requerente não entender nem de futebol nem de música, ser apenas um apreciador dessas artes, que têm em comum, conforme demonstrado, o nosso artilheiro Chico Buarque.

## PÁTRIA AMADA, GOIABADA

“Ô virundum Ipiranga as margens plácidas” – a cada quatro anos, o hino nacional brasileiro é lembrado por causa da Copa da Fifa e nem sempre sua letra é cantada corretamente. Ele até passou a ser chamado de “virundum” e, por extensão, assim é apelidada também a letra de qualquer música, se cantada com erro. Na Copa de 2014, o virundum criado pela capixabinha Marina Borges, de 5 anos, alcançou fama na Internet e chegou ao “Fantástico”, popularizando a expressão “Pátria amada, goiabada” em vez de “Pátria amada, idolatrada”

Virunduns acontecem com quaisquer cantores, em especial os amadores de banheiro. Mas também com os profissionais, principalmente onde a música ao vivo se estende por muitas horas, com mais de cem canções. Haja memória para quem não tem o recurso do teleprompter e já que as pastas com letras carecem de boa iluminação.

Certos virunduns já fazem parte do anedotário e não têm origem confirmada. Há quem jure ter ouvido “dragão com a toalha no braço” em vez de “dragão tatuado no braço”, na letra de “Menino do Rio”, de Caetano Veloso. A obra de Belchior já teve deturpações semelhantes, em “Como nossos pais” o verso é “Mas é você / Que ama o passado / E que não vê / Que o novo sempre vem”. Mas vira “Mas é você

/ Que é mal passado / E que não vê / Que o novo sempre vem”. Em “Divina Comédia Humana”, em vez de “E aí um analista amigo meu”, ele parece dizer “E aí um analista me comeu”.

Talvez o virundum mais famoso venha dos anos 1980, com mais de uma geração cantando “Na madrugada a vitrola / Rolando um blues / Trocando de biquíni sem parar”, em vez de “Tocando B.B. King sem parar”. A canção é “Noite do prazer”, de Claudio Zoli. Contudo, existem virunduns também em gravações profissionais, de renomados intérpretes, o que não desmerece seus trabalhos, mas a troca de algumas poucas palavras pode alterar significativamente o sentido. Em “Canção da América”, de Milton Nascimento e Fernando Brant, Elis Regina cantou “amigo é coisa pra se guardar / [...] / A se falar na canção”, e o certo é “Assim falava a canção...”. Outro verso alterado por essa grande cantora está em “Oriente”, composição de Gilberto Gil lançada por ele em 1972 e gravada por Elis no ano seguinte. O correto é “A aranha vive do que tece”, Elis gravou “a aranha duvido que tece”, o que não faz sentido. Essas gravações foram feitas em estúdio, quer dizer, teria dado tempo para consertar. Será que ninguém percebeu?

Mesmo nas gravações feitas ao vivo, isso sempre é possível, até porque os shows são gravados em vários dias, dá para escolher a melhor gravação. Em 1999, Caetano Veloso fez muito sucesso com a gravação ao

vivo da canção “Sozinho”, de Peninha, que já tinha sido gravada antes por Sandra de Sá e Tim Maia. Como a gravação do baiano fez mais sucesso, ficou parecendo que a letra correta é como ele canta. Segundo gravado pelo autor, é “Eu tenho meus desejos e planos secretos”, e Caetano cantou “Eu tenho meus segredos e planos secretos”, cometendo aí uma redundância. Caetano é autor de “Força estranha”, em homenagem a Roberto Carlos, gravada pelo homenageado e por Gal Costa em 1978 e 79, as duas gravações fizeram muito sucesso. Em 2001, Gal fez outra gravação em que o menino continuou correndo, mas a cantora escorrega numa palavra que altera todo o significado de um verso. Em vez de cantar “Eu vi muitos cabelos brancos na frente do artista”, Gal Costa mudou para “fonte do artista”, fica difícil imaginar por que a fonte do artista teria cabelos brancos. Há muitos outros casos assim.

Todos nós já cometemos um virundum sem perceber. “Parabéns a você” é uma das canções mais executadas no Brasil desde 1942, quando foi feito um concurso para escolher a letra para a música americana original. A vencedora foi a paulista Bertha Homem de Mello, que faleceu em 1999, inconformada por ouvir “Parabéns pra você” e “muitas felicidades”, em vez de “Parabéns a você” e “muita felicidade”, como ela criou.

Então, nas disputas futebolísticas da nossa seleção, sempre haverá alguém para cantar “Pátria amada, goiabada” em vez de “Pátria amada idolatrada”.



## ALÉM DE TUDO, FALTOU MÚSICA

A Copa Mundial de Futebol de 2014 ficou marcada para nós, brasileiros, por uma derrota histórica e pela ausência do nosso maior craque na reta final. Lamenta-se, contudo, outra ausência importante: a de um tema musical forte, impactante, cantado por todos, a ser lembrado muitos anos depois. Por enquanto, isso só aconteceu três vezes.

Mesmo quem não era nascido em 1958, quando a Seleção Canarinho venceu o torneio pela primeira vez, na Suécia, já deve ter ouvido e cantado “A taça do mundo é nossa / Com brasileiro não há quem possa”. Essa marchinha tem quatro autores: Wagner Maugeri, Maugeri Sobrinho, Victor Dago e Lauro Müller. Foi gravada naquele ano por um grupo paulista de músicos e cantores cegos, os “Titulares do Ritmo”. Sobrinho compôs também o hino do Santos Futebol Clube e o jingle da campanha de Jânio Quadros à presidência da república, em 1960: “Varre, varre, vassourinha / Varre, varre a bandalheira”. Várias regravações do tema da Copa foram feitas até hoje, inclusive como funk por Ivo Meirelles & Funk’n Lata, 40 anos depois. Tem até um filme, escrito e estrelado pela turma do “Casseta e Planeta”, com o título desse tema.

O segundo grande tema brasileiro para a Copa do Mundo surgiu em 1970, com o tricampeonato no

México, e foi composto por Raul de Barros e Miguel Gustavo para as primeiras transmissões do evento pela televisão. O trombonista de renome e o dublê de publicitário e compositor venceram o concurso da cervejaria patrocinadora com uma introdução marcante e um tema arrebatador: “90 milhões em ação / Pra frente, Brasil / Salve a Seleção”. Miguel Gustavo foi autor de jingles para campanhas políticas de Juscelino Kubitschek, José Sarney e João Goulart, de vários sambas de breque gravados por Moreira da Silva e de pelo menos um clássico da música brasileira: “E daí”. Assim como o tema anterior, “Pra frente Brasil” também virou filme, em 1982, dirigido e escrito por Roberto Farias.

O terceiro grande tema foi criado diretamente para a televisão há mais de 20 anos. Tavito e Aldir Blanc fizeram “Coração verde-amarelo” para as transmissões da Globo na Copa em que chegamos ao tetracampeonato com o coração batendo a mil: “Eu sei que vou, vou do jeito que sei / De gol em gol, com direito a replay”. Tavito é autor de muitos jingles e pelo menos dois clássicos da nossa música, “Casa no campo”, em parceria com Zé Rodrix, e “Rua Ramallete”, com Ney Azambuja, canção que, desde 2004, tornou-se o hino oficial da cidade de Belo Horizonte. E Aldir Blanc tem vários clássicos, com João Bosco (“O bêbado e a equilibrista”) e outros parceiros. A canção “Coração verde-amarelo” ainda não deu origem a filme, mas algumas de suas notas são usadas como vinhetas

após os gols nas transmissões esportivas.

É certo que muitas outras canções sobre a Seleção Brasileira de Futebol e a Copa do Mundo foram feitas ao longo de todos esses anos, mas logo caíram no esquecimento. Em 2014, o tema oficial da FIFA é “We are one (Olê, olá)”, uma parceria entre Pitbull, Jennifer Lopez e Cláudia Leitte. Sem qualquer julgamento de mérito da canção ou dos compositores, não parece ter sido um sucesso, nem de longe, comparável ao das três anteriores.

Temos bons compositores, ligados ou não ao mercado publicitário, e têm sido feitos jingles de grande qualidade. Então, o que faltou para emplacarmos outro grande tema para a Seleção Brasileira na Copa? Mais uma vez, houve tentativas de adaptar canções de sucesso para motivar nossa Seleção, mas não rolou a festa e também fracassamos nesse quesito.

A luta pelo hexacampeonato foi adiada e muito precisa ser feito para que não se repita o vexame de 2014. Além de cumprir uma extensa lista de providências esportivas, faz-se necessário convocar nossos grandes compositores para a criação de um bom tema musical. Aqui, em Vitória, temos pelo menos um craque, o Carlos Papel, autor do jingle mais famoso de todos os tempos em nossa região, para uma rede de supermercados. Então, bola pra frente, pessoal!

## VAI PARA O TRONO OU NÃO VAI?

Muitos cantores têm em comum, nas suas biografias, a participação em programas de calouros, no rádio ou na televisão. Inicialmente, esses programas eram chamados de “peneiras”, palavra aí utilizada no sentido de seleção ou crivo. Uma das peneiras mais antigas foi a “Peneira de Ouro”, da Rádio Tupi de São Paulo, ainda nos anos 1930.

Em 1937, Ary Barroso passou a apresentar o programa “Calouros em Desfile”, inicialmente em emissoras de rádio e depois na tevê, chegando aos anos 1960 com o título de “Encontro com Ary”. Além de revelar talentos, como Elza Soares, Elizeth Cardoso e Lúcio Alves, o programa do Ary lançou o gongo como forma de interromper más performances de candidatos.

Em 1950, a Rádio Cachoeiro de Itapemirim tinha também o seu programa de calouros, muitas vezes vencido por um garoto de apenas 9 anos. Um tal de Roberto Carlos.

Nos anos 1960, os programas televisivos de calouros tiveram uma inovação criada pelo apresentador Flavio Cavalcante: um júri que comentava a apresentação dos candidatos, no programa “A Grande Chance”. Talentos capixabas que se destacaram nesse programa foram Antônio João, Rose Valentim e Luizinho Taj Mahal. Outras grandes vozes que tiveram ali sua grande chance

foram Alcione, Emílio Santiago e Áurea Martins. Flavio inovou também no tratamento respeitoso dispensado aos candidatos, diferentemente da galhofa que vinha sendo utilizada até então em outros programas.

Outros grandes sucessos nessa linha de atrações por muito tempo, a partir dos anos 1970, foram o “Show de Calouros”, de Silvio Santos, e a “Buzina do Chacrinha”, no qual o apresentador Abelardo Barbosa usava uma imensa buzina para interromper e reprovar candidatos, que muitas vezes eram ridicularizados. No “Show de Calouros”, a interrupção era feita pela cantora Aracy de Almeida, com uma campainha. Ambos os programas tinham também seus “júris”.

De 2002 a 2005, a TV Globo teve quatro temporadas do programa “Fama”, uma espécie de “reality show” em que os candidatos se apresentavam ao vivo para uma seleção feita por uma comissão julgadora e pelo voto da plateia. Curiosamente, o sucesso só veio mesmo para dois candidatos desclassificados no programa: Roberta Sá e Tiaguinho. Daqui de Vitória, a cantora Flavia Mendonça se destacou, mas também não foi classificada.

Em 2012, quando se pensava que os programas de calouros estavam fora de moda, apesar da persistência de apresentadores como Raul Gil, a Rede Globo lançou o “The Voice Brasil”, com muitas inovações no formato, adquirido de uma empresa holandesa.

Dois anos depois, a Globo lançou um novo musical, do tipo reality, dessa vez dedicado às bandas: o “Super

Star”, com muitos requintes tecnológicos para a votação da comissão julgadora e do público, usando a Internet.

Mas “Cantar é mover o dom / Do fundo de uma paixão” (Djavan). Então, nem sempre quem se inscreve nesse tipo de “peneira” busca alcançar o sucesso como artista, muitas vezes o motivo é meramente o prazer de cantar, para quem se dedica ou quer se dedicar a outra profissão. Candidatos assim surgiram também no projeto “Wunderbar Voice”, apresentado em 2014 no Wunderbar Kafee, na Praia do Canto.

Às bancas examinadoras dos programas desse tipo, cabe a responsabilidade de escolher quem vai para o trono ou não vai, como dizia o Chacrinha, mover o dom da paixão.

## O POETA DO CANTO BRASILEIRO

O canto brasileiro não seria o mesmo sem Paulo César Pinheiro, autor das letras de mais de mil e duzentas canções gravadas e umas oitocentas inéditas, com músicas de outros grandes criadores ou dele próprio. “Canto brasileiro” é também o título do seu livro de poemas, de 1976, e do soneto que abre o livro e foi declamado pelo autor no espetáculo e disco “O importante é que a nossa emoção sobreviva”, do poeta com Eduardo Gudin e Márcia. O poema termina assim: “Maldito ou bíblico, demônio ou santo / Cada país foi me emprestando um canto / E assim nasceu meu canto brasileiro”.

Numa sexta-feira de 2014, eu estava prestes a realizar um sonho acalentado há uns 40 anos. Lembrava da canção “Eu quero ser Paulo César Pinheiro”, de Gilson Soares e Peruca. Diferentemente desses versos, eu não queria ser o poeta. A mim, bastaria conversar com ele, ouvir suas histórias. E isso estava prestes a se tornar realidade, graças à articulação da cantora Eliane Gonzaga, confidente dessa minha aspiração, com o compositor Sérgio Souto, parceiro de Paulo. Mas o táxi que nos levava ao Café Lamas parecia não sair do lugar, preso no trânsito carioca, de modo que chegamos com um atraso de uns 50 minutos, temerosos de ter perdido o encontro. Contudo, lá estava o poeta a

nos aguardar, pacientemente, e logo a se mostrar um grande contador de casos, enriquecendo com detalhes os que já conhecíamos através do seu livro *Paulo César Pinheiro – histórias das minhas canções*, lançado em 2010 pela Editora LeYa.

Modestamente, ele admitiu ter sempre estado no lugar certo na hora certa, convivendo com seus ídolos. E assim, contou-nos da parceria, quando era muito jovem, com Baden Powell, e do ciúme que isso causou em Vinícius de Moraes. Das canções quando o violonista se separou da esposa, Teresa, e foram gravadas com enorme sucesso por Elis Regina. Aproveitei para perguntar como era a letra original de “Vou deitar e rolar”, porque em algumas gravações está “Todo mundo se admira da mancada que a Teresinha deu”, noutras é “... a mancada que a belezinha deu”. Com ar maroto, o autor declara ser “... a mancada que a madamezinha deu”. Quando Elis se separou de Bôscoli, encomendou ao Paulo uma canção nesse estilo, que ele prontamente fez com Baden: “Última forma”: “Você foi comum / Você foi vulgar / [...] / Porém pra mim você morreu / Você foi o castigo que Deus me deu”. Paulo conta que Elis ouviu a letra, ficou ainda mais vesga, não fez comentário e nem a gravação. Tempos depois, o autor lhe perguntou “Não achou bom o samba?”, e ela respondeu “Bom até demais, exagerou, esquece”, mostrando-se menos pimenta do que sua fama.



Quantos parceiros já teve o poeta? Mais de cem, responde ele, perdeu a conta. Quase todos os grandes compositores brasileiros. Qual o mais frequente? Até aqui, o mineiro Sérgio Santos, com quem tem mais de duzentas canções. E com Tom Jobim? O maestro era seu companheiro de bar, mas só propôs parceria depois de ouvir, num festival, “Sagarana”, de João de Aquino e P.C. Pinheiro. Na linha da canção em homenagem a Guimarães Rosa, surgiu “Matita Perê”, quase uma continuação, que deu título ao disco do maestro e foi a única dos dois. Mas Paulo observa se tratar de um divisor de águas na obra do maestro.

Falamos sobre alegres noitadas no Bar Santos, aqui em Vitória, em plena ditadura militar, quando eram cantados os versos de “Pesadelo”, que também serviram de motivo para muitas detenções do ator Milson Henriques, após declamá-los insistentemente em shows: “Você corta um verso, eu escrevo outro / Você me prende vivo, eu escapo morto”.

O assunto não tem fim, mas o encontro termina com o convite para uma visita do poeta à nossa ilha e, quem sabe, um espetáculo com versos malditos ou bíblicos, demônios ou santos. Porque, como ele sempre cantou e ainda ecoa na memória de todos que viveram aqueles tempos no bar Santos, no Lamas, no Capela, no bar Luís ou em outros redutos, “O importante é que a nossa emoção sobreviva”.

## OS CANTORES QUE VIRARAM PERSONAGENS

O centenário do nascimento de Aracy de Almeida, em 2014, fez lembrar muitas histórias a seu respeito, a maioria como “jurada” do programa de calouros do Sílvio Santos. Entre as suas pérolas, destaca-se o comentário sobre o desempenho de uma mulata do tipo boazuda: “Minha filha, tu levas quinhentas pratas, mas é pelo tamanho da jaca”. A imagem da cantora e compositora, conhecida como “o samba em pessoa”, amiga e intérprete de Noel Rosa, foi substituída em nosso imaginário pelo perfil de alguém mal-humorado, capaz de comentários ácidos sobre os candidatos ao estrelato. Suas biografias mostram que isso era parte de uma personagem criada por ela, para o público externo. De perto, era culta, inteligente, ouvinte de Debussy e colecionadora de quadros preciosos em sua casa, no bairro carioca que a tornou conhecida como “A Dama do Encantado”.

Araca, como também era chamada, não é o único caso de personagem criado para um artista da música popular brasileira. Um dos mais famosos foi o da baiana tipo exportação de Carmen Miranda, com a providencial ajuda de um baiano de verdade, Dorival Caymmi. “The Brazilian Bombshell”, como os americanos a apelidaram, nasceu em Portugal e foi criada no Rio de Janeiro, bem longe dos balangandás que a

fizeram inesquecível.

A maior malandragem do ex-motorista de ambulância Moreira da Silva foi se passar por malandro, tipo explorado à exaustão no repertório dos seus sambas, de breque ou não, enquanto, fora dos palcos, era um cidadão exemplar e trabalhador. Seu personagem e seu famoso grito foram lembrados até num episódio policial, aqui, em Vitória, envolvendo também seu parceiro Jards Macalé. Quando os dois chegaram à delegacia para onde foram levados, alguém reconheceu o malandro e gritou: “Cuidado, Moreira!”. Ele reagiu sacando revólveres imaginários e dando tiros com os indicadores.

Outro personagem que se tornou mais forte que seu criador é o do amante latino Sidney Magal, um competente cantor e ator, com elogiadas passagens pelo teatro, cinema e pela televisão. O intérprete de “Sandra Rosa Madalena” e “O meu sangue ferve por você” mostra sua versatilidade como o dublador do pinguim Amoroso no filme de animação “Happy Feet”, vencedor do Oscar na categoria, e em pelo menos um disco diferente, gravado em Los Angeles: “Sidney Magal & Big Band”, com grandes canções das décadas de 1930 a 1960. Assim como Moreira da Silva, o senhor Sidney Magalhães é um pacato cidadão, diferente do alter ego divulgado na mídia.

Rotular um artista como Magal simplesmente como brega é tão redutor quanto fazer o mesmo com o arquiteto cearense Marcondes Falcão Maia, criador do per-

sonagem Falcão, que é cantor, compositor, ator e apresentador. Suas frases de efeito, tais como “O dinheiro não é tudo, mas é 100%”, já foram reunidas no livro “Leruiate - Dog’s au-au It’s not nhac-nhac”. “Leruiate” é “conversa” em “cearensês” e o resto do título é uma versão livre para “Cão que late não morde”. Não por acaso, Falcão atua no filme nacional de grande sucesso, “Cine Holliúdy”, que possui legendas porque é falado nesse “idioma”, o “cearensês”. “Leruiate” é também o nome do programa de entrevistas apresentado por ele na TV Ceará, fazendo o papel que o consagrou.

Há também o caso de Chico Anísio e Arnaud Rodrigues, cujos personagens Baiano e Os Novos Caetanos fizeram tanto sucesso nos programas de humor do primeiro que chegaram a vender discos como “cantores”.

Mesmo sem a criação de personagens, alguns cantores têm performances nos palcos bem diferentes das suas identidades cotidianas. São os casos de Ney Matogrosso, desde os tempos do grupo Secos & Molhados, e também do capixaba Zé Lopes, outro pacato cidadão, capaz de diabruras nos palcos.

Mais recentemente, a ex-professora e administradora Larissa de Macedo Machado deixou o emprego na Vale para incorporar a personagem Anitta, com a qual recebeu prêmios e tem vendido muitos discos. Dá para imaginar como ela será lembrada no centenário do seu nascimento, em 2093?

## CANTOR, NÃO. PERCUSSIONISTA VOCAL

“Foi assim, a lâmpada apagou” – começa a canção “Meu nome é ninguém”, de Haroldo Barbosa e Luís Reis, sucesso do cantor Miltoninho. “Cantor, não. Percussionista vocal” – ele corrigia. A lâmpada de Miltoninho jamais se apagará, mas ele encerrou sua carreira aqui na Terra em 7 de setembro de 2014, aos 86 anos.

Sua luz começou a brilhar em grupos vocais dos anos 1940, seguiu nos conjuntos e orquestras em que atuou como pandeirista e crooner nos 50 e atingiu a primeira grandeza na carreira solo, iniciada em 1960. A voz anasalada e a divisão rítmica logo chamaram a atenção, junto com um repertório primoroso, fornecido por autores como aquela dupla já citada e outros gigantes, como Jair Amorim e Evaldo Gouveia, Luiz Antônio, Dolores Duran, Raul Sampaio e Djalma Ferreira, líder do “Milionários do Ritmo”. Quando o conjunto se desfez e Djalma foi morar nos Estados Unidos, seu ex-crooner passou a explicar: “Ele ficou milionário, eu fiquei com o ritmo”.

Um pouco da história desse grande personagem está em *No tempo de Miltoninho*, de André Weller, melhor curta-metragem brasileiro no festival “É tudo verdade”, de 2009.

Para quem quiser conhecer o cantor, há também muitos CDs no mercado, mas a maioria formada por coletâneas, que misturam várias fases sem critério. O melhor da sua discografia está nas duas caixas “Miltinho anos 60”, do selo Discobertas, com seis CDs cada uma, trazendo para o formato digital doze dos seus álbuns (LPs) lançados entre 1960 e 1965, quando ele gravava em média dois discos por ano. Há também um CD muito bom lançado em 1998 pela Columbia, no qual outros grandes da nossa música cantam junto com ele seus maiores sucessos.

Em 1999, alguns frequentadores assíduos da casa de espetáculos “Zanzibar”, em Camburi, pressionaram para que lá se realizasse um show desse grande cantor. O proprietário, Wilson Vetorazzi, embora relutante (“Será que mais alguém se lembra dele?”), concordou e fez o contrato, que incluía passagens de avião e outras despesas. Na manhã da viagem, telefonou para a casa do cantor no Rio e a esposa dele informou que a viagem já começara, mas por via terrestre, Miltinho não gostava de avião. A relutância inicial transformou-se em preocupação: um septuagenário, viajando de automóvel, deverá chegar cansado no fim da tarde, terá fôlego para cantar à noite? E o pior, não atendia o celular. Como estará sendo a viagem? No meio da tarde, alguém atendeu, finalmente, mas informou: “Miltinho não pode atender, está dirigindo”. Como assim, dirigindo? A preocupação virou pânico: ele vai

chegar exausto. Pontualmente às 18 horas, lá estava o cantor para a passagem de som e o ensaio: “Vou subir a escada até o bar cantando, quero chegar do meio do meu público”. Assim fez, cantou mais de uma hora e anunciou um intervalo: “Vamos parar um pouco para uma bebidinha, voltarei logo e aceito sugestões para o repertório da segunda parte”. Claro, também fez uma: “Tudo é magnífico”, dos mesmos Barbosa e Reis. Até na prosa, a voz era ritmada: “O a-mi-go es-tá en-ga-na-do, não gra-vei es-sa mú-si-ca, quem-o-fez foi E-li-ze-th Car-do-so”. Quem sou eu para discordar? Enquanto me vem à mente a capa do disco “Miltinho, Samba & Cia.”, de 1969, peço desculpas. E o cantor percussionista, cuja memória tem todo o direito de falhar um pouco, retorna ao palco para mais um set, que durou e teve tantos sucessos quanto o primeiro, sem fazer referência a cansaço. Wilson sorria aliviado e feliz, sua casa estava cheia de fãs com idades variadas. Talvez até mulheres que se identificavam com a canção “Mulher de trinta”, de Luiz Antônio, desde quando ela começou a fazer sucesso, em 1960, e se eternizou.

Em 2006, um aplicado aluno, titular do CD e DVD “Acústico MTV Zeca Pagodinho II - Gafeira”, fez uma sensível homenagem ao velho mestre e cantou junto com ele outro de seus eternos sucessos: “Se você visse”, de Dino e Del Loro. Um grande encontro de dois percussionistas vocais, cada um com sua luz.

## ESSES MOÇOS CENTENÁRIOS

“Esses moços, pobres moços / Ah! Se soubessem o que eu sei”, de Lupicínio Rodrigues, por Jamelão, em 1987.

A dor-de-cotovelo – “dor-de-corno” ou “cabeça-inchada” – não foi inventada por Lupicínio Rodrigues, cujo centenário do nascimento se comemorou em 2014. Mas esse autor muito contribuiu para divulgá-la, em sambas-canção lançados há mais de 60 anos e ainda presentes no repertório de intérpretes de diferentes gerações. Não se pense que ele compôs apenas nesse estilo, sua obra também tem sambas, valsas, marchas e até o hino oficial do Grêmio, time de futebol gaúcho como o autor. Seu samba “Se acaso você chegasse”, com Felisberto Martins, é ouvido nas rodas musicais brasileiras desde o lançamento, em 1938. Mas a especialidade de Lupe passou a ser aquela dor quando, em 1947, o cantor Francisco Alves lançou “Nervos de aço”: “Há pessoas com nervos de aço / Sem sangue nas veias e sem coração / Mas não sei se passando o que passo / Talvez não lhes venha qualquer reação”. O personagem da canção tinha “... loucura por uma mulher” e depois a encontrou “... nos braços de um tipo qualquer”. Nos dias de hoje, isso pode soar até engraçado, assim como a praga no outro samba-canção lupiciniano, “Vingança”: “Você há de rolar como



as pedras / Que rolam na estrada / Sem ter nunca um cantinho de seu / Pra poder descansar”. Esse sucesso da cantora Linda Batista chegou a inspirar suicídios em 1951, o que não foi nada engraçado. Melhor lembrar outro personagem marcante, o do samba-canção “Sozinha”: “... sabem o que fez essa ingrata mulher? / Fugiu com o doutor”, que ele mesmo chamou e pagou pra “... curar os seus bichos-de-pé”.

Essas canções ganharam reforço a partir dos anos 60, quando muitas passaram a ser interpretadas pelo senhor José Bispo Clementino dos Santos, mais conhecido por Jamelão, cujo centenário do nascimento também é recente, foi em 2013. Ele foi crooner da Orquestra Tabajara, intérprete de sambas-canção e de sambas-enredo da Mangueira. Não gostava que o chamassem de puxador de samba-enredo e dizia, com o mau-humor habitual: “Puxador é bandido que rouba carro”.

Esse mau-humor rendeu pelo menos um “causo”: sabedor da vinda do seu ídolo a Vitória, meu amigo Guilherme reservou mesa na primeira fila do show com antecedência e chegou cedo, portando alguns LPs do astro. Logo no início do espetáculo, o artista reclama: “Esse som está uma merda!”. Querendo agradar, o fã contemporiza: “Tá bom, Jamelão, tá ótimo”, mas escuta em resposta: “Cala a boca, eu que sei, sou o artista, você é plateia”. Nem por isso, Guilherme deixou de colecionar discos e de fazer imitações dele, entoando “Ela disse-me assim”.

Um dos grandes sucessos de Lupicínio, em parceria com Alcides Gonçalves, é “Cadeira vazia”, gravado também por Jamelão e até por Elis Regina. Um típico samba-canção dor-de-cotovelo. Foi gravado também, em 2007, pelo Trio Azeviche, do jovem violonista capixaba Bruno Mangueira, radicado em Brasília. Perguntei ao Bruno como ele se interessara em gravar essa música e ele explicou que um dia fora chamado para substituir o contrabaixista da banda que iria acompanhar Jamelão no bar Brahma, em São Paulo. Bruno não conhecia o artista e ficou impressionado ao ver aquele senhor, com mais de 90 anos, movido a conhaque, interpretar sucessivos sambas-enredo e sambas-canção dor-de-cotovelo. Quando o ouviu cantar “Cadeira vazia”, ficou tão emocionado que decidiu imediatamente que a gravaria. E o fez no CD do Azeviche, um bom momento da música instrumental brasileira.

O centenário de Lupe mostrou que a sua obra musical ainda desperta a atenção de jovens artistas e também de intérpretes de estilos inovadores, como Arrigo Barnabé. Esse compositor paranaense liderou a vanguarda paulistana, mas lançou o DVD *Caixa de ódio*, dedicado ao compositor gaúcho, e participa do longa-metragem “Nervos de aço”, de Maurice Capovilla.

Nunca, esses moços com nervos de aço e sangue nas veias deixam de se emocionar com Lupe e Jamelão.

## PAPAI NOEL DE CAMISETA

O que mais se ouve no Brasil quando se aproxima o Natal? Não sei se existe algum levantamento estatístico, que certamente incluiria a voz de Simone nos lembrando que “então, é Natal”. Além disso, há mais de cinquenta anos, a harpa paraguaia de Luis Bordón é onipresente, nos comerciais de rádio e TV, no som ambiente das lojas e onde mais houver o objetivo de estimular as compras. Não é mais tempo de botar o sapatinho na janela do quintal, quando se pensava que todo mundo fosse filho de Papai Noel, como nas canções de Octávio Babo e Assis Valente, respectivamente, também gravadas por Simone em seu álbum de 1995, intitulado *25 de dezembro*. Sim, há mais de 20 anos, quando a versão de Claudio Rabello para o original de John Lennon e Yoko Ono está por aí, então é Natal. As músicas natalinas tocadas na harpa pelo músico paraguaio são ouvidas há mais tempo, suas primeiras gravações estão no disco “A harpa e a cristandade”, de 1960, e foram regravadas dez anos depois. O harpista gravou 34 discos, mas esse é lembrado até hoje, mais de 30 anos depois de sua morte.

Cantigas e discos natalinos de grandes intérpretes sempre existiram em diversos idiomas e são executados à exaustão no comércio. Simone é uma ótima cantora, com ótimos discos, uma carreira consistente e não me-

rece ser chamada de chata porque caiu no gosto popular. Não há motivo, também, para renegarmos todos os demais discos e músicas desse tema, mesmo levando em conta que muitas delas falam de neve numa festa que, para nós, acontece no verão. Pelo menos duas ótimas canções com esse assunto merecem destaque.

Em “Véspera de Natal”, Adoniran Barbosa canta um divertido conto de Natal bem brasileiro. Numa “vespra” de Natal, o personagem chega em casa e encontra sua nega zangada, a criançada chorando e a mesa vazia, não tinha nada. Então, ele sai para comprar bala mistura e também um pãozinho de mel. Cumprindo sua jura, fantasia-se de Papai Noel e fala de lado com a nega: “Eu vou subir no telhado / E descer na chaminé / Enquanto isso você / Pega a criançada e ensaia o dingo-bel”. Foi um sacrifício, o orifício da chaminé era pequeno e foi preciso chamar os “bombeiro”. Um anticlímax, bem no estilo do autor de “Iracema” e outras crônicas musicais. É certo que ninguém mais conhece a bala mistura e chamar a esposa de “minha nega” pode ser considerado politicamente incorreto. Contudo, a cena é deliciosa, principalmente na voz e no linguajar do próprio Adoniran, embora existam ótimas gravações também de Marcos Sacramento e de Ivan Lins para essa canção. A de Sacramento, um ótimo cantor, está na coletânea “Natal bem brasileiro”, lançada em 2008 pela Biscoito Fino.

Seguindo o exemplo de Simone, em 1999, Ivan fez um álbum de músicas natalinas, “Um novo tempo”, no qual reafirma que “Então é Natal”, tal qual a cantora. É nesse álbum que ele canta aquele conto do Adoniran sobre a véspera de Natal. Simone canta outra música com ele e há ainda a participação de José Feliciano, voz e violão, numa canção dele em versão do Ivan. É nesse disco que está a inusitada “Papai Noel de camiseta”, do compositor paulistano Celso Viáfora, parceiro de Ivan em outras ótimas canções. Essa anuncia que:

*Papai Noel irá chegar de camiseta  
Metido num chinelo e de bermuda jeans  
Tocando agogô em vez de uma sineta  
Cantando do xará o “Palpite Infeliz”  
Então, será Natal  
A noite vai ser mais feliz*

*Estenderá uma toalha na sarjeta  
em qualquer praça de subúrbio do País  
Trará cachaça, arroz, feijão, a malagueta  
doce de leite, balas de goma e quindins  
Aí será Natal  
A noite vai ser mais feliz*

*E surgirão blocos mirins  
de suas camas de jornal  
e drag-queens  
os reis magros do carnaval  
de pé no chão  
os solitários da paixão  
um bandolim  
Alguém trará um violão  
um tamborim  
e a multidão vai sambar com a batida dos sinos*

*Ali no morro nascerá mais um menino  
e no primeiro sol virão os bentevis*

*Num dia de Natal  
A gente pode ser feliz*

Com Papai Noel de camiseta e boa música brasileira, sempre haverá um feliz Natal.

## TARZAN, DA SELVA PARA O FACEBOOK

Entre os muitos centenários comemorados em 2014, registra-se também o do lançamento em livro do personagem Tarzan, o Rei das Selvas, criado pelo americano Edgar Rice Burroughs. Depois desse livro, muitos vieram, assim como revistas em quadrinhos e filmes, contando as peripécias do inglês criado por macacos na selva africana. Grandes escritores brasileiros, como Monteiro Lobato e Manuel Bandeira, traduziram essas histórias para nosso idioma, de modo que “tarzan” logo se tornou adjetivo para homem forte.

Foi assim que ele apareceu na música brasileira em 1936, no samba de Noel Rosa e Vadico para o filme *Cidade Mulher*: “Tarzan, o filho do alfaiate” descreve um personagem cuja força é sugerida por um paletó de casimira dura. Essa bem-humorada canção tem diversas regravações recentes, feitas por intérpretes como Djavan, Pedro Mariano ou Zeca Pagodinho.

O grito de guerra de Tarzan deu título ao primeiro disco de Raul Seixas, em 1973: *Krig-ha, Bandolo!*. Só os leitores dos gibis sabiam que isso significa “Cuidado, aí vem o inimigo”. Um ótimo título para um álbum de canções, como “Mosca na sopa” e as primeiras parcerias do abusado autor com Paulo Coelho, em tempos de ditadura.

Nessa época, já tínhamos em Vitória o nosso Tarkan: Jorge Luiz, um garoto muito magro, morava “na cidade”, como nós chamamos o centro da capital. Não usava paletó de casimira, o apelido aludia ao contrário da sua aparência. Nosso personagem era destaque nas alegres peladas próximas à antiga prefeitura, ali por perto do Britz e do colégio do Carmo, em todos os horários, todos os dias. Além do futebol, ele se dedicava também ao violão e, como tantos jovens dessa época, se encantou inicialmente pela bossa nova, depois pelo samba e chegou ao cavaquinho. Após as aulas do cursinho preparatório para o vestibular no Colégio Americano, perto da antiga rodoviária, os próprios professores o persuadiam a liderar rodas de violão, em vez de estudar. Confesso que sempre senti uma pontinha de culpa por estar entre esses professores, mas éramos todos muito jovens e o aluno conseguia se dividir entre o estudo e o violão, cada vez mais afinados.

Quarenta anos se passaram. Nosso herói enveredou por outros caminhos, nacionais e internacionais, algumas vezes não trabalhando com música, mas sempre ligado a ela. Passou a compor.

Dezembro de 2014, segunda-feira, por volta das 19 horas. Os bares da região do Triângulo das Bermudas, na Praia do Canto, estão vazios. Mas o Wunderbar Kaffee começa a lotar, com a turma da pelada, os amigos da Ufes, os colegas músicos, amigos e apreciadores de boa música. Todos querem ver e ouvir um CD que



demorou dez anos para ser lançado. E ninguém se decepçiona, é um ótimo registro.

Com o título “Jorge TARZAN apresenta TARZEN da Silva”, o disco traz nove composições do nosso personagem, sozinho ou com diversos parceiros: Chico Lessa, Uriel Menezes, Ediron Carpes e Tina Tironi. E mais uma, somente do Chico, que é biográfica: “Alguém alone” diz “Que rei da selva sou eu, mim Tarzan de manhã, correndo atrás do meu”. Como escreveu Rogério Coimbra na contracapa, Tarzan “confirma sua competência, seu bom gosto e, sobretudo, o bom humor nas suas composições”. O disco destaca, mais uma vez, a competência de Paulo Sodré, no baixo e arranjos, e de um excelente time de músicos capixabas.

Nosso Tarzan não anda pendurado em cipós nem tem gritos de guerra. Tem Facebook e pode ser visto e ouvido no Youtube. Basta digitar as palavras “Jorge Tarzan meu canto” e se acessa, assim, um clip com o seu trabalho em parceria com Andréa Ramos. E o CD. Quando o recebi, cheguei a pensar se ainda valia a pena lançar o produto nesse formato quando essa mídia parece decadente. Ouvindo-o e, mais tarde, vendo a festa no bar, concluí que vale, sim. É preciso registrar trabalhos como esse. Para a posteridade.

Tarzan, por favor, não demore mais dez anos para lançar o próximo. Foi bom encontrar você também na selva do Facebook e do Youtube.

## TIM MAIA E OS MUITOS ACORDES DA BOSSA NOVA

Tim Maia cantando bossa nova? Inacreditável, mas aconteceu, embora não seja mostrado no filme adaptado para a uma minissérie exibida pela Globo. Ambas as versões o mostram apenas se espantando com a quantidade de acordes para uma canção bossanovista “interpretada” por Mallu Magalhães – dizem que no papel de Nara Leão, embora seja difícil ver afinidades entre essas cantoras. Na biografia escrita por Nelson Motta (*Vale tudo*, Editora Objetiva, 2006), consta uma frase do cantor: “Com os acordes que tem numa música do Tom Jobim dá pra fazer umas cinquenta”.

Tim queria aprender esses acordes e teria dito isso ao seu professor de violão, Almir Chediak, que fez os arranjos e a direção musical do disco Tim Maia interpreta clássicos da Bossa Nova, gravado em 1990. Um pequeno time de grandes músicos se formou: Antonio Adolfo no piano, Luizão Maia no contrabaixo, Chiquito Braga no violão e Wilson das Neves na bateria. Ainda no formato elepê, o produto era difícil de encontrar, apesar da boa divulgação e da curiosidade que despertava. Logo virou peça de colecionador, até ser lançado em CD anos mais tarde.

Um amigo carioca me contou sobre um lançamento desse disco, num show em fim de tarde de

verão no Arpoador, Rio de Janeiro. Tim Maia entrou no palco animadíssimo, cantou duas músicas do novo disco e interrompeu a terceira: “Esse negócio de bossa nova é muito chato, barquinho vai, barquinho vem, vamos mudar; Banda Vitória-Régia, manda um funk para animar a festa”. E assim foi até o fim do show. O disco não fez sucesso nem entre os fãs do funk nem entre os da bossa nova.

Não cheguei a ver um show do Tim, mas apenas uma de suas famosas performances, em 1993. Junto com Chediak, ele chegou bem tarde ao Jazzmania, casa noturna carioca. Após uma sessão do Free Jazz Festival, lá estávamos em um grupo aguardando as costumeiras canjas e pareceu que o cantor nos proporcionaria isso, porque logo assumiu o palco. Mas não chegou a cantar, passou cerca de uma hora reclamando do som e fazendo piadas e grosserias com a plateia. Primeiro, cismou que nosso amigo Edson fosse o Antônio Fagundes, que na época fazia sucesso com seu personagem da novela *O dono do mundo*. Então Tim perguntava o tempo todo: “E aí, Fagundes, vai comer quem, hoje?”. A maior grosseria foi com um jovem casal, com a pergunta: “Vai comer agora ou quer que embrulhe?”. Depois de várias tentativas frustradas de cantar ou fazer graça, foi retirado do palco com muito custo por Chediak.

Os muitos acordes da bossa nova ainda frequentaram gravações de Tim Maia em discos do tipo son-

gbooks (dedicados à obra de um único compositor), produzidos por Chediak, e em *Amigo do rei*, de 1995, que o próprio Tim produziu em seu estúdio Vitória-Régia, com nada menos que Os Cariocas. Uma vez perguntei ao Severino Filho, líder desse grupo vocal cuja história tem muito a ver com a Bossa Nova, como isso aconteceu e a resposta foi simples: “Tim me ligou altas horas da noite e nos convidou para gravar com ele, era nosso fã, topei e gravamos – ele não faltou a nenhuma gravação, porque o estúdio era na casa dele”.

Foi numa noite de domingo, 8 de março de 1998, que Tim Maia teve um mal súbito e não conseguiu fazer o show ao qual comparecera, no Teatro Municipal de Niterói. Ao longo da semana, acompanhei o noticiário com apreensão, torcendo pelo seu restabelecimento. Na sexta-feira, li nos jornais que ele melhorava e os médicos previam que logo voltaria a fazer shows. Feliz com a notícia, usei boa parte do sábado pesquisando gravações interessantes da sua carreira, para tocar no meu programa de domingo, na Rádio Universitária FM. Comecei o programa às dez horas da manhã, dei a boa notícia para os ouvintes, toquei várias gravações e encerrei ao meio-dia, com Tim cantando “Aquarela do Brasil”, de Ary Barroso. Às 13h03, ele encerrava sua carreira aqui na Terra. Mas deixou muitos acordes gravados na história da música brasileira, inclusive da Bossa Nova.

## FILHO DE PEIXE, PEIXINHO É?

O dito popular “filho de peixe, peixinho é” nem sempre se aplica às profissões e assim é também naquelas relacionadas com a música. Muitos filhos de músicos seguem caminhos totalmente diferentes dos paternos, até porque o dom nem sempre é hereditário. Contudo, existem muitos casos de verdadeiras dinastias, como a dos Caymmi: Dorival e os filhos Nana, Dori e Danilo já têm pelo menos duas sucessoras em Juliana e Alice, filhas de Danilo.

Como cantou Belchior, nossos ídolos ainda são os mesmos, mas depois deles já apareceu mais alguém, até da mesma família. Os filhos de Elis Regina, que tantas vezes interpretou aquele compositor, vivem como os pais, de música: João Marcelo Bôscoli é mais ligado à produção musical, enquanto Pedro Mariano e Maria Rita são cantores. O primeiro é filho de Ronaldo Bôscoli, um dos criadores da Bossa Nova, os outros são de César Camargo Mariano, pianista, arranjador e compositor. O parceiro de Elis em lendárias performances, Jair Rodrigues, deixou os filhos Jair Oliveira e Luciana Mello, também cantores. O astro Wilson Simonal, personagem de musical de sucesso no Rio de Janeiro, também teve, nos rebentos Simoninha e Max de Castro, reflexos do seu talento. Edu Lobo, Ivan Lins, Altamar Dutra, Azael Alves

e muitos outros personagens fundamentais da nossa história musical também têm filhos cantores.

O mesmo acontece aqui no Espírito Santo, a começar por Maurício de Oliveira, seu filho Tião e a neta Antônia. Continuando com os violonistas, temos Elias Borges e o filho Alexandre. Hélio Gonzaga e a filha Eliane, cantora que aprendeu também muitos acordes do violão paterno. O pai de Bruno Mangueira, o engenheiro Bento, não se profissionalizou, mas também era exímio violonista, atuante em peças teatrais estudantis. A família Paulo, com Almir, Ailton e Colibri, uma linhagem nos instrumentos de sopro, já tem pelo menos o filho de Colibri na dinastia. O contrabaixista Afonso Abreu, dos conjuntos Mamíferos, Quarteto JB e outros, tem o filho Murilo, baixista e fundador da banda Solana, ícone da nossa história recente. E o atuante baterista Gabriel Ruy é filho de Mário Ruy, ex-Mamíferos.

Alex, filho da cantora Márcia Chagas, é contrabaixista. Tamy, cantora e compositora radicada no Uruguai, é filha do músico Heraclito Macedo, atuante desde o grupo Os Infernais, no tempo da Jovem Guarda. A cantora e violonista Waleska Santos é filha do violonista e compositor Amancio Pereira Neto. Certamente, devem existir muitos outros casos semelhantes por aí.

Uma vez, um seletto grupo de músicos e cantores se reuniu no estúdio Funky Pirata, em Fradinhos,

para fazer uma gravação da música “Ao amigo Victor”, de Tina Tironi. O resultado pode ser visto e ouvido no Youtube, basta digitar “Ao amigo Victor Humberto”. Ao longo de pouco mais de oito minutos, com direção musical e arranjo de Pedro de Alcântara, lá estão Bruno Santos – flugelhorn, Edu Szajnbrum – tamborim, pandeiro, ganzá, bumbo e repique de mão, Gabriel Ruy – bateria, Hugo Maciel – contrabaixo, Pedrinho de Alcântara – violão, Pedro de Alcântara – piano elétrico e acordeom, Roger Bezerra – piano, Roger Rocha II – flauta e sax tenor, junto com as vozes de Andrea Ramos, Eliane Gonzaga, Márcia Chagas e Pedro de Alcântara. É uma ótima oportunidade para apreciarmos o trabalho de alguns dos melhores músicos do nosso cenário artístico, inclusive esses componentes da nova geração, o baterista Gabriel e o violonista Pedrinho.

Gabrielzinho, como é chamado carinhosamente pelos colegas, atua nos mais diversos segmentos musicais há muito tempo, porque é competente nas baquetas desde que era criança. E Pedrinho está começando agora, aprofundando seus estudos, mas já atua com o pai, formando o Duo Alcântara.

Nesses casos, filho de peixe, peixinho é, sim. E dos grandes.

## DA CAPITAL SECRETA PARA O MUNDO

Há muito os cachoeirenses nos divertem com histórias da Capital Secreta do Mundo, exageradas ou não. Quando o assunto é música, então, os “causos” se sucedem, sobre conterrâneos ilustres, como Roberto Carlos e os Sampaio: o Sérgio, que botou o bloco na rua; o Raul, pai do Sérgio, maestro da banda e dono da tamancaria local, e o outro Raul, o primo do Sérgio, que compôs “Meu pequeno Cachoeiro” e outras pérolas, além de integrar o lendário Trio de Ouro, junto com o compositor Herivelto Martins.

Tive um colega conhecido como Ronaldo “Cachoeiro”, famoso entre nós por ter ganhado “o ferro elétrico” do Roberto Carlos, quando garotos. Explico: no programa dominical de calouros na rádio cachoeirense, o futuro Rei ganhava sempre, mas houve pelo menos um dia em que isso não aconteceu, e Ronaldo ficou com o prêmio: um ferro elétrico. Não se sabe o que teria acontecido na Jovem Guarda se Ronaldo persistisse na carreira artística, em vez de vir para Vitória cursar Engenharia.

Outro cachoeirense, o jornalista Luiz Trevisan, participou ativamente como compositor dos festivais de música da sua cidade, não parou de compor e vem registrando seus trabalhos em bons discos com a participa-



ção dos nossos melhores artistas do ramo. Ele também fez o roteiro, as entrevistas e a pesquisa do documentário *Cachoeiro em três tons*, dedicado à família Sampaio. E, no seu disco mais recente, há uma canção dele em parceria com o “Velho Bandido” – Sérgio Sampaio.

Por isso, não fiquei surpreso quando ouvi numa rádio de Vitória, no início dos anos 1990, a composição instrumental “A turma do Liceu”. A beleza da música e os sons ambientes da gravação me transportaram ao célebre colégio cachoeirense, de tantas histórias dos amigos. A rádio anunciou o autor e intérprete: Marcos Resende. Mas as lojas de Vitória não tinham a gravação, o disco tinha sido lançado somente na Europa, em 1988. Só consegui obtê-la quando o CD foi lançado aqui, em 1993. Fiquei sabendo que o pianista já tinha uma longa história artística no Brasil e no exterior, lendo seu obituário em um grande jornal carioca. Ele tocou com diversos músicos americanos e vários artistas brasileiros, como Chico Buarque, Edu Lobo, Nara Leão, Maria Bethânia e Gilberto Gil, entre outros. Não tive muito tempo para lamentar sua perda, porque, no dia seguinte, veio a correção no mesmo jornal: houve um engano, quem tinha morrido era um homônimo do artista. Seus amigos que leram a notícia imediatamente se dirigiram ao local anunciado para o velório e logo perceberam que o morto era outra pessoa, então começaram a se aglomerar no bar em frente, comemorando a vida do pianista. A comemo-

ração foi ficando tão ruidosa que os parentes do defunto vieram pedir delicadamente: “Entendemos sua alegria, o Marcos de vocês não morreu, mas estamos tristes pelo nosso, por favor respeitem”. A festa logo se desfez. Fiquei imaginando o que o pianista pensou ao ler o seu próprio obituário no jornal. Pelo menos ele ficou sabendo de antemão o que irão dizer dele, pelo que fizera até ali, quando a notícia for verdadeira. Ele realizou outros bons trabalhos, inclusive um belo disco instrumental em tributo ao Rei, com arranjos jazzísticos para a obra do ilustre conterrâneo. Depois, fiquei sabendo que o músico é sócio proprietário de um restaurante simpático no Rio de Janeiro, o Cais do Oriente, em cujo piano-bar costuma se apresentar. Felizmente, o obituário estava errado.

O celeiro artístico da Capital Secreta continua generoso. Já nos trouxe Marcus Levy, radicado em Portugal, e o eterno show-man Zé Lopes. “Evoé, jovens à vista”, como escreveu Chico Buarque em *Paratodos*. De lá para o mundo, a cantora Amélia Barreto já lançou seu primeiro disco, *Chiliques herméticos*, e integra a banda Aurora Gordon, que traz para a atualidade a contracultura capixaba dos anos 1960 e 1970. Na banda, o contrabaixo e a voz de Murilo Abreu, sobrinho-neto de Rubem Braga e filho de Afonso Abreu.

É verdade o que dizem, eles não nascem, estreiam.

## PRA TUDO SE ACABAR NA QUARTA-FEIRA

No fim de cada Carnaval, sempre restam as histórias, os registros das vitórias e das perdas. No de 2015, antes do primeiro clarim tocar, já não mais estavam entre nós dois artífices da festa, cada um do seu modo: Homero Ferreira e Adilson Ribeiro.

Não conheci o Sr. Homero. Sei que ele tinha 86 anos e trabalhou muitos anos como bancário na sua cidade natal, Rio de Janeiro. Mas ele era também compositor de marchinhas carnavalescas e, entre elas, a famosa “Me dá um dinheiro aí”. A partir de 1960, muitas gerações cantaram os versos simples da marcha que Homero e dois irmãos fizeram inspirados no personagem mendigo, representado na televisão pelo humorista-cantor Moacyr Franco. Nos tempos atuais, esses versos não seriam politicamente corretos, porque o personagem prometia beber até cair. Até recentemente, o compositor participou de concursos carnavalescos e uma de suas composições mais recentes foi a “Marcha do Viagra”, com a qual ele e um parceiro venceram 601 concorrentes em 2006, na Fundação Progresso, Rio de Janeiro.

Mas conheci o Sr. Adilson, que poucos chamavam assim. Era o Mestre Ditão, presidente da Escola de Samba Unidos de Jucutuquara, da qual foi um dos fundadores e integrante há 43 anos, muitos dos quais como

mestre de bateria. Ditão participava também do grupo Ilha, desde 2006, com atuações de sucesso em nosso cenário musical. Com Rodrigo Tristão (cavaquinho e voz), Cecitônio Coelho (violão e voz), Marcus Bacalhau (pandeiro e backing vocal). No surdo e backing vocal, Ditão, que integrou também outro grupo musical, nos anos 1990: o Linha de Passe, com Heraclito Macedo, no violão e vocal; Rodrigo Tristão, no cavaquinho e vocal; Walter Nogueira, na flauta e no vocal; Di Castro, na percussão e no vocal; Jaiminho, no baixo; Joaka, no pandeiro; Etienes, na cuíca e, no surdo, Ditão.

Em meados dos anos 1990, tive uma curta experiência que me permitiu entender melhor o sentimento desses personagens. Numa tarde de férias, em Santa Cruz, a uma semana do Carnaval, recebi a visita de Julico e um grupo de integrantes do bloco do Piau, que tinha quinze anos de história por lá. Pediram-me ajuda para fazer a letra da marcha-encredo do bloco, cuja melodia já tinha sido feita pelo Julico. Após algumas cervejas e muita criação coletiva, o tema ficou pronto, foi cantado na festa e me vi alçado a integrante da ala de compositores do bloco. Pude então acompanhar todo o trabalho de preparação do desfile, cujas responsabilidades eram divididas em comissões. Passei a fazer parte também da comissão de preocupação, junto com Seu Jorge, grande intérprete de tangos. Nossa tarefa era desempenhada com muita seriedade no bar da Graça.

O bloco não era qualquer um. Além da marcha-enredo, havia carros alegóricos e, alguns anos depois do meu batismo de fumaça, um rei Momo abriu o desfile no primeiro carro, com a chave da cidade. Na terça-feira, haveria o último desfile e, algumas horas antes, fui visitar o barracão, sediado na casa do folião cujo apelido dera título ao bloco. Encontrei a turma entristecida, porque o Rei Momo não poderia participar da apresentação por motivos étlicos e ninguém conseguia levantá-lo da cama. Quando sugeri que alguém o substituísse, passei a ser alvo de olhares estranhos até vir o convite: por que você não assume esse papel? Ala de compositores e comissão de preocupação, tudo bem, mas Rei Momo? Não tenho o tipo físico! Prometeram-me forrar as roupas com enchimentos, o que quase não foi necessário, e acabei incorporando mais essa função: pela primeira vez, um Rei Momo de óculos e latinha de cerveja na mão abriu orgulhosamente o desfile do bloco do Piau – e decidi começar uma dieta.

Encerrei aí minha curta carreira carnavalesca e acredito que não tenha sido por isso que o bloco também deixou de existir logo depois. Mas a experiência aumentou minha admiração pelos artífices dessa festa, tais como o Sr. Homero Ferreira, Mestre Ditão e todos que levam adiante suas atividades em prol da alegria do Carnaval.

## SETENTINHA DA PIMENTINHA

Tem uma turma boa da MPB que chegou aos 70 de vida e boa música por volta de 2015: Edu Lobo, Chico Buarque, Marcos Valle, Dori Caymmi, Wanda Sá, Nelson Motta e Abel Silva são alguns deles, em ordem aleatória. No entanto, grandes intérpretes brasileiras não chegaram a completar essa idade. Assim foi com Carmen Miranda, Dolores Duran, Sylvia Telles, Maysa, Clara Nunes, Nara Leão e, mais recentemente, Cássia Eller. Nesse grupo, inclui-se Elis Regina, que teria feito os seus 70 em março de 2015 e era da mesma geração daquela primeira turma citada, mas só chegou aos 36. Muito pouco para uma grande cantora, mesmo levando em conta seu precoce início de carreira artística, profissional com apenas 14 anos.

O temperamento que a fez receber de Vinícius de Moraes o apelido de Pimentinha levou-a a colecionar desafetos, mas a fez também projetar grandes compositores, como Milton Nascimento, Ivan Lins, Guilherme Arantes e Belchior. É difícil imaginar como teria sido a história de cada um desses sem o foco inicial dela sobre eles.

Nesse aspecto, há uma história curiosa que já li e ouvi várias vezes. Um jovem compositor foi até sua casa, por indicação de um amigo, para lhe mostrar algumas músicas. A timidez do jovem e o péssimo

humor da cantora se chocaram e ela teria lhe dito para deixar umas músicas num gravador e ir embora. Algum tempo depois, quando soube que Nara Leão fazia sucesso interpretando um tal de Chico Buarque, disseram-lhe que esse era o tal compositor das gravações que ela não tinha ouvido. Talvez a partir daí ela tenha passado a prestar mais atenção nos jovens compositores que apareciam.

Elis é uma das poucas cantoras brasileiras com quase toda sua obra registrada em discos, desde os de vinil até os CDs, muitos reunidos em caixas com boa quantidade de informação, como apreciam os colecionadores. Há também muitos DVDs com shows e programas de televisão.

Essa fartura de gravações não se repete nas livrarias, onde até recentemente só se encontrava uma boa biografia, *Furacão Elis*, de Regina Echeverria. Lançada em 1982, foi revista e ampliada em 2012. Mas depois foi lançada uma nova biografia, *Nada será como antes*, do jornalista Júlio Maria.

A história de Elis já chegou também aos palcos, com a peça *Elis, a Musical*, escrita por Nelson Motta e Patrícia Andrade, grande sucesso a partir de 2013, em São Paulo e no Rio de Janeiro. E foi tema da escola campeã do Carnaval de 2015, em São Paulo, a Vai-vai. Há também o site oficial, [www.elisregina.com.br](http://www.elisregina.com.br).

Como parte das comemorações dos 70 anos do nascimento da Pimentinha, houve um show em São

Paulo, no Palácio das Convenções do Anhembi, com várias participações e a apresentação de João Marcelo Bôscoli, filho da cantora, e Luís Carlos Miele. Desse pode-se dizer, como antigamente, que é a testemunha ocular da história. E auricular também. Miele produziu e dirigiu shows de quase todos os grandes nomes da nossa música, inclusive de Elis, e até dividiu o palco com ela em 1969, no show “Elis – no Teatro da Praia – com Miele e Bôscoli”, sucesso no teatro carioca e, depois, em São Paulo. Esse show foi gravado em disco e está disponível em CD, trata-se de uma preciosidade.

Mas esse não foi o primeiro contato de Miele com a cantora. Em 1964, ele e Ronaldo Bôscoli, que mais tarde viria a ser marido dela, a dirigiram em show no lendário Beco das Garrafas e, depois, em muitos outros e também em incontáveis programas de televisão.

Então, com tudo isso, não é exagero dizer que Elis vive. Sua arte a imortaliza, nessas diversas formas. Mas fica uma pergunta: Quais seriam os jovens compositores que a Pimentinha Setentinha estaria lançando hoje?



## O MAGNETISMO DO ÍMÃ

Nos anos 1980, os bares de música ao vivo se tornaram uma plataforma de lançamento para diversos grupos musicais de sucesso na Grande Vitória e foi assim que surgiu o Ímã: um trio, composto por Dão Borba, Edésio Fraga e Fábio Teixeira. Após alguns meses de apresentação em conjunto, em 1987, teve o nome escolhido por Fábio, após sugestões diversas, porque é simples, tem tantas letras quanto o grupo tem integrantes e sugere uma ligação natural – no início, eles se apresentavam sem ensaiar.

A partir do final daquele ano, já nomeado e com agenda cheia, o Ímã passou a se apresentar com frequência no circuito local, inicialmente nos bares Abrolhos e Terra Viva, e mais tarde no Bordel, Mistura Fina, Picadeiro e outros. Um público fiel, de diversas faixas etárias, passou a acompanhá-lo. Além da competência e simpatia, o grupo sempre se caracterizou pelo repertório de autores locais ou consagrados e pela originalidade das interpretações, como no arranjo em que eles transformam a pantera cor-de-rosa numa tigresa, ou seja, a famosa introdução de Henry Mancini para o filme *A pantera cor-de-rosa* se junta à canção “Tigresa”, de Caetano Veloso. Há outros casos interessantes, com a “Asa branca” voando ao som de “Bolero de Ravel”, misturado com a introdução do filme *2001*

– *Uma odisseia no espaço.*

João Carlos Borba Oneda, o Dão Borba, é mineiro de Resplendor, onde participava de animadas rodas de samba amadoras, improvisando a percussão. Um dia, assumiu o atabaque de um amigo que fora ao banheiro e nunca mais o devolveu. Foi com esse instrumento que teve iniciação profissional por aqui, em grupo com Valtinho, Edésio e Jairo. A percussão completa veio para um show com Carlos Papel e, depois, com a formação do Ímã. Paralelamente, tornou-se empresário no ramo de bares e restaurantes, atuante também até hoje na produção de shows.

Outro integrante é o violonista Fábio Teixeira, que é de Vitória mesmo, portanto, o único capixaba. Formou-se em Arquitetura na UFES, mas desenvolve suas aptidões musicais desde muito cedo, aos 12 anos, talvez por influência do pai, Jairo Teixeira, integrante de grupos de choro locais. Das rodinhas de violão entre amigos, passou a compor em 1980 e ganhou, nessa época, o festival de Alegre com o grupo Paiol (Fábio, Carlos Bona, Paulo Neto e Homero Jr. – o Guru). Outros festivais vieram e também a amizade com Carlos Papel, que logo se tornou seu parceiro musical. Participou ainda de outro grupo importante no cenário musical capixaba, o Roça de Milho (Fábio, Zé Antonio, Ernesto, Darlisson Fonfon e Rodney).

Todos cantam, mas o principal vocalista do grupo é Edésio Fraga Moreira, que é mineiro de Governador

Valadares, onde se formou em Engenharia Civil. Ainda naquela cidade, participou do Grupo Temucorda (Teatro, Música, Coreografia e Dança), com o qual gravou um disco que tem uma canção de sua autoria. Veio para Vitória trabalhar como engenheiro e começou a estudar canto na Escola de Música, atual FAMES, onde participou de diversos corais. Daí, passou a cantar com Valtinho, Dão e Jairo, até a formação do Ímã. Também teve uma experiência como proprietário de bar e restaurante (Mistura Fina e Vitela), mas logo passou a trabalhar como engenheiro na Prefeitura de Vitória.

O Ímã tem somente dois discos, que já viraram peças de colecionador: um LP, de 1991, e um CD, gravado no verão de 1995, com as participações de Carlos Papel, Cláudio Nucci, Darlison, Ernesto, Lula Moço, Marcos Bacalhau, Paulinho Pedra Azul e Zé Antonio.

Com tantas atividades extramusicais, o grupo tirou dois longos períodos de férias: de 1998 a 2003 e de 2007 até 2015, quando voltou a se apresentar, sem muita divulgação e periodicidade, em casas noturnas de Vila Velha e Vitória. Nessas apresentações, acontece um fenômeno social interessante. Perto de completar 30 anos de atividade, o conjunto atrai um público que quer ouvir, aplaude e canta junto as mesmas canções. Não quer novidades.

Como se explica isso, o magnetismo do Ímã?

## A MÚSICA QUE UNE BRASIL E PORTUGAL

25 de abril é uma data importante na história de Portugal porque nela, em 1974, aconteceu a Revolução dos Cravos, que implantou a democracia naquele país. Aqui, no Brasil, vigorava o regime militar, então foi com uma certa dose de inveja que Chico Buarque compôs logo em seguida a canção “Tanto Mar”, começando assim: “Sei que estás em festa, pá / Fico contente”. Depois de lamentar as léguas que nos separam daquele país, o autor concluía: “Lá faz primavera, pá / Cá estou doente”. A letra foi vetada pela censura brasileira e só pôde ser editada em Portugal. No show e disco *Chico Buarque & Maria Bethânia ao vivo*, de 1975, executou-se apenas a versão instrumental da música. Três anos depois, essa e outras letras foram liberadas, como “Cálice” e “Apesar de você”, mas Chico atualizou a letra de “Tanto Mar”, decepcionado pelas mudanças políticas ocorridas no país amigo, e passou a cantar assim: “Já murcharam tua festa, pá”. E concluía: “Cá estou carente / Manda novamente / Alguem cheirinho de alecrim”. Em ambas as versões, tem-se o mesmo lamento: “Sei que há léguas a nos separar / Tanto mar, tanto mar”.

Tantas léguas e tanto mar nunca impediram que as conexões musicais entre os dois países se fortaleces-

sem. O próprio Chico já tinha feito com o angolano Ruy Guerra, em 1972, o seu “Fado Tropical”, cuja letra contém “Com avencas na caatinga / Alecrins no canavial / Licores na moringa / Um vinho tropical”. Muitas canções brasileiras têm grandes interpretações portuguesas e vice-versa. Existem também muitas referências lusitanas em músicas brasileiras, até mesmo nesse formato mais tradicional deles, o fado. Vinícius de Moraes fez música e letra de “Saudades do Brasil em Portugal”. Caetano Veloso tem um fado (“Os argonautas”) com citação a Fernando Pessoa: “Navegar é preciso / Viver não é preciso”. Ivan Lins e Victor Martins têm pelo menos dois, “Um fado” e “Barco fantasma”, e até Eduardo Dusek, com “Ave”, teve seu momento fadista. O acreano Sérgio Souto, capixaba por afinidade, tem três fados gravados, inclusive a “Carta d’além mar”, com Aldir Blanc, e outros inéditos.

Na mão contrária, além do sucesso popular do cantor Roberto Leal (“Arrebata!”), há muitos registros de intérpretes portugueses para canções brasileiras. Eugénia Melo e Castro tem ótimos discos assim, inclusive um totalmente dedicado a Chico Buarque. Essa cantora inspirou o compositor gaúcho Kleiton Ramil, da dupla com o irmão Kledir, na canção “Vira, virou”, sucesso dos dois e também do MPB4 no início dos anos 1980. Teresa Salgueiro, do grupo Madredeus, gravou, junto com o Septeto de João Cristal, um ótimo disco de música brasileira. Carminho (Ma-

ria do Carmo) é uma fadista da nova geração, tem pouco mais de 30 anos e, em 2012, gravou canções brasileiras em duetos com Chico Buarque, Milton Nascimento e Nana Caymmi. No mesmo trabalho, ela canta também a citada canção do poetinha. Outra Maria do Carmo nascida em Portugal, com os sobrenomes Miranda da Cunha, veio para o Brasil com 18 meses e se tornou uma cantora “brasileira” de sucesso aqui e no exterior: Carmem Miranda.

Entre os trabalhos do cantor Zé Renato, fora do grupo Boca Livre, destaca-se o disco *Navegantes*, de 2004, no qual ele interpreta um repertório luso-brasileiro unindo sotaques com o conjunto Trinadus. Fafá de Belém e Joanna são cantoras brasileiras de sucesso em Portugal.

São tantas as atividades artísticas do nosso Milson Henriques que é pouco conhecido o seu início de carreira artística como... cantor de fados, em São Paulo. Talvez por influência do avô português, José Henriques de Souza, autor da letra da primeira modinha gravada no Brasil, “Perdão, Emília”, em 1902, gravada em 1999 pela cantora Maricenne Costa no CD *Como tem passado!*. Estimulado por amigos, Milson voltou a cantar fados numa série de apresentações em 2015, junto com o violonista Giovanni Malini.

Mesmo com tanto mar e tantas léguas a nos separar, são muitas as conexões musicais entre o Brasil e Portugal, pá.

## A VITÓRIA DE VITORINA

Vitorina Gonçalves era cantora, atriz e jornalista nos anos 1970, em Vitória, quando havia poucos recursos de gravações musicais, e morreu logo depois. Há anos perguntei a Milson Henriques, seu amigo e parceiro, se sabia de alguma gravação dela. Recordando o triste final de vida que assistira, ele completou: “Infelizmente, não; tenho o áudio de algum show num cassete que não serve para nada, não tenho aparelho para executá-lo e nem conheço alguém que o recupere”. Prometi fazer isso e, alguns dias depois, a fita chegou às minhas mãos, mas foi esquecida no meu estúdio, com outros trabalhos a fazer. Teria ficado mais tempo se não fosse a cobrança de Eliane Gonzaga: “Você prometeu ao Milson”. “Tá bom, vamos ver se a gravação está boa”. Estava, dentro do que se poderia esperar após uns 35 anos. Ouvimos: “Eu nasci em Cachoeiro e, quando tinha sete anos, comecei a cantar num programa infantil; desde então, descobri que a vida, pra ser válida, seria nos palcos e sou o que estava previsto pra ser, sou Vitorina Gonçalves”. Após a primeira música a capela, recorda: “Ter treze anos é enfrentar o mundo com armas novas, assim nessa idade eu pensei ter encontrado meu primeiro amor e, como todas as adolescentes, eu encontrei o que eu supus ser o meu príncipe encantado e, pra lembrar essa fase, eu chamo Hélio Gonzaga, um instrumentista fabuloso

que eu conheci agora, para me acompanhar em Ai, Ioiô”. Eliane já estava bastante emocionada, como eu, e ficou ainda mais quando ouviu os acordes executados ao violão pelo seu próprio pai há tanto tempo – ele estava com 76 anos e continua em atividade até hoje. Mas a maior surpresa veio depois, quando Vitorina continua: “Essa fase da minha vida, com 13 anos, em que eu tive o meu primeiro amor, vai ser ilustrada por uma menina que promete ser uma revelação aqui em Vitória; uma menina de 13 anos com muita personalidade, uma menina bacana, que canta bastante mesmo: Eliane Gonzaga – que inclusive se acompanha no violão”. Ouvem-se, então, o violão e a voz firme, parecida com a atual, entoando uma canção francesa: “La maladie d’amour”, de Michel Sardou. E Eliane pôde assim ouvir-se muito tempo depois, graças a um registro quase perdido.

Além dos citados, estiveram nesse show e na fita: Afonso Abreu, Amylton de Almeida, Carla Falce, Ester Mazzi, Gilberto Garcia (cantando e tocando piano), Marco Antônio Grijó, Mário Ruy, Milson Henriques e Rogério Coimbra (tocando contrabaixo). Milson declamou mais uma vez a letra de “Pesadelo”, de Maurício Tapajós e Paulo César Pinheiro, e deve ter sido outra das vezes em que foi preso por causa disso.

Eliane Gonzaga foi realmente uma revelação como cantora aqui em Vitória, nos anos 70, quando a partir dos 12 anos apresentou-se ao lado de artistas de renome nacional, tais como Grande Otelo, Sérgio Biten-



court, Sérgio Souto e Sebastião Tapajós.

Depois ela morou por dez anos em Maceió nos anos 80, onde atuou em diversos grupos musicais, e, de volta a Vitória, a partir dos anos 90, passou a desenvolver trabalhos solo ou em conjunto com as cantoras Andréa Ramos e Márcia Chagas (grupo *Vozzes*), sempre com grandes músicos daqui. Sua voz está presente nos CDs de compositores como Cláudio Abreu, Luiz Trevisan, Luiz Paulo Velloso e Mário Ruy, em mídias publicitárias e no meu programa “Domingo Brasil”, na Rádio Universitária.

Em 2015, Eliane chegou aos 50 anos de vida e boa música. Suas colegas do grupo *Vozzes* estão na mesma faixa etária, então sugeri que elas fizessem um show intitulado “150 anos do *Vozzes*”, porque as cinquentonas de hoje não escondem idade, se orgulham por chegarem bem a ela, mas acho que a soma não foi muito bem aceita. Felizmente, a história delas não carece de registros, como a de Vitorina, com seu final trágico. Em todos os casos, porém, verifica-se a falta de uma iniciativa pública para a criação de um museu com a imagem e os sons de nossos artistas, para que eles não corram o risco de se perderem, como quase aconteceu com esse show histórico de Vitorina.

## SENTIMENTAL DEMAIS

Você gosta daquela música da Gal Costa? Já ouviu o novo sucesso da Ivete Sangalo?

É assim mesmo que se diz, a canção é associada só ao intérprete. Isso melhorou no tempo dos festivais televisivos de música, que chamavam atenção para os compositores e alguns premiavam autores das melhores letras. Ah, os letristas. Menos destaque ainda costumam ter, principalmente se não cantam nem tocam algum instrumento.

Entre os grandes letristas da música popular brasileira, merece respeito também o capixaba Jair Amorim. Sim, capixaba, de Santa Leopoldina, pequena cidade simpática pertinho daqui de Vitória. Jair nasceu lá e morou alguns anos em nossa ilha, onde começou sua vida profissional. O centenário do seu nascimento se completou em 2015 e não houve, ou pelo menos não chegou ao meu conhecimento, algum evento comemorativo, nem na sua cidade nem no seu estado natal. Nisso os cachoeirenses de Santa Leopoldina (a cidade também já teve esse prenome, Cachoeiro) perdem feio para os de Itapemirim, que rendem e continuam rendendo homenagens a seus filhos ilustres. Mas nós, capixabas, não apenas os de Santa Leopoldina, perdemos também dos baianos, dos cariocas, dos mineiros e de muitos outros, quando se trata de prestigiar filhos

ilustres. Como se explica isso? Porque os nossos emigram muito cedo e só se tornam famosos depois que saem daqui, exceto Maurício de Oliveira?

Bom, Jair Amorim não emigrou tão cedo. Morou em nossa capital dos 15 aos 25 anos de idade e aqui se iniciou jornalista, com várias funções também em *A Gazeta*, onde foi colunista social muito antes da Renata Rasseli. Aqui também ele se tornou radialista, chegando a diretor da Rádio Clube do Espírito Santo, que depois virou Rádio Espírito Santo. E também compositor, principalmente de marchinhas carnavalescas, em parceria com Clóvis Cruz.

Depois, no Rio de Janeiro, onde Jair Amorim atuou também como jornalista e dirigente da UBC (União Brasileira de Compositores), a obra musical do compositor Jair Amorim pode ser dividida em duas fases: antes e depois de conhecer Evaldo Gouveia.

O marco inicial da primeira foi a versão do bolero mexicano “Maria Helena”, que Jair fez a pedido de um radialista, Arnaldo Amaral: “Maria Helena és tu / A minha inspiração”.

Em seguida, o parceiro mais frequente foi o pianista José Maria de Abreu, com quem fez grandes canções interpretadas principalmente por Dick Farney: “Ponto final”, “Alguém como tu”, “Um cantinho e você”. Com o sambista Dunga, fez o imenso sucesso de Cauby Peixoto: “Conceição” (“Eu me lembro muito bem”). Nessa fase, um clássico do violão brasileiro,

de Dilermando Reis, tem letra de Jair: a valsa “Se ela perguntar”. Todo estudioso de violão brasileiro conhece essa melodia e nem todos sabem da letra.

Em 1958, Jair e o músico cearense Evaldo Gouveia, que integrava o Trio Nagô, formaram uma dupla criadora de sucessos, muitos deles imortalizados na voz de Altemar Dutra, esse grande cantor mineiro cuja trajetória artística tem muitas passagens em nosso estado. Altemar ficou famoso com “Sentimental demais”, que virou título de um disco; “O trovador”, que lhe deu apelido; “Brigas” (“Veja só / Que tolice nós dois / Brigarmos tanto assim”) – e muitas outras canções. Como a dupla fez muitos sambas-canções e boleros, alguns críticos preconceituosos a chamavam de bolerista, como se isso fosse um crime, mas a obra dos dois também tem sambas, como “O conde”, sucesso na voz de Jair Rodrigues (“Encontrei hoje cedo no meu barracão”), o samba-enredo vitorioso da Portela em 1973 (“O mundo melhor de Pixinguinha”) e tango, o “Tango para Tereza”, outro sucesso, gravado por Angela Maria e recriado mais recentemente por Ney Matogrosso. Além de Ney, outros intérpretes atuais vêm regravando a obra da dupla, tais como Ana Carolina, Gal Costa, Fagner e Milton Nascimento.

Jair deixou uma bela homenagem à nossa cidade, na letra da canção “Minha ilha azul”. Mas ele próprio, no ano do seu centenário, não recebeu homenagens à altura da sua importância.

## THE CHICO BUARQUE EXPERIENCE

Tenho um amigo que tem muitos amigos, é o Orlando. Costumo utilizá-lo como personagem de uma piada antiga, na qual um desses amigos conta a Orlando que irá passear na Europa. Como sempre faz, Orlando se propõe a ajudar e diz: “Se precisar de alguma coisa onde estiver, diga que é meu amigo e terá ajuda, sou muito conhecido lá”. O amigo diz que sim, meio desconfiado, não seria isso um excesso de pretensão? Na viagem, por onde ele vai, a cena se repete. Basta se anunciar amigo do Orlando que o interlocutor se desmancha em gentilezas. Finalmente, vai ao Vaticano e aguarda na Praça São Pedro a aparição do Papa numa janelinha distante. Quando isso acontece, há uma pessoa ao lado do Pontífice, que lhe parece ser o Orlando. Incrédulo, ele pergunta a um desconhecido ao lado se ele sabe quem é aquele na janela. A resposta é rápida: “O de batina eu não sei, mas o outro é o Orlando, com certeza”.

Não sei se Orlando já foi ao Vaticano, deve ter ido, ele viaja muito, ainda mais depois que se aposentou. Passou a dedicar mais tempo à música e à poesia. Toca violão e canta, principalmente um repertório que ele chama de lados B, canções menos conhecidas e admiráveis que não fizeram sucesso popular. Sua poesia já frequentou o Caderno Pensar, de *A Gazeta*, creditada a O. J. Castro, como ele assina seus trabalhos nessa área.

Como O.J. domina bem o idioma inglês, esse conhecimento e sua dedicação à música e à poesia o levaram a acalentar um sonho: fazer e gravar versões naquele idioma para canções de Chico Buarque, de modo a torná-las conhecidas também por pessoas que não entendem o português. Fazer essas versões já é difícil, porque não basta uma simples tradução, é preciso manter a riqueza dos versos originais e respeitar limites da métrica e da prosódia musical. Isso foi feito, com habilidade. O impossível parecia vir depois, obter a aprovação do autor das canções originais. Após muitos meses da atrevida solicitação, essa etapa também foi vencida: Chico Buarque autorizou a gravação. A realização do sonho estava próxima, até porque algumas gravações já vinham sendo feitas e continuaram. Como? Com a participação dos muitos amigos, a começar pelo ex-professor de violão de Orlando, o maestro Leonardo Bruno, que fez os arranjos. Um time de músicos de primeira linha: João Carlos Coutinho, piano; Bruno Mangueira, violão (sim, o nosso conterrâneo Bruno Mangueira, hoje radicado em Brasília); Jorge Helder, contrabaixo; Erivelton Silva, bateria, e outros experts nos quatro violinos, duas violas e dois violoncelos. As vozes, por ordem de entrada no CD, são de Cris Delanno, Zé Renato (outra presença capixaba), Clarisse Grova, Tico de Moraes, Cláudia Vieira, Jorge Vercillo, Cely Curado, Altay Veloso, Vanessa Pinheiro, Ithamara Koorax e Zé Luiz Mazziotti.

Com todos esses ingredientes, é claro que o CD *The Chico Buarque Experience* ficou muito bonito. Só para dar um exemplo, Jorge Vercillo canta em “All the feelings”, a versão de O.J. para “Todo o sentimento”, melodia belíssima de Cristóvão Bastos: “My need is not to sleep / Until we might complete / Together our moment”. Os versos iniciais de Chico são: “Preciso não dormir / Até se consumir / O tempo da gente”.

Como distribuir um trabalho desse tipo, fazê-lo chegar às lojas? Embora ele esteja em alguns pontos comerciais, um bom recurso é a Internet, então ele foi utilizado.

Bom, CD na praça, sonho realizado, o que mais pode acontecer? Indicação para o 26º. Prêmio da Música Brasileira, na categoria melhor álbum em língua estrangeira. Na noite de 10 de junho de 2015, no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, Orlando aguardava na plateia o resultado. Não ao lado do Papa, mas da homenageada da noite, Maria Bethânia. Se o amigo que foi à Europa estivesse lá, teria outra surpresa: O.J. no palco, recebendo o prêmio que coroou a realização do seu sonho.

“Não sabendo que era impossível, ele foi lá e fez”, disse Jean Cocteau. Será que ele também era amigo do Orlando?

## GONZAGÃO, GONZAGUINHA E EU

Era 1973 ou 74, o avião que faria o voo do Rio de Janeiro para Vitória já estava quase lotado quando me sentei ao lado de Luiz Gonzaga. O rosto redondo que lhe deu o apelido de “Lua”, o corpo e os braços fortes, a aparência de uns 60 anos bem vividos, tudo me indicava estar ao lado de um dos meus ídolos. Mas poderia ser alguém parecido, até porque ele usava grandes óculos escuros e lia atentamente o jornal de bordo. Melhor não incomodar o talvez ilustre passageiro.

O aeroporto carioca já estava longe quando meu vizinho dobrou o jornal e me perguntou, com um sorriso e forte sotaque nordestino: “Minino, quanto tempo esta geringonça leva até Vitória?”. Repeti a informação que o piloto nos dera e venci a timidez: o senhor não é o Rei do Baião? “Rei nada, meu fio, sou Luiz Gonzaga, tocador de sanfona, ao seu dispor”. Fiquei então sabendo que ele iria fazer uma apresentação no interior do nosso estado. Perguntei-lhe se ainda usava o prefixo que eu sempre ouvia na Rádio Nacional: “Vai, boiadeiro, que a noite já vem / Guarda o teu gado e vai pra junto do teu bem” (“Boiadeiro”, de Armando Cavalcanti e Klécio Caldas). Ele riu e disse que agora era um velho sem-vergonha, então cantava assim: “Vai, boiadeiro, que a noite partiu / Guarda o teu gado e vai pra puta que o pariu”. Rimos



da paródia do seu próprio sucesso e a conversa seguia animada quando me lembrei de um ídolo mais recente, Luiz Gonzaga Jr., dos festivais universitários, fundador do MAU (Movimento Artístico Universitário) com Ivan Lins, Aldir Blanc e outros. Há pouco, eu conseguira o seu primeiro LP, do qual algumas canções, como “Comportamento geral”, estavam tendo problemas com a censura. “Você deve notar que não tem mais tutu / E dizer que não está preocupado” [...] “Você merece...” e outros versos assim faziam sucesso entre os estudantes e nas rodas de violão “politizadas”. Então, arrisquei-me a dizer: gosto muito também do trabalho do seu filho... O semblante mudou com rapidez: “Aquele moleque, já falei pra ele, ficar atazanando os hõmi, cutucando a onça com vara curta, é perigoso e não dá camisa a ninguém, por mim ele pode ser preso que nem vou visitar”. Reabriu o jornal, voltou à leitura e me ignorou.

Com o tempo, pude compreender a origem dessa animosidade. Para ganhar a vida, o Gonzaga Pai fez muitos comícios para os políticos poderosos. Não lhe parecia seguro o filho enveredar pelos tortuosos caminhos das canções de protesto, em pleno regime militar. E o “minino” radicalizou, a ponto de ganhar o apelido de “cantor-rancor”. Seus caminhos pareciam cada vez mais distantes.

Um indício claro de que pai e filho se reencontraram apareceu mais tarde, nos seus nomes artísticos.

Passaram a ser Gonzagão e Gonzaguinha, gravaram discos e fizeram excursões juntos.

Há pelo menos dois bons livros que contam a história desses dois gênios da nossa música popular: *Gonzaguinha & Gonzagão – uma história brasileira*, de Regina Echeverría, e *Gonzagão & Gonzaguinha – encontros e desencontros*, de Jonas Vieira e Simon Khoury. Um filme que fez muito sucesso nos cinemas já está disponível em DVD e virou microssérie da Rede Globo de Televisão: *Gonzaga - de pai pra filho*, dirigido por Breno Silveira.

Gonzagão viveu 76 anos, de 1912 a 1989, e o seu centenário de nascimento foi marcado por muitas comemorações, inclusive o lançamento do filme.

A vida de Gonzaguinha durou apenas 45 anos, encerrada em 1991 num acidente automobilístico. O filho não foi apenas um personagem na história do pai e nem somente aquele cantor-rancor dos primeiros anos de carreira. Tornou-se compositor respeitado, ganhou prêmios, suas músicas foram gravadas por intérpretes de grande visibilidade e alcançou sucesso popular em sambas, trilhas e aberturas de novelas. Concluiu que a vida é bonita e repetia: “é bonita, é bonita”.

Certamente, se hoje me fosse possível ouvir de novo o Gonzagão, ele diria: “Tenho orgulho desse cabra”.

E Gonzaguinha começaria tudo outra vez.

## ENCAIXOTANDO BAILES

Conta-se que um jovem teria perguntado a outro, em frente a um cartaz que anunciava um show de DJAVAN: “Você conhece esse DJ? AVAN?”.

A graça disso não está apenas no questionador desconhecer o ilustre personagem da nossa história musical, ex-cantor de bailes, mas na constatação da popularidade atual dos DJs – ou disc-jóqueis, como se dizia antigamente.

Embora possa parecer recente, essa atividade existia há mais de 60 anos nos programas de rádio, exercida pelos locutores que apresentavam seleções musicais em discos de vinil. Nem todos os programas eram ao vivo, com cantores e orquestras, como os saudosistas gostam de lembrar.

Radialistas ou não, os disc-jóqueis faziam o mesmo que os DJs fazem hoje com mais recursos tecnológicos: animavam as festas. Os primeiros usavam apenas aparelhos para tocar os discos de vinil e mixar as gravações, cuidando para que não houvesse intervalo entre elas. Os atuais podem usar gravações digitais e recursos informatizados capazes de alterar as gravações e compatibilizar sua sequência.

Assim como os DJs atuais coexistem com as bandas especializadas em festas, os disc-jóqueis tradicionais coexistiram por muitos anos com os conjuntos

de baile, até porque nem todos os organizadores de eventos dispunham de verba suficiente para contratar músicos. Aliás, aí está uma boa discussão: os DJs também são músicos?

Durante algum tempo, a partir do final dos anos 1950, o aristocrático Clube Vitória teve como disc-jóquei o grande Marien Calixte, com o seu indiscutível bom gosto. Nas festas mais populares da década seguinte, destacou-se também Jairo Maia, radialista e proprietário de lojas de discos.

Mas havia também os anônimos discotecários das festinhas nos colégios ou casas de amigos, além das universitárias: os sábados na FAFI ou as quintas-feiras na Odontologia, faculdades estabelecidas no centro da cidade, quando ainda não havia o Campus Universitário.

Nessas festas, não podiam faltar discos de Ray Conniff (e sua orquestra), de Ed Lincoln (o Rei dos Bailes) e do capixaba Hélio Mendes (seu piano e seu conjunto).

Se as gravações de Ray Conniff há muito tempo se encontram em CDs, o mesmo não ocorreu com as de Ed Lincoln e Hélio Mendes. Isso foi corrigido recentemente, com o lançamento de duas caixas: *Ed Lincoln – o Rei dos Bailes* e *Bossa é bossa*.

A primeira tem seis CDs, cada um com a versão remasterizada e as capas originais dos álbuns lançados pelo pianista / organista entre 1960 e 1966. Tempo em que ninguém via duplo sentido em títulos como *Ed Lincoln, seu piano e seu órgão espetacular*. Além do

titular, destacavam-se grandes músicos e os crooners Pedrinho Rodrigues, Sílvio César e Orlandivo.

A outra caixa, com o pouco inspirado título “Bossa é bossa”, traz em cinco CDs as gravações e as capas originais de dez LPs, dentre os quais Hélio Mendes está em quatro: *Weekend no Rio* (1963), *Weekend em Guarapari* (1963), *Trio Vagalume na Bossa* (1964) e *Volume 4* (1964). As demais gravações são dos conjuntos de Celso Murilo e Celio Balona, também presenças constantes nos bailes daquele tempo. Quer dizer, quem procurar CDs de Hélio Mendes nas lojas não adivinhará que estão nessa caixa de título vago.

Com Hélio Mendes ao piano, o seu conjunto trazia, nos dois primeiros discos, Maurício de Oliveira, guitarra; Cícero Ferreira, piston; Moacyr Barros, sax e clarinete; Betinho, bateria; Marinho, acordeon; Edílio, contrabaixo, e Moacyr Lima, ritmista. Todos estão no *Volume 4*, exceto Marinho. Curiosamente, o Trio Vagalume é um quarteto, tem pianista, guitarrista, baterista e contrabaixista – os mesmos do conjunto. Há também os preciosos textos de apresentação, feitos por Hélio Dória (o correto é “Dórea”, mas foi registrado equivocadamente na capa), Jair Amorim, Claribalte Passos e Osvaldo Oleari.

Assim estão, muito bem encaixotados, os bailes dos anos dourados. Para quem quiser brincar atualmente de disc-jóquei – ou DJ retrô. E os bailes de Hélio Mendes serão revisitados quando sair o CD dedicado a ele por um grande pianista da atualidade, Pedro de Alcântara.

## COVER NÃO É OVER

Circulou na Internet um texto muito interessante de uma paulistana (Thiara) que mora em Vitória há alguns anos, após quase 32 na sua cidade natal. Entre comentários simpáticos sobre as peculiaridades locais que nós capixabas percebemos ou não, interessou-me um em que ela chamou de mania engraçada não falarmos o artigo definido antes do nome das pessoas. Segundo ela, falamos “Tiago vai trabalhar hoje, Ana já tá dormindo”, em vez de “O Tiago vai trabalhar hoje, a Ana já tá dormindo”. É verdade. Há tempos venho percebendo esse uso do artigo nos meios de comunicação e não achei engraçado, apenas estranho. Segundo informa no site G1 o professor Sérgio Nogueira, consultor de português do Grupo Globo, as duas formas são corretas e cada uma é mais frequente em determinadas regiões, havendo aquelas em que o uso do artigo caracteriza intimidade com a pessoa citada. Então, não deve ser usado, segundo ele, antes do nome de pessoas famosas. Ainda segundo o professor, no jornalismo, não usamos artigo antes de nenhum nome de pessoa, famosa ou não. Bem, ele postou isso em 10/04/2013, pode ter mudado de opinião. Nos noticiários da tevê, usa-se muito. Pareceu-me uma nova mania, sucessora da praga do gerundismo, cuja origem talvez tenha sido mesmo paulistana. Afinal, acredito que também tenha

vindo de lá o uso do termo “balada” para expressar festa, em vez de forma de canção.

No ambiente musical, outra palavra que vem tendo mudança de significado é um anglicismo: cover. Originalmente, denotava imitação: uma banda cover dos Beatles deveria repetir os arranjos e as interpretações com a maior semelhança possível. É o caso da banda brasileira “All you need is love”, que imita até os figurinos e instrumentos originais. Há anos, o cantor mineiro Zezinho Mucci teve fama e fez muitos shows por aqui fazendo cover de Roberto Carlos. Atualmente, quem também faz isso com habilidade é Fábio Freitas, assim como Thomazio se esmera imitando Fagner e Tim Maia. Historicamente, as bandas de baile se preocupam em repetir os arranjos originais das canções e muitas depois se destacaram lançando composições próprias, como é o caso do grupo Roupas Nova. Logicamente, para fazer isso, é preciso competência e grandes artistas tiveram essa escola.

Contudo, ultimamente vem sendo chamado de cover qualquer trabalho musical feito com canções já gravadas anteriormente, havendo até preconceito contra quem faz isso, de modo que o termo ganhou uma conotação pejorativa. Há quem acredite que fazer trabalho “autoral” tenha mais valor do que cover. É aí que isso me parece exagerado. Alguém diria que Elis Regina fez cover e obra menor quando interpretou “Atrás da porta”, de Francis Hime e Chico Buarque, porque a

canção já tinha sido gravada? Aqui em Vitória, a longeva Banda Club Big Beatles executa com competência arranjos próprios. Mesmo assim faz cover?

Um pouco diferente, mas também às vezes chamado de cover, é o caso de um trabalho musical influenciado ou inspirado por outro artista. Por exemplo, quando um cantor grava um songbook. Eis aí outra palavra (ou palavras, quando separadas) cujo sentido original se modificou. De livro com partituras, evoluiu para álbum com gravações dedicadas a um compositor ou estilo musical. Temos, por exemplo, *Ella Fitzgerald Sings The Ira & George Gershwin Song Book*. Então a grande cantora também “cometeu” covers?

Voltando às influências: elas sempre ocorreram. Gerações de violonistas se formaram fazendo cover (?) de João Gilberto. Elis Regina se inspirava em Angela Maria. Simone no início da carreira era comparada a Maria Bethânia. Pode-se dizer que faziam cover?

Com Maria Rita, então, a coisa fica mais séria. Com a imensa semelhança física devido à genética, ela faz cover da mãe (Elis) quando canta o seu repertório?

Acredito que não. Respeito e admiro todos esses talentos, os que fazem ou não fazem cover, em qualquer sentido, e os que fazem ou não trabalhos autorais, até porque todo trabalho é autoral – já que é realizado por alguém – e merece, portanto, essa designação.



## IMPORTAÇÃO E EXPORTAÇÃO MUSICAL

Em nosso estado, movimentam-se produtos para importação ou exportação. Além desses bens materiais, importamos e exportamos também talentos musicais. Muitos nascidos aqui emigram e recebemos muitos imigrantes. Como registra o pesquisador musical Rogério Coimbra, na contracapa do CD *Vitória Instrumental*, produzido por ele em 1999, a pedra fundamental da música popular brasileira foi lançada em nossa nobre capitania, provavelmente entre 1549 e 1551. Como foi isso? O português Francisco de Vacas, cantor e violeiro, veio com o donatário Vasco Fernandes Coutinho e aqui ficou quatro anos. Segundo o pesquisador, a música popular brasileira começou em Vila Velha, com a nossa primeira importação musical.

Depois, nossas importações e exportações de valores musicais se intensificaram. Começando pelas exportações, temos Roberto Menescal e Nara Leão, que de Vitória foram para o Rio de Janeiro desempenhar importante papel na Bossa Nova. Roberto Carlos fez o mesmo, a partir de Cachoeiro de Itapemirim, para a Jovem Guarda e o que veio depois. Nessa mesma área, Rossini Pinto foi de Ponte do Itabapuaana (ES) para o Rio cantar e compor clássicos e versões. Para a Jovem Guarda e a Pilantragem, Carlos Imperial foi de Ca-

choeiro para o Rio. Sérgio Sampaio fez o mesmo caminho. Zé Renato nasceu em Vitória. Maysa, filha de tradicional família capixaba, Monjardim, só não nasceu aqui, onde seus pais moraram, porque o parto foi feito no Rio. Entre as exportações internacionais, temos Marcos Levy, de Cachoeiro para Portugal, Tamy Macedo, de Vitória para o Uruguai, e Marcos Rezende, outro cachoeirense exportado. Gilson Martins virou Gilayo nas Filipinas. Exportamos Jair Amorim, de Santa Leopoldina. Mais recentemente, nosso Bruno Mangueira foi ser professor universitário em Brasília, depois de algum tempo em São Paulo. Sérgio Melo é baterista requisitado no Rio. Há muitos como esses.

Vamos às importações, iniciadas pelo tal português. O baiano Geraldo Cunha, atuante na Bossa Nova, compõe até hoje e mora em Guarapari. Carlos Papel veio do Rio para Vitória há mais de 30 anos participar de um festival e ficou. O pianista e arranjador Roger Bezerra veio de Maceió. Eliane Gonzaga nasceu em Pirapora, Minas Gerais, morou aqui, foi para Maceió, e voltou para cá há mais de 20 anos. Edu Szajnbrum é carioca, baterista e percussionista, atuou em discos e shows de grandes nomes da nossa música e há muitos anos escolheu Vitória para morar. Alza Alves, fonoaudióloga e professora de canto de muitos capixabas, fez o mesmo caminho e lançou recentemente o seu primeiro CD solo, como cantora.

Altamar Dutra foi importado de Aimorés (MG)

para Colatina, passou por Vitória e Vila Velha e foi exportado para o mundo, fez seu último show em Nova York. Marcela Lobbo veio de Juiz de Fora (MG), fez história aqui e voltou para Minas. Inversamente, Raul Sampaio foi exportado, de Cachoeiro para o Rio, fez memorável carreira artística e hoje mora em Maratáizes.

Chegou-me às mãos um CD com o título *Ê vida, ê voz*, de Lício Bruno (voz) e Claudia Marques (piano). Como conheço pouco sobre música de câmara e obras sinfônicas, procurei saber sobre o cantor e a pianista, então descobri que são mais dois casos de importações artísticas, do Rio para cá. Conforme o encarte do CD, Claudia vem realizando concertos com renomados músicos nacionais e internacionais e participando de óperas, musicais e peças teatrais. É professora da Faculdade de Música do nosso estado e do Centro Educacional Leonardo da Vinci. Lício tem carreira internacional, atuou em grandes teatros e ganhou muitos prêmios. Além disso, desenvolve em Vila Velha um trabalho social numa fundação (Operartes), dedicada a trabalhos de ressocialização, de reintegração social através da música.

Face a esses e tantos outros casos que ocupariam todo este espaço, pode-se concluir que há um saudável equilíbrio no balanço entre nossas importações e exportações artísticas. Devemos continuá-las, com certeza.

## OS 60 ANOS DE ZÉ RENATO

Assim como Nara Leão e Roberto Menescal, Zé Renato nasceu em Vitória e muito cedo foi fazer arte no Rio de Janeiro. Entre as muitas afinidades entre eles, a principal é o compromisso com a qualidade artística. Tal fez Nara, Zé se dedica a resgatar e registrar o trabalho de grandes compositores. Como o “Menesca”, é um exímio instrumentista e compositor, ligado a parceiros tão importantes quanto eles. José Renato Botelho Moschkovich completou 60 anos no dia primeiro de abril de 2016 e um balanço do seu trabalho artístico permite destacar vários aspectos louváveis da sua obra.

Começemos com os grupos musicais. Primeiro foi o Cantares, com Juca Filho, Marcos Ariel e Antônio Sant’Anna, nos derradeiros anos 70, quando se ouviu pela primeira vez o verso “Vem, morena, ouvir comigo essa cantiga”, da canção “Toada” ou “Na direção do dia”, de Zé Renato, Claudio Nucci e Juca Filho. Ainda no final daqueles anos, veio o Boca Livre, inicialmente junto com Cláudio Nucci, David Tygel e Maurício Maestro. O grupo permanece em atividade após quase 40 anos de boa música, atualmente com Zé Renato, Lourenço Baeta, David Tygel e Maurício Maestro. Em meados dos anos 80, houve a banda Zil, com Zé Renato, Cláudio Nucci, Ricardo Silveira, Marcos Ariel, Zé Nogueira, Jurim Moreira e João Batista. Seu disco

fez sucesso internacional. Já nos anos 2010, o ZR Trio tem, além do ZR, Rômulo Gomes (contrabaixo e vocal) e Tutty Moreno (bateria).

O compositor Zé Renato está presente, além de na canção “Toada”, citada acima, em trabalhos de todos os grupos dos quais participa e também nos discos de grandes intérpretes. Sempre com letristas da maior relevância, inclusive Milton Nascimento.

Como violonista, além do seu trabalho em todos esses conjuntos citados, atuou com Al di Meola (shows e disco) e Pat Metheney.

O cantor Zé Renato tem uma bela e afinada voz, com uma extensão que lhe permite executar um repertório de canções próprias ou desenvolver projetos dedicados a grandes nomes da nossa música, tais como Silvio Caldas, Zé Kéti, Noel Rosa e Chico Buarque. Outro projeto muito interessante teve os CDs *Samba pras crianças* e *Forró pras crianças*, que originaram o show *Zé Renato pras crianças*. Há ainda um disco dedicado ao repertório da Jovem Guarda, *É tempo de amar*, em cujo encarte ele conta ter aprendido muitas daquelas canções quando passava férias em Vitória.

Não está apenas aí sua ligação com nossa cidade, seus shows por aqui não são raros, seja solo ou com o Boca Livre, nos bares Terra Viva e no Bordel, mas também nos teatros. Foi no Carlos Gomes, em 2001, que o Boca fez show com Kátia Rocha e, em 2008, comemorou 30 anos de existência junto com o gru-

po Vozzes (Andréa Ramos, Eliane Gonzaga e Márcia Chagas), que festejava dois anos.

Em 2013, comemorando a marca dos 1.000 programas Domingo Brasil, que produz e apresenta na Rádio Universitária, houve um show no Teatro da UFES em que, junto com meus colaboradores habituais, Eliane Gonzaga, Haifa Sawaya, Jace Theodoro e Ruy Godinho, músicos e cantores convidados, tivemos a participação também especial de Zé Renato, que faria um pocket show final. Como ele percebeu que todos estavam cantando músicas com o tema “Brasil”, incluiu no repertório e dedicou ao programa a belíssima canção “Rio Amazonas”, de Dori Caymmi e Paulo César Pinheiro, também com esse tema. Um gesto muito simpático e atencioso.

Outras participações importantes de Zé Renato em trabalhos de artista capixaba podem ser encontradas nos CDs da cantora e saxofonista Kátia Rocha. No primeiro, a voz dele está numa bela composição resultante da sua parceria com Xico Chaves. Noutro CD dela, *Brasileira*, Zé e Maurício Maestro atuaram nos vocais da faixa-título, de Leandro Braga e Elisa Lucinda. E no seguinte, *Hoje o samba saiu*, além de participações vocais, Zé Renato fez alguns arranjos, direção e produção musicais.

É uma obra extensa para apenas 60 anos de vida. Que venham muitos outros anos e trabalhos de mais esse capixaba que tanto nos orgulha.

## O BARULHO DO JOSÉ ROBERTO

O prazer de ouvir a boa música popular brasileira se amplia quando conhecemos as histórias dos seus autores e intérpretes nos mais variados instrumentos, inclusive o aparelho vocal. Elas vêm sendo contadas e recontadas na Internet, em cadernos culturais dos jornais, programas de rádio e TV, peças teatrais, filmes e livros.

Na literatura produzida em nosso estado, há quatro bons livros dedicados à música e escritos por José Roberto Santos Neves nos últimos anos. O jornalista tem forte ligação com esse assunto, desde o seu trabalho em *A Gazeta*, como repórter, crítico musical e editor do Caderno Dois, onde foi responsável pela criação da página Fanzine e editor do Caderno Pensar (uma proposta inicial do diretor de redação na época, Antonio Carlos Leite, o Kaká). Ele é membro da Academia Espírito-Santense de Letras, foi subsecretário de Cultura de Vila Velha e depois veio a ser subsecretário de Estado da Cultura. Atuou como baterista e gravou CDs em duas bandas capixabas, The Rain e Big Bat Blues Band.

O primeiro livro de José Roberto é “Maysa”, de 2004, que tem uma segunda edição, ampliada, de 2008. É a primeira biografia da cantora, a quem depois foram dedicados outros livros e uma série da Rede Globo de Televisão, já disponível em DVD. O livro de JR corrige um erro de várias publicações e sites, segun-

do os quais Maysa teria nascido em São Paulo ou em Vitória. Na verdade, ela nasceu no Rio de Janeiro, embora seus pais morassem aqui e fossem de tradicionais famílias capixabas, Figueira e Monjardim. Seu nome de solteira era Maysa Figueira Monjardim. Teve um casamento de princesa com André Matarazzo, passou a ter esse sobrenome e, após a separação, veio a assinar seus trabalhos artísticos simplesmente como Maysa. O livro narra a trajetória da artista e traz a sua discografia básica, a filmografia e as novelas das quais participou.

No segundo livro, *A MPB de conversa em conversa*, JR descreve a preparação e mostra o resultado de 40 entrevistas com grandes nomes da nossa música, de A (Alceu Valença) a Z (Zizi Possi). Mesmo para quem as leu anteriormente, no Caderno Dois de *A Gazeta*, é muito interessante a introdução que o autor apresenta: um making of contextualizando os bastidores de cada uma, as exigências e dificuldades peculiares de cada artista. Há cenas como a de Angela Ro Ro, que desligou o telefone nas duas primeiras tentativas de contato e, na terceira, reclamou: “Porra, cara, tu não desiste mesmo, hein?”. Uma nova edição, revista e atualizada, foi lançada em 2017.

O terceiro livro dele é de 2012: *Rockrise, a história de uma geração que fez barulho no Espírito Santo*. O título faz referência ao compacto (de vinil) lançado em 1986 pela banda Thor, de heavy metal, e deixa claro que o barulho daquela geração se originou no rock. O



livro traz uma linha do tempo desse gênero no Espírito Santo, desde 1955 até 1995, e apresenta o resultado de uma pesquisa extensa sobre a origem e atividades de muitas bandas, descrevendo cenas antológicas em que o barulho, muitas vezes na lendária Rua da Lama, nem sempre era musical, podia ser de briga mesmo. Como aquela entre duas tribos, iniciada quando um metaleiro de cabelos compridos afirmou votar em Maluf e foi retrucado por um punk de visual moicano, armado com uma garrafa de cerveja: “Eu voto em Lula, seu mané”. Minutos mais tarde, naquele distante 1989, as pazes foram feitas entre biritas e vídeos de rock.

O quarto e mais recente livro (faço questão de não escrever “o último” para evitar que seja interpretado como “derradeiro”) foi lançado em 2015: *Crônicas musicais e recortes de jornal*. A música continua sendo o assunto central, há uma volta à Rua da Lama, mas o foco vai também para outros temas, como a religiosidade, o jornalismo de modo geral, o patrulhamento ideológico contra Monteiro Lobato e as políticas culturais. São 51 textos publicados ao longo de dez anos em *A Gazeta*, que, lidos ou relidos, permitem compartilhar com o autor o prazer das boas histórias musicais e o reconhecimento do valor artístico dos seus criadores.

Obrigado, José Roberto, continue fazendo barulhos assim e compartilhando conosco.

## TRADUÇÕES E TRAIÇÕES

Foi lendo Millôr Fernandes, tradutor de livros e peças teatrais, que conheci o trocadilho “traduttore, traditore”, mais interessante em italiano do que em português: “tradutor, traidor”. Com um tradutor automático da Internet, ele traduziu uma frase do português para o inglês e, sucessivamente, cada resultado para outro idioma. Após meia dúzia de traduções, retornou ao português e a frase estava irreconhecível, é claro, porque o tradutor automático também é traidor.

É difícil fazer traduções. Ao pé da letra, perdem o sentido. Quando se tenta interpretar o sentido, ele pode ficar tão alterado que a ideia original desaparece. Pior ainda se o autor da tradução tiver pouco conhecimento dos idiomas. Exemplos são comuns nas tentativas de nacionalizar títulos de filmes. O saudoso Cine Santa Cecília, que teve seus dias gloriosos no Parque Moscoso, nas últimas semanas de decadência exibia um faroeste intitulado “Wanted, o procurado”. Outro cinema anunciava: “Um homem chamado cavalo, com Aman Called Horse”. Fico pensando se o tradutor traidor achava que o astro do filme fosse árabe.

Na música há traições semelhantes. Um dos primeiros sucessos do cantor Agnaldo Timóteo foi a canção “Aline”, do franco-alemão Christophe. Inicialmente, Agnaldo cantava a letra original em francês e

caprichava na pronúncia: “J’avais dessiné sur le sable son doux visage”, ou seja, “Eu desenhei na areia seu rosto doce”. Ao pronunciar a palavra “doux”, ele fazia com os dedos indicador e médio o gesto usual para representar dois. Depois ele passou a cantar a versão: “Ontem retornei à areia branca e ardente...”.

Embora versão e tradução tenham o mesmo significado, quando se trata de música, usa-se o primeiro termo para indicar uma certa liberdade em relação ao original. Quem faz a versão quase sempre se permite abandonar a ideia inicial do compositor e fazer uma nova letra. Quando a original é pouco ou nada conhecida, não há risco de comparações, mas fica estranho quando isso é feito com canções conhecidas.

Até hoje, as versões brasileiras das canções “Fascination” e “Smile”, feitas respectivamente por Armando Louzada e Braguinha, são muito conhecidas e recebem regravações. E olhe que um dos autores da segunda é Charles Chaplin.

A primeira cantora a gravar rock no Brasil foi Nora Ney, que usou as palavras originais do “Rock around the clock”. Depois, Celly Campello interpretou muitas versões de Fred Jorge, um especialista no assunto, que fez Carlos Gonzaga cantar “Only you pode fazer-me feliz” na canção Diana. Até o banho de lua imortalizado por Celly era uma versão de Fred, de um original italiano. Sucessos iniciais de Roberto Carlos, “Splish Splash” e “O calhambeque”, foram versões

feitas pelo amigo Erasmo, para a Jovem Guarda, que era chamada de “iê-iê-iê”, nome oriundo de “yeah, yeah, yeah”, da canção “She loves you”, dos Beatles. As canções do quarteto de Liverpool originaram muitas versões brasileiras interpretadas por conjuntos, tais como Renato e seus Blue Caps, ninguém se preocupava se “Ah, deixe essa boneca, faça-me um favor” não tivesse nada a ver com “I should have known better”. Há também o CD de Rita Lee, *Aqui, ali, em qualquer lugar*, com versões muito legais dos Beatles e algumas com o humor só dela. Anos depois, ela também regravou uma impagável versão de “I wanna hold your hand”, feita no tempo da Jovem Guarda pelo conjunto The Rebels, “O bode e a cabra”: “O bode saiu com a cabra / Foram andar a pé / O bode pisou na cabra / A cabra gritou mé / A cabra gritou méiéié / A cabra gritou mé”... E por aí vai...

Como o “Banho de lua”, de Celly Campello, um sucesso recente de Ana Carolina, “Quem de nós dois”, é versão de um original no mesmo idioma (“La mia storia tra le dita”).

Há tempos, surgiu mais um preconceito: fazer versões musicais passou a ser considerada uma atividade menor. Pouco importava se algumas parecessem melhores que os originais. Isso é injusto, como todo preconceito. O tempo veio mostrar que é possível fazer boas versões e há vários exemplos disso. Para citar apenas dois: Verônica Sabino cantando “Demais”,

versão de Zé Rodrix e Miguel Paiva para “Yes, it is”, de Lennon e McCartney, e Gilberto Gil em “Não chore mais”, que ele mesmo fez para “No woman, no cry”.

Todos os grandes letristas brasileiros, de Aldir Blanc a Nelson Motta, fizeram versões e muitas são primorosas, levando as letras originais ao esquecimento. É justo chamá-los de traidores ou isso é só mais um preconceito a ser vencido?

## MÚSICOS OU POETAS?

A concessão do prêmio Nobel de Literatura de 2016 a Bob Dylan reacendeu uma discussão interessante sobre a importância dos letristas musicais. Como a obra do premiado é mais conhecida em discos do que em livros, supõe-se que a academia sueca tenha levado em conta principalmente suas letras musicais. Elas justificam um prêmio de Literatura? Há controvérsias, vindas principalmente de quem as considera fruto de uma atividade menor, e isso é antigo. O poeta e diplomata Vinicius de Moraes foi muito criticado quando reduziu sua produção de livros de poesias para se dedicar às letras de canções populares, isso lhe custou até o emprego no Itamaraty. Então ele deixou de fazer Literatura? Segundo o dicionário *Aurélio Eletrônico Século XXI*, a primeira acepção dessa palavra é “arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso”. Quer dizer, não importa como esses trabalhos serão usados. A controvérsia existe até entre grandes letristas, como Chico Buarque e Paulo César Pinheiro. Em entrevistas apresentadas no filme *Palavra (en)cantada*, dirigido por Helena Solberg, o primeiro diz não se considerar poeta porque as palavras que escreve para as músicas só têm sentido junto com essas – e é contestado pelo segundo, que se assume poeta.

Grandes poetas parecem não ter tido preconceito com a música popular. Há uma famosa declaração de Manuel Bandeira, segundo a qual “Se se fizesse aqui um concurso para apurar qual o verso mais bonito de nossa língua, talvez eu votasse naquele de Orestes: Tu pisavas nos astros distraída”. De Orestes Barbosa, em “Chão de estrelas”, clássico da seresta brasileira, música de Silvío Caldas. Versos de Bandeira foram usados na canção “Azulão”, de Jayme Ovalle, em outras do mesmo autor e até de Villa Lobos. Carlos Drummond de Andrade não viu pedras no caminho ao permitir que seus versos fossem musicados, como fez Milton Nascimento em “Canção Amiga”. Ferreira Gullar fez letras de canções para teatro e o “Trenzinho do caipira”, de Villa Lobos. Além disso, foi parceiro de Caetano Veloso em “Onde andarás” e tem seu nome na versão “Borbulhas de amor”, sucesso de Fagner.

Voltando às músicas de Bob Dylan, há muitas versões brasileiras para elas, às quais Zé Ramalho dedicou um disco inteiro. Outras se devem a Caetano Veloso, Fagner, Geraldo Azevedo, Marcelo Nova, Miguel Paiva, Péricles Cavalcanti e há até uma do Leno, gravada por Renato e seus Blue Caps (“Mr. Tambourine Man”). Talvez a de maior sucesso seja a de “Blowin’ in the wind”, feita e gravada por Diana Pequeno. São boas oportunidades para quem não domina o idioma inglês ou tem dificuldade com a má dicção do autor.

Referências a Dylan podem ser encontradas também nas canções “Ele me deu um beijo na boca”, de Caetano Veloso, “Lira dos vinte anos”, de Belchior e Francisco Casaverde, “Dylan em Madri”, de Celso Fonseca e Ronaldo Bastos, e “De Bob Dylan a Bob Marley (um samba provocação)”, de Gilberto Gil. Provavelmente há outras por aí, mostrando mais afinidades entre Dylan e nossa música.

Logo depois da premiação do Mr. Zimmerman, a Academia Brasileira de Letras passou a ter mais um imortal, na cadeira que já fora ocupada por Manuel Bandeira: Geraldo Carneiro. Poeta, escritor, roteirista, teatrólogo e... letrista! Apesar das outras atividades intensas, ele já fez mais de quatrocentas letras para músicas de Egberto Gismonti, Francis Hime, Nando Carneiro (seu irmão e componente do grupo “A Barca do Sol”) e até Astor Piazzola. Parte dessa obra pode ser ouvida no CD *Gozos da Alma*, gravado em 2006. No seu encarte, comentando a letra da música “Palhaço”, de Egberto Gismonti, Geraldo diz que essa melodia foi feita para uma letra que ele escreveu em 1977.

Já que os letristas estão sendo tão reconhecidos entre os literatos, nos resta esperar que a Academia Capixaba de Letras tenha um dia entre seus imortais o nosso Chico Lessa. Leitor de poucos livros, há muito ele vem se destacando como letrista das próprias músicas. Haverá controvérsias?



## ETERNAMENTE WUNDERBAR

No dicionário alemão-português, consta que o adjetivo “wunderbar” significa “maravilhoso”. Em nossa cidade, Wunderbar foi muito bem descrito como “templo da boa música” pelo jornalista Leonel Ximenes, em sua coluna Victor Hugo no jornal *A Gazeta*. Infelizmente, a nota de 05/01/17 começava assim: “Vitória perde mais um dos seus points. Fecha hoje as portas, definitivamente, o Wunderbar...”.

O número de espaços com essa finalidade está cada vez menor e isso não ocorre apenas em nossa cidade. Há tempos, a música popular vem sendo mais apreciada como entretenimento e catalisadora de festas em que o ritmo intenso, o som ensurdecedor e os efeitos luminosos importam mais que a qualidade artística. Festas assim podem ser muito boas, mas templos ou points como o Wunderbar fazem falta.

Nos últimos anos, outros também fizeram história, que pude acompanhar com atenção por aqui. Apreciei grandes artistas no Terra Viva, Bordel, Zanzibar, Mistura Fina e noutros.

O Wunderbar começou pequeno, dez anos antes, numa esquina da Praia do Canto. Tão pequeno que não tinha cozinha nem mesas internas, elas se espalhavam na varanda e às vezes nas calçadas adjacentes. No cardápio, poucas opções de comida alemã, chope e cervejas. Os

músicos se apertavam no canto da varanda, inicialmente executando apenas temas instrumentais. Com o tempo, vieram o tradicional esquema voz-e-violão e pequenos grupos musicais acompanhando o canto (aqui, no sentido musical, sem intenção de duplo sentido). Daí aos pocket shows temáticos foi um pulo, então vieram as happy hours instrumentais, as noites francesas, natalinas e o lançamento de “Eternamente Sinatra”, uma singela homenagem ao grande cantor. Tudo isso com poucos recursos materiais e grande qualidade artística.

Mas o espaço exíguo e problemas com alguns vizinhos, baseados na lei do silêncio, impuseram a mudança para um espaço maior no mesmo bairro, em maio de 2013, e a nova casa foi inaugurada com dois espetáculos: a reprise do “Eternamente Sinatra” e “20 anos num país tropical”, comemorando esse tempo de existência do meu programa Domingo Brasil, na Rádio Universitária.

Boas iniciativas lançadas no endereço anterior tiveram continuidade, como o “Desafio Cultural”, apresentado quase sempre por Milson Henriques. A plateia, de variadas gerações, se dividia em equipes que disputavam acirradamente os prêmios conquistados com respostas corretas a perguntas sobre temas como cinema, música, culinária, quadrinhos, pintura e artes em geral.

Outras vieram, como o “Wunderbar Voice”, um disputado concurso de boas vozes, e o “Palco Aberto”, quando uma banda profissional acompanhava os frequenta-

dores que se dispusessem a mostrar seus dotes canoros.

Foi no palco do novo Wunderbar que o grande Zé Lopes aceitou se apresentar, fazendo uma pausa no seu retiro voluntário e reunindo mais uma vez sua legião de fãs.

Waleska, a rainha da fossa, apresentou-se com sucesso nos dois locais. Miele trouxe todo seu bom humor e experiência do show-business para duas noites memoráveis, em que voluntariamente atuou com artistas “da casa”, e Milson Henriques fez uma apresentação diferente, cantando fados e surpreendendo quem o conhecia “apenas” nas suas outras habilidades artísticas. Quase nas últimas semanas, a casa também lotou com a apresentação de Xangai, acompanhado pelo maestro e violonista João Omar.

Cheguei até aqui sem citar outros nomes de artistas que nos proporcionaram com o seu talento tantas horas maravilhosas, porque se o fizesse cometeria injustiças com omissões involuntárias. No entanto, muitas dessas horas estão registradas no Youtube, pelo músico e produtor Victor Humberto, eternizando-as.

Preciso agradecer a todos esses artífices, porque fui e sempre serei plateia atenta do trabalho de todos, admiro-os muito, mas agradeço também à empresária Maria Lucia Zumach, pela criação e manutenção desse point inesquecível. Que venham outros, por favor. Precisamos deles, mas o Wunderbar já é eterno, na nossa memória e no Youtube.

## UM ARTISTA ALÉM DO TEMPO

Os dois personagens se viram pela primeira vez nas ruas de Jerusalém, na época da crucificação de Cristo. Pela segunda vez na Revolução Francesa e se reencontraram em Berlim, entre os judeus. Mas afinal, o encontro marcado há mais de dois mil anos acontece num sinal bem aqui, no Brasil. Essa história está na canção “Encontro Marcado”, de Altay Veloso e Paulo César Feital, gravada em 2001 por Cris Delanno. Tenho um amigo instrumentista que não a toca porque a temática é espírita e ele não crê em reencarnação. Ora, a verossimilhança importa menos do que a beleza da canção, que independe da crença.

Os mesmos autores fizeram “40 anos”, gravada por Altay e por Emílio Santiago, Pery Ribeiro e Leny Andrade. A saga tem apenas a duração expressa no título, com cenário e personagens bem brasileiros.

Altay tem quase 500 músicas, gravadas por grandes intérpretes, e até uma ópera. Ele veio a Vitória em 2014 participar do show comemorativo dos 25 anos do Prêmio da Música Brasileira e gentilmente aceitou gravar uma entrevista no meu estúdio. Após a gravação, a conversa se estendeu ao longo de toda a tarde, em que ele rememorou seus primeiros trabalhos em conjuntos de bailes, como guitarrista de Wanderléa, no grupo musical do Globo de Ouro e na banda Black

Rio. Como compositor, seus primeiros trabalhos foram temas de novelas da Globo, tais como a “Oração dos Matagais”, em “Sinhá Moça”, de 1986.

Essa conexão com o sagrado é muito presente na obra de Altay Veloso, como é o caso da sua ópera intitulada “Alabê de Jerusalém”, lançada em disco em 2003, com as participações de muitos artistas de renome. Já foi encenada no Teatro Municipal, do Rio de Janeiro, com grande elenco, e vem sendo apresentada todos os anos, sempre perto da Semana Santa. Uma das mais belas cenas é o encontro da mãe de Jesus com a de Judas, disponível no Youtube numa linda interpretação de Bibi Ferreira. A filmagem da ópera se encontra também em DVD e a história está no livro *Ogundana, o Alabê de Jerusalém*, também de Altay. Alabê é aquele que zela pelos instrumentos musicais da tribo africana e o personagem, após longa peregrinação pela África e Europa, casa-se com Judith, prima de Maria Madalena, em Israel.

Entre as boas histórias de Altay, destaca-se aquela em que ele estava em casa, em meio a uma reforma, e foi chamado ao telefone. O interlocutor se apresentou como Roberto. Qual Roberto? “Roberto Carlos. Quero gravar duas músicas suas, uma no próximo disco, e lhe peço para reservar outra para o ano seguinte”. E assim, em seus discos de 1992 e 1993, respectivamente, ele gravou “Dito e Feito” e “Parabéns”, letras e músicas de Altay. Mas Leny Andrade fez ainda mais: gravou um CD inteiro só com músicas dele. Outra grande

intérprete da sua obra tem sido Alcione.

Quando Nelson Mandela foi solto após 27 anos de prisão, em 1990, Altay compôs em sua homenagem a Sinfonia da Paz e algum tempo depois a cantou para ele aqui no Brasil.

Discretamente, na mesma casa onde nasceu em São Gonçalo, estado do Rio de Janeiro, Altay Veloso vai desenvolvendo seus trabalhos ligados à música, à literatura e ao teatro.

Já no fim da tarde de sábado e pouco antes do horário marcado para o show, Altay nos pergunta se iremos lá. Era um evento fechado para convidados e não tínhamos convites, mas ele fez questão de nos convidar. Encontramos a área de espetáculos do Álvares Cabral lotada. Além dele, estavam previstos Beth Carvalho, Marienne de Castro, Arlindo Cruz, Dudu Nobre, Zélia Duncan e a nossa conterrânea Vera da Matta.

O clima frenético do show dedicado ao samba parecia incompatível com o jeito zen de Altay, mas quando ele entrou em cena esse nosso receio logo se dissipou. Numa presença envolvente de palco, ele agitou a plateia com um samba de sua autoria muito popular na interpretação do grupo Só Pra Contrariar: “Interfone”.

Assim é a obra de Altay Veloso, mais um importante personagem da nossa história cultural cujo nome é menos conhecido que sua obra, que está além do tempo.

## NOSSOS ÍDOLOS AINDA SÃO OS MESMOS?

A música popular brasileira perdeu em 2017 três ídolos praticamente da mesma idade cujas histórias são muito diferentes. Aos 70 anos, encerraram suas carreiras aqui na Terra: Jerry Adriani, Belchior e Almir Guineto. O primeiro teve fortes ligações com a Jovem Guarda e o terceiro tornou-se um grande nome do samba a partir dos anos 1980. O segundo tinha literalmente um grande nome, Antônio Carlos Gomes Belchior Fontenelle Fernandes, e deixa um trabalho mais difícil de classificar. Inicialmente, parecia fazer parte do grupo “Pessoal do Ceará” nos anos 1970, do qual ficaram conhecidos também Amelinha, Ednardo e Fagner. Embora parceiro de Fagner em algumas poucas composições, assim como a bela “Mucuripe”, Belchiôr (como ele pronunciava) logo construiu quase sempre sozinho uma obra admirável e fugiu dos rótulos. Talvez pós-tropicalista, como já se tentou, mas sua ligação com o movimento principalmente baiano mostrou-se desde o início de total antagonismo. Poderia até ser chamada de polêmica, como outras já acontecidas em nossa música (Noel Rosa x Wilson Batista, Dalva de Oliveira x Herivelto Martins), mas tem uma característica peculiar: nunca teve resposta, pelo menos musical, dos antagonistas.

O primeiro sucesso nacional de Belchior foi “Na hora do almoço”, canção com a qual venceu um festival universitário no Rio de Janeiro, em 1971. Parecia apenas uma homenagem à canção tropicalista “Panis et Circensis”, de Caetano Veloso e Gilberto Gil, cujo tema é um jantar burguês. Contudo, canções posteriores não deixaram dúvida sobre os seus alvos, os compositores da geração imediatamente anterior, em especial, Caetano Veloso. No geral, afirmava que “Nossos ídolos ainda são os mesmos / E as aparências / Não me enganam não / Você diz que depois deles / Não apareceu mais ninguém” / [...] / “Mas é você que ama o passado / E que não vê / Que o novo sempre vem / Hoje eu sei / Que quem me deu a ideia / De uma nova consciência / E juventude / Está em casa, guardado por Deus, contando o vil metal” – em “Como nossos pais”, sucesso também na voz de Elis Regina. Mas o foco em Caetano se explicitava em canções como “Fotografia 3x4”: “Veloso, o sol não é tão bonito pra quem vem do Norte / E vai viver na rua”, em resposta ao verso “o sol é tão bonito”, do baiano em “Alegria alegria”. Em “Apenas um rapaz latino-americano”, o cearense cantava “mas trago de cabeça / Uma canção do rádio / Em que um antigo / Compositor baiano / Me dizia / Tudo é divino / Tudo é maravilhoso”, para depois contradizer, “Mas sei que nada é divino / Nada, nada é maravilhoso”. A canção do “antigo” compositor baiano é “Divino maravilhoso”, sucesso na voz de Gal Costa, mais recentemente na



série televisiva “Os dias eram assim”. Em “Coração selvagem”, regravada por Ana Carolina, Belchior conclui a longa letra com o verso “Meu bem, meu bem, meu bem / Que outros cantores chamam baby”. “Baby” é o nome de uma canção de Caetano, outro grande sucesso na voz de Gal. Não se tem notícia de respostas musicais de Caetano a essas provocações, mas o fato é que Gal e Bethânia já gravaram quase todos os grandes compositores brasileiros e nenhuma gravou Belchior. Será que tem algo a ver com a “polêmica”? Pelos jornais, Fagner e Caetano já andaram se estranhando e, após a morte de Belchior, Caetano publicou um texto ambíguo sobre ele na *Folha de São Paulo*.

Bom, pelo menos Gilberto Gil parece não ter comprado a briga, porque chegou a compor “Medo de avião número 2”, em parceria com Belchior.

Lá pelos anos 1990, quando Belchior se apresentou no bar Bordel, em Jardim da Penha, me deu uma pequena entrevista na qual pedi uma lista de canções de outros compositores que ele admirava. Não me lembro mais da lista, mas entre os compositores estavam Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros “antigos”. Perguntei: “Então você também acha que nossos ídolos ainda são os mesmos?”. Com um sorriso franco debaixo do bigode largo, a voz grave afirmou: “A opinião do eu lírico do poeta não é necessariamente a do poeta”.

## O PALCO É DELAS

Apesar das letras em comum nos seus nomes, elas não formam mais uma dupla feminina com estilo sertanejo, aquele que vem sendo chamado de feminejo. São amigas, da mesma geração musical, mas não estão aí para concorrer com as Maiaras e Maraisas. A qualidade dos seus trabalhos as leva para longe disso.

Tamy Macedo é cantora, compositora e violonista nascida em Vitória, onde iniciou sua carreira artística e gravou seus primeiros discos a partir dos anos 2000. Mora há alguns anos em Montevideu, onde desenvolve trabalhos com músicos locais e em intercâmbio com artistas brasileiros. Vem aqui com frequência, visitar amigos e familiares ou também lançar seus mais recentes trabalhos, como fez em junho de 2017, no Teatro da Ufes, com muito sucesso.

Mayra Itaborahy fez um ótimo show dias depois, no Teatro Carlos Gomes. Também é cantora, compositora e violonista. Mora em Vitória desde criança, mas é mineira de Juiz de Fora, da mais nova geração de uma família musical: seu bisavô foi professor de música de Ary Barroso e o avô foi músico, compositor e radialista.

O pai de Tamy é o músico e compositor Heraclito Macedo, atuante em nosso cenário musical desde os tempos da Jovem Guarda, no conjunto Os Infernais, e depois no grupo Linha de Passe – mas é também

corretor de seguros. O pai de Mayra é o compositor Cezar Itaborahy, que participou de festivais em Juiz de Fora, Volta Redonda e Alegre, onde alcançou um primeiro lugar. Integrou o grupo Varanda e está radicado aqui há mais de 30 anos, atuando também como professor universitário.

Tamy participou do grupo Sambalaco e Mayra, do Boraí e de uma das formações do Saia no Samba.

Tamy concorreu em festivais nacionais e alcançou o primeiro lugar no Festival de Novos Talentos do Banco do Brasil. Mayra também, foi semifinalista de um festival das Rádios EBC (Nacional Rio e MEC) e participou do concurso Novos Bambas do Velho Samba.

Há mais coincidências nas histórias musicais delas, a começar pela amizade dos seus pais: Heraclito canta no seu CD (*Água*) uma canção de Cezar e outra no do Cezar (*Página Virada*). Mayra canta e toca flauta no CD do pai. Tamy é homenageada em uma canção do CD de Heraclito.

Mas as duas artistas percorrem caminhos musicais diferentes.

Tamy optou pelo pop eletrônico a partir do primeiro CD, *Soul mais bossa*, que foi distribuído até no Japão e na Ucrânia. Remixes da sua canção “Que pena”, desse CD, foram lançados em coletâneas de alguns DJ’s de renome internacional. Isso lhe rendeu convites para apresentações no exterior. O segundo CD teve a canção “Vem ver” escolhida como tema da

protagonista da novela *Viver a vida*, da Rede Globo. O terceiro, *Caieira*, tem algumas parcerias, tais como com Roberto Menescal e o congolês Lokua Kanza, e uma canção incluída na trilha sonora do filme *A onda da vida*. No seguinte, *Parador Neptunia*, além de novas composições, Tamy canta em espanhol uma canção de um compositor uruguaio, Rubén Rada, “Te parece”, cujo clipe é sucesso no Youtube.

Mayra toca violão desde cedo, aprendeu com o pai, foi aluna de Tião de Oliveira e com ele participou do grupo Metaquatro. Recorda sempre a felicidade de interpretar uma música de Maurício de Oliveira com o autor na plateia. Passou a trabalhar somente como advogada durante muito tempo, mas voltou à música e, em paralelo com essa profissão, participa ativamente da movimentação musical na Lapa carioca, ao lado de novos cantores e compositores, quase sempre com repertório próprio. Atuou como atriz e cantora numa adaptação do musical *Ópera do Malandro* e gravou o primeiro CD, *Quem convidou*, com músicas próprias. Ela se diz “cantautora”.

É muito bom para a nossa história musical o surgimento de duas artistas com trabalhos tão consistentes e respeitosos com suas origens. Mayra e Tamy seguem esses bons caminhos, fazendo a interligação das gerações musicais daqui e de fora. Precisamos mais disso e menos de duplas ou solos do feminejo.

## DE BENTO PARA BRUNO

Bento Mangueira começou a cursar Engenharia na UFES poucos anos antes de mim, então fomos contemporâneos na antiga escola de Itararé, onde hoje é a Casa do Cidadão. Ainda não havia o Campus Universitário. Bento conversava pouco, mas tínhamos um assunto em comum em debates apaixonados, os festivais de música daquele final dos anos 1960. Só fui descobrir que ele tocava violão quando o vi em 1969 na peça *Vitória, de setembro a Setembrino*, escrita e dirigida por Milson Henriques, produzida pelo Diretório Acadêmico da nossa faculdade, tendo à frente José Maria Nicolau. Todos os “atores” eram alunos.

Quase trinta anos depois, voltamos a conversar sobre música, por telefone, desde que ele passou a me ligar durante meu programa na Rádio Universitária. Retomou o assunto dos festivais, comentou o cenário musical posterior e me contou sobre seu filho, Bruno, que estava estudando violão em Campinas, após ter se iniciado profissionalmente aos 16 anos como guitarrista da big band Orquestra Victoria, do maestro Célio Paula. Periodicamente, Bento me mantinha informado sobre a evolução de Bruno, mandando recortes de jornal e até gravações musicais. Desse modo, formei um acervo que me permitia ir contando essa história no programa da rádio.

Em 2007, quando enfim pude conhecer pessoalmente Bruno Mangueira, a quem fui apresentado por Eliane Gonzaga, soube que Bento já não estava entre nós desde 2005. Isso foi um susto para mim, porque me parecia ter continuado a falar com ele o tempo todo, acompanhando o trabalho de Bruno, que ficou emocionado ao receber de presente o acervo de recor-des preparado cuidadosamente por seu pai.

E que trabalho! Guitarrista, violonista, compositor e arranjador. Em Campinas, concluiu os cursos de bacharelado, mestrado e doutorado em Música. Morou em São Paulo, Nova Iorque e Cincinnati (EUA), onde desenvolveu parte de seu doutorado como pesquisador visitante na University of Cincinnati. Fez arranjos e direção musical de shows e gravações no Brasil, Estados Unidos e França, ao lado de artistas de renome. Em São Paulo, gravou CDs como integrante do trio Azeviche e da Banda Urbana, além de duas faixas ao vivo em trio com Nailor Proveta e Carlos Roberto Oliveira. Seus dois CDs solo, em 2009 e 2013, têm composições próprias interpretadas com a participação de Toninho Horta, Leila Pinheiro, Filó Machado e Gilson Peranzetta, dentre outros grandes artistas. Aqui em Vitória, seu talento está presente nos CDs de Cariê Lindenberg, Andréa Ramos, Fredman Fernandes, Paulo Sodré, Chico Lessa (ainda não lançado) e de Pedro de Alcântara, onde há também sua composição “Samba”.

Como professor, Bruno atuou na FAMES e na

escola de Música do Estado de São Paulo. Hoje em dia, leciona na Universidade de Brasília. Tem ministrado workshops e palestras em universidades nacionais e internacionais.

Em 2017, assisti em Fortaleza ao início da temporada de shows em que Zizi Possi canta Chico e Edu, acompanhada por Keco Brandão (tecladista e pianista) e... Bruno Manguiera. No show, Bruno toca sua guitarra acústica Gibson ES-175, comprada por ele em New Jersey, em 2011, e com a qual gravou o CD *Camburi*, e também um violão, que possui uma história ainda mais interessante. É um Yamaha CG-100A, que Bento ganhou da família em 1994 e deu a Bruno em 1998, quando ele foi para Campinas. Quando Bruno ganhou o violão, instalou a captação que usa até hoje. Coincidentemente, o luthier Raimundo Saraiva, que instalou o captador e regulou o violão, é irmão de Josino Saraiva, seu luthier de guitarra, que agora reformou o violão.

O show é emocionante, Zizi é uma grande intérprete, o repertório e os músicos são ótimos. Na primeira temporada, foi visto somente em Fortaleza, Recife e Londrina. Vamos torcer para vir a Vitória e, quem sabe, ser registrado em CD e DVD. Para nós, é muito bom perceber o total entrosamento de Bruno ao trabalhar com artistas desse nível. Ele continua a enriquecer a nossa história musical. Onde Bento estiver, deve estar muito feliz.

## A BOSSA É NOSSA?

Em Vitória temos uma bossa estranha para quem nos é apresentado. Perguntamos: “De qual família você é?”. Parece esnobismo, mas, em nossa pequena ilha, a informação do sobrenome permite identificar amigos em comum. Se for duplo, então, aumenta a chance de isso acontecer. Por exemplo, Roberto Batalha Menescal nos traz à lembrança uma legião de amigos “batalhas” e “menescals”. Esse importante personagem da nossa história musical é um dos argumentos para o Rogério (da família Coimbra) afirmar que a Bossa Nova tem raízes capixabas. Outros são Nara, nascida aqui, das famílias Lofego e Leão, e Maysa, que nasceu no Rio de Janeiro, mas é das famílias Figueira e Monjardim. Como elas, Roberto tem origem capixaba e tudo a ver com aquele importante movimento musical brasileiro. Menesca (como passou a ser chamado) nasceu aqui há mais de 80 anos, completados em 2017, e construiu uma bela carreira artística, ligada não apenas à Bossa Nova, mas também como um dos maiores produtores musicais do mercado fonográfico brasileiro nos últimos 60 anos.

Além da imensa importância dessa obra, um aspecto interessante da sua personalidade é o característico bom humor. Em 2013, ao participar do festival em Santa Teresa, aqui no estado, ele comentou: “Como vocês



devem saber, eu sou capixaba também, nasci em Vitória. Levei um susto, porque estive aqui há trinta anos e, quando me falaram neste Festival de Jazz e Bossa, falei: 'Já tem tanta gente lá para fazer um festival? Pois para chegar aqui ontem levamos quase duas horas e meia, o trânsito do Rio e de São Paulo é até tranquilo, perto do que vi aqui'. Aí, quando chego, vejo um festival lindo, com músicos maravilhosos, ouço o público e pergunto: 'Isso tá valendo mesmo ou soltaram aquela fita de palmas que às vezes soltam por aí?'".

Menescal não perdeu o bom humor nem quando quebrou uma unha no palco e pediu uma lixa à plateia, causando tremendo reboliço no público feminino. Após comentar que isso nunca lhe acontecera antes, usando a lixa cedida por uma espectadora, disse: "Esta cena foi mais aplaudida que as músicas".

O show anterior tinha sido com o saxofonista Derico, conhecido integrante do Sexteto do Jô, o que acarretou mais uma bola quicando para o Menesca: "Quando eu vinha chegando, um jovem jornalista me pediu para gravar uma entrevista e concordei. Aquele ali, ô"! O rapaz estava em pé, ao lado da plateia, e sorriu feliz, antes de ouvir: "Ele foi muito simpático e me chamou de Derico o tempo todo, então fiquei com vergonha de contradizê-lo, mas agora ele está sabendo que não sou".

Menescal conta que o parceiro Ronaldo Bôscoli o apelidou de "Rabo de Cometa", porque estava sempre acompanhando uma estrela. Isso permanece verdadei-

ro e a lista de estrelas é imensa, começando por Maysa, a primeira a gravar sua música “O barquinho”, feita com aquele parceiro. Depois vieram Nara Leão, Wanda Sá, Sylvia Telles, Elis Regina, Leila Pinheiro, Cris Delanno, Andrea Amorim (com quem se apresentou em Santa Teresa) e muitas outras.

Embora nascido em Vitória, Menescal foi logo morar no Rio, mas costumava passar férias aqui, visitando os muitos “batalhas” e “menescals”, além dos amigos com quem fazia pescarias e começou a tocar violão. No início dos anos 1960, passou a acompanhar em excursões sua primeira estrela, Maysa, e uma vez o grupo veio fazer um show em Vitória. Foi sua primeira vinda aqui como profissional. Chegando ao aeroporto, a cantora ficou feliz ao ver que havia muita gente esperando, mas Menescal ficou sem jeito quando leu a imensa faixa com nome dele em letras grandes e o de Maysa, no canto inferior, em letras miúdas. Certamente, havia muitos “batalhas”, “menescals” e amigos ali.

Menescal não para de compor e seu time de parceiros vem aumentando: Lula Freire, Aldir Blanc, Paulo César Pinheiro, Chico Buarque, Costa Netto e até nossa conterrânea Tamy – das famílias Duarte e Macedo. Essa parceria confirma e amplia a tese do Rogério: a Bossa Nova tem raízes e até frutos capixabas. A Bossa Nova também é nossa.

## BLOCO DO MALDITO

*“It’s a gift... and a curse”.*

*(É um dom... e uma maldição)*

O bordão do personagem-título do seriado Monk aplica-se bem aos compositores que recebem o dom de fazer um sucesso nacional... E a maldição de ter seu nome eternamente ligado a esse sucesso, a ponto de nublar a visão do grande público para suas outras composições.

O bloco do Sérgio Sampaio já estava na rua no início dos anos 70, com a sua canção “Coco verde”, ouvida nas rádios com a voz doce de Dóris Monteiro anunciando “Eu me amarro é numa rede / E num pé de coco verde”, e ele não podia imaginar que o século XXI chegaria com todo mundo amarrado numa outra rede, a Internet.

Naqueles tempos, botava-se a polícia nas ruas para bater em estudantes, mas o verbo botar tinha também uma conotação sexual. A pausa depois de “Eu quero é botar...” sugeria um pouco mais do que “meu bloco na rua”. E o rapaz magro de Cachoeiro botou seu bloco na rua no festival e criou uma referência, ao mesmo tempo em que definia um comportamento irreverente bem ao gosto da juventude daquele tempo: “Não importa o que digam, só quero é botar... meu bloco na rua”.

A obra de Sérgio Sampaio trilhou outros caminhos, mesmo depois de ele ter encerrado sua carreira aqui na Terra. Ao bar do Auzílio e ao ônibus do Camilo soma-

ram-se outros personagens e temas, como na canção em que ele pedia ao mais famoso cantor cachoeirense para gravar o seu “Meu pobre blues”. O rei não o atendeu, mas o amigo Erasmo lhe deu as flores em vida, numa gravação interessante de “Feminino coração de Deus”.

Outro Sérgio, o Natureza, grande poeta, seguiu a trilha dos versos inspirados do Sampaio magro, que foi seu parceiro. O conterrâneo, contemporâneo e também parceiro Luís Trevisan contou a história dos três tons sampaios cachoeirenses num belo documentário. Cantoras de diversos sotaques, como as mineiras Patrícia Ahmaral e Selmma Carvalho ou, com a falta de sotaque que nos orgulha, as capixabas Andréa Ramos e Márcia Coradine abastecem até hoje seu repertório bem escolhido com a obra do velho bandido. Conjuntos de sucesso festivo, como o Roupá Nova, e até o carnavalesco Monobloco ainda botam seus blocos na rua.

Um dos mais competentes compositores das gerações seguintes a ele, o Zeca Baleiro, decidiu-se pela carreira artística inspirado no Sérgio Sampaio e produziu um belo tributo à obra do compositor, que tinha “medo de polícia, de bandido, de cachorro e de dentista”. Assim como Sérgio Sampaio, Zeca Baleiro faz boas letras e boas músicas.

Mas nem a nova rede em que as pessoas se amarram hoje, mais de trinta anos depois do “Coco verde”, trouxe o dom de afastar a maldição da imagem injusta do compositor de uma só música.

## BOSSA NA PRAIA

Como se faz e quanto dura uma canção popular? Não há receita nem prazo de validade, mesmo nos tempos atuais em que alguns consideram finada essa forma de expressão. Algumas canções são efêmeras, mas outras teimam em se propagar no tempo e no espaço, sendo recriadas em diferentes formas.

Há mais de 50 anos, Geraldo Cunha estava na praia de Santos com os amigos Pery Ribeiro e Marisa Gata Mansa quando teve a ideia de uma canção. “Pery, isso aí dá música”, disse Geraldo. E Pery: “O que dá música?”. Geraldo: “Essa onda, onda que vai, onda que vem”. Pery emendou: “Sol de um verão que é meu também”. Pery desenvolveu a letra, Geraldo, a música, e assim nasceu a canção “Bossa na Praia”.

“Então foi assim?”, perguntaria Ruy Godinho, colecionador e autor de livros de histórias como essa. Pois é, foi assim, parece fácil. Deve ser fácil para quem sabe. Esses sempre souberam tudo: Geraldo Cunha, violonista, cantor e compositor. Pery Ribeiro, cantor e compositor. A cantora Marisa foi testemunha da criação. Todos têm uma grande história musical.

Quanto tempo poderia ter durado essa canção? Alguns dias, talvez, ali mesmo na praia, ou meses, nos muitos espetáculos e shows de bossa nova dos anos 1960. Pery Ribeiro gravou, seguido por Sylvia Telles.

Depois, Geraldo perdeu a conta, há mais de cem gravações, dentro e fora do Brasil. Astrud Gilberto lançou nos Estados Unidos um LP cuja faixa-título é “Beach Samba”, uma versão solfejada de “Bossa na praia”.

Há duas versões dessa canção no idioma inglês: “This Time I’m Gonna Make it Last”, feita por Kate Lyra para Pery Ribeiro gravar, e “Foot Prints in the Sand”, gravada por Maricenne Costa.

Se o leitor procurar no Youtube por “Bossa na Praia”, encontrará novas interpretações e até uma cantora japonesa cantando ou tentando cantar essa canção em português!

E Geraldo Cunha, por onde anda? Mora em Guarapari, num apartamento cheio de bossa na Praia dos Namorados, há mais de 15 anos. Enquanto sua canção viajou o mundo, ele seguiu carreira em São Paulo, gravou discos, fez shows e participou de festivais.

Mas se rendeu aos encantos da Cidade-Saúde, de onde sai poucas vezes para visitar amigos em Vitória ou fazer algumas apresentações, que foram rareando. Agora, ele se dedica a compor e registrar suas composições para um futuro disco. Modesto, não se queixa da injustiça por não ter sido lembrado nas comemorações dos 50 anos da Bossa Nova, embora tenha participado ativamente do movimento. Tem essas e muitas histórias para contar, até dos anos em que acompanhou ao violão a cantora Maysa em shows pelo Brasil.

Segundo Geraldo, está também no YouTube o melhor registro da sua canção, feito pelo guitarrista Victor Humberto e pela cantora Eliane Gonzaga.

Assim, a canção “Bossa na Praia” tem mais de 50 anos e permanece viva em muitas praias. Você conhece alguma canção recente que poderá durar esse tempo?

## O CANTO DO VIZINHO

Uma boa vizinhança é pré-requisito para se morar bem e nem sempre os vizinhos são escolhas nossas, de modo que podemos tê-los como grandes amigos ou apenas interlocutores para cumprimentos formais nos raros encontros que a vida urbana nos concede.

Pois bem, quando aceitei o amável convite para colaborar regularmente com o Pensar, o Caderno (como diria o Professor Manga), minha primeira ideia foi sobre a boa vizinhança que teria aqui, tantos poetas, escritores, músicos, jornalistas e professores – como o Manga, que não cabe em apenas uma classificação. Certamente, todos são companhias desafiadoras para quem se considera um mero escrevinhador. Mas a afinidade de assuntos me trouxe uma vizinhança mais próxima e inesperada: quase sempre, por decisão editorial, meus textos costumam ser publicados lado a lado com os de Aquiles Rique Reis, que se apresenta como músico e vocalista do MPB4 e escreve sob o título “Falando de música”. A voz desse vizinho me é familiar há muito mais tempo, assim como para todos que acompanharam, de alguma forma, a música popular brasileira dos últimos cinquenta anos. Sua voz e as de Ruy Faria, Magro Waghabi e Miltinho (que não deve ser confundido com o percussionista vocal de mesmo nome) entoaram canções importantes em momentos históricos – ou can-



ções históricas em momentos importantes, tanto faz.

Boa parte da história desse quarteto se confunde com a de Chico Buarque. Foram tantos shows e discos com ele, a ponto de os quatro serem chamados, quando juntos, de MPB5. Entre os muitos arranjos vocais inesquecíveis, feitos pelo Magro e interpretados pelo MPB4 ou 5, basta citar o da canção “Roda-viva”, que alcançou o terceiro lugar no lendário festival da TV Record em 1967.

O MPB4 incorporou performances teatrais em seus espetáculos, com muitas referências à situação política do país nos textos do próprio Chico Buarque ou de Luiz Fernando Veríssimo, Carlos Eduardo Novaes, Aldir Blanc e Millôr Fernandes. Tais referências e seu humor irônico foram vetados muitas vezes pela forte censura existente. Num desses shows, em 1979, com texto de Millôr, diziam: “Que futuro terrível será o do Brasil se, daqui a dez anos, lembrando os dias de hoje, nós dissermos com saudade: ‘Bons tempos, hein?’”.

O MPB4 enveredou também pelos caminhos da música para crianças, bem antes dos modismos de apresentadoras como Xuxa e Angélica. Além de shows e discos, participou também da dublagem de muitos filmes infantis.

Com o Quarteto em Cy, que tem uma história com vários pontos em comum com a do MPB4, o grupo fez também vários shows e discos, entre eles os preciosos intitulados “Cobra de Vidro”.

A formação do MPB4 não mudou durante 40 anos, mas, em 2004, Ruy Faria se desligou do grupo,

sendo substituído por Dalmo Medeiros – cantor veterano de conjuntos vocais, que integrou anteriormente o conjunto Céu da Boca.

Em 2012, com a morte de Magro, que era o responsável pelos arranjos vocais, o grupo ficou reduzido a trio, mas em 2013 passou a ter um novo integrante, o cantor e tecladista Paulo Malaguti, mais conhecido como Paulinho Pauleira, também ex-Céu da Boca. Com essa nova formação, o quarteto vem realizando shows no circuito carioca.

O canto de Aquiles vem se fazendo ouvir durante todo esse tempo, nos shows e discos do MPB4. A partir de 2004, seus textos podem ser lidos no livro *O gogó de Aquiles*, de A Girafa Editora, onde ele “revela o que viu e ouviu na intimidade da música popular”. Trata-se da história contada por quem esteve e está dentro dela, uma boa leitura para nós, apreciadores da MPB.

Mas as opiniões dele estão também neste caderno, ali ao lado, onde ele se revela um observador antenado com tudo o que acontece em nossa música popular. Com a autoridade de quem sabe do que está falando, ele comenta novos trabalhos de músicos novatos ou veteranos. Falando de música.

Do meu canto, continuo ouvindo o canto do vizinho e seus parceiros – e lendo seus textos – com a certeza de que moro muito bem nesta página.

---

*Este texto foi publicado no Caderno Pensar de A Gazeta, em 8 de novembro de 2014, ao lado da coluna de Aquiles Rique Reis, “Falando de Música”.*

## Índice Onomástico

- Abreu, Afonso 25, 60, 61, 110, 114, 128  
Abreu, Cláudia 30  
Abreu, Cláudio 58, 129  
Abreu, José Maria de 131  
Abreu, Murilo 110, 114  
Abreu, Zequinha de 29  
Adolfo, Antonio 51, 106  
Adriani, Jerry 167  
Aguiar, Francisco Lacerda de 60  
Ahmaral, Patrícia 180  
Alcântara, Pedrinho de 111  
Alcântara, Pedro de 111, 141, 174  
Alcione 85, 166  
Alencar, César de 16  
Almeida, Amylton de 128  
Almeida, Aracy de 85, 90  
Alves, Alza 146  
Alves, Ataulfo 109  
Alves, Francisco 96  
Alves, Lúcio 84  
Amado, Jorge 64, 65  
Amaral, Arnaldo 131  
Amelinha 167  
Amorim, Andrea 178  
Amorim, Jair 25, 93, 130, 131, 132, 141, 146  
Ana Carolina 132, 156, 169  
Ana Paula (de Ecoporanga) 61  
Andrade, Carlos Drummond de 159  
Andrade, Leny 164, 165  
Andrade, Patrícia 119  
Angela Maria 132, 144  
Angélica 185  
Anísio, Chico 92  
Anitta 11, 92  
Antônio João 84  
Aquino, João de 89  
Arantes, Guilherme 118  
Ariel, Marcos 148  
Assis, Magno de 25  
Assunção, Alvinho 25  
Aurora Gordon 114  
Ayres, Nelson 70  
Azambuja, Ney 82  
Azevedo, Geraldo 159  
B.B. King 79  
Babo, Lamartine 63, 76  
Babo, Octávio 99  
Bacalhau, Marcus 116, 123  
Bach 57  
Baiano e os Novos Caetanos 92  
Balona, Celio 141  
Bandeira, Manuel 103, 159, 160  
Barbosa, Abelardo “Chacrinha” 85, 86  
Barbosa, Adoniran 100  
Barbosa, Haroldo 93, 95  
Barbosa, Orestes 159  
Barcelos, Manuel 16  
Barnabé, Arrigo 98  
Barreto, Amélia 114  
Barros, Moacyr 141  
Barros, Raul de 82  
Barroso, Ary 57, 67, 84, 108, 170  
Bastos, Cristóvão 135  
Bastos, Ronaldo 160  
Batista, João 148  
Batista, Linda 97  
Batista, Wilson 167  
Beatles, The 22, 72, 143, 156  
Belchior 40, 78, 109, 118, 160, 167, 168, 169  
Belém, Fafá de 126  
Beresford, Fernando 22  
Betinho 141  
Bezerra, Roger 111, 146  
Biasutti (Bitu), Victor Humberto 27, 28, 61, 68, 72, 73, 74, 111, 163, 183  
Big Bar Blues Band 151

Big Beatles 28, 144  
Bitinho 28  
Bittencourt, Sérgio 128, 129  
Black Rio 164, 165  
Blanc, Aldir 39, 40, 57, 82, 125,  
137, 157, 178  
Boca Livre 126, 148, 149  
Bona, Carlos 25, 122  
Bonfá, Luiz 60  
Boraí 171  
Borba, Dão (do Grupo Ímã) 55,  
121, 122, 123  
Borba, Emilinha 16  
Bordón, Luis 99  
Borges, Alexandre 110  
Borges, Elias 42, 110  
Borges, Lô 51, 54  
Borges, Márcio 51  
Borges, Marilton 54  
Borges, Marina 78  
Borges, Rogerinho 60  
Bosco, João 38, 40, 57, 82  
Bóscoli, João Marcelo 109, 120  
Bóscoli, Ronaldo 88, 109, 120,  
177  
Braga, Chiquito 106  
Braga, Leandro 25, 150  
Braga, Rubem 114  
Braguinha 155  
Branco, Paulo 25  
Brandão, Keco 175  
Brant, Fernando 47, 79  
Bringhenti, Luiz 27  
Brito, Rosana 53, 55  
Bruno, Leonardo 134  
Bruno, Lício 147  
Buarque, Chico 22, 38, 40, 57,  
69, 71, 75, 76, 77, 113, 114,  
118, 119, 124, 125, 126, 133,  
134, 135, 143, 149, 158, 169,  
175, 178, 185  
Burroughs, Edgar Rice 103  
Cabral, Sérgio 50  
Caetano, Pedro 25, 53, 55  
Calado, Carlos 50  
Caldas, Klécio 136  
Caldas, Silvio 45, 149, 159  
Calixte, Marien 43, 65, 140  
Calvert 22  
Câmara, Marcelo 31  
Camata, Gérson 22  
Campello, Celly 155, 156  
Canhoteiro 76  
Cantares 148  
Cantores de Ébano 17  
Capovilla, Maurice 98  
Cardoso, Elizeth 84, 95  
Cariocas, Os 108  
Carminho 125  
Carneiro, Geraldo 160  
Carpes, Ediron 105  
Carvalho, Beth 166  
Carvalho, Selmma 180  
Casaca 27  
Casaverde, Francisco 160  
Casseta e Planeta 81  
Castro, Bóris 60  
Castro, Eugénia Melo e 125  
Castro, Marianne de 166  
Castro, Max de 109  
Castro, Orlando J. (O.J.) 133,  
134, 135  
Castro, Ruy 50  
Cavalcante, Flavio 84, 85  
Cavalcanti, Armando 136  
Cavalcanti, Péricles 159  
Caymmi, Alice 109  
Caymmi, Danilo 64, 65, 66, 67,  
109  
Caymmi, Dori 65, 66, 109, 118,  
150  
Caymmi, Dorival 63, 64, 65, 66,  
67, 90, 109  
Caymmi, Juliana 109  
Caymmi, Nana 20, 65, 66, 109,  
126

Caymmi, Stella 66, 67  
Céu da Boca 186  
Chagas, Márcia 110, 111, 129,  
150  
Chaplin, Charles 155  
Charles, Ray 17  
Chaves, Juca 21  
Chaves, Xico 150  
Chediak, Almir 66, 106, 107, 108  
Chiquinha, Dona 21  
Chorões da Ilha, 60  
Christophe 154  
Cibele, Maria 21, 59, 62  
Clair, Janete 15  
Cleide (de Ecoporanga) 61  
Cocteau, Jean 135  
Coelho, Cecitônio 25, 116  
Coelho, Paulo 103  
Coimbra, Rogério 105, 128, 145,  
176, 178  
Colares Jr. 59  
Colibri 110  
Connif, Ray 140  
Coradine, Márcia 180  
Corda e Chão 53, 55  
Costa, Gal 44, 65, 80, 130, 132,  
168, 169  
Costa, Joelmo 61  
Costa, Maricenne 57, 126, 182  
Costa Netto 178  
Coutinho, João Carlos 134  
Coutinho, Vasco Fernandes 145  
Cristal, João 125  
Cruz, Arlindo 166  
Cruz, Clóvis 131  
Cunha, Geraldo 146, 181, 182  
Curado, Cely 134  
Dago, Victor 81  
Daumiele 58  
Debussy 90  
Del Loro 95  
Delanno, Cris 134, 164, 178  
Derico 177  
Di Castro 116  
Dias Filho, Alexandre 25  
Didi 76  
Diegues, Cacá 70  
Dino 95  
Djavan 38, 39, 40, 86, 103, 139  
Dórea (Dória), Hélio 20, 141  
Dóris (do Scala Vocal) 55  
Duncan, Zélia 166  
Dunga 131  
Duprat, Rogério 45  
Duran, Dolores 50, 93, 118  
Dusek, Eduardo 125  
Dutra, Altemar 109, 132, 146  
Dutra, Hércules 25  
Dylan, Bob 158, 159, 160  
Echeverria, Regina 119, 138  
Edílio 141  
Ednardo 167  
Edson (Dias) 107  
Eller, Cássia 66, 118  
Erasmus Carlos 57, 156, 180  
Ernesto 122, 123  
Etiens 116  
Fagner 132, 143, 159, 167, 169  
Fagundes, Antônio 107  
Falcão (Maia), Marcondes 91, 92  
Falce, Carla 128  
Faour, Rodrigo 50  
Faria, Ruy 184, 185  
Farias, Roberto 82  
Farney, Dick 131  
Feital, Paulo César 164  
Feliciano, José 101  
Fernandes, Fredman 174  
Fernandes, Millôr 154, 185  
Ferreira, Bibi 165  
Ferreira, Cícero 141  
Ferreira, Djalma 93  
Ferreira, Homero 115, 117  
Fitzgerald, Ella 144  
Fonfon, Darlisson 122, 123  
Fonseca, Celso 160

- Fraga, Edésio (do Grupo Ímã) 55,  
121, 122  
França, Sérgio 26, 27, 28  
França, Sílvio 27  
Franco, Moacyr 115  
Freire, Lula 178  
Freitas, Fábio 143  
Funk' n Lata 81  
Garcia, Gilberto 128  
Garcia, Isaurinha 11  
Garrincha, Mané 16, 76  
Gaspar, Tibério 51  
Gershwin, George 144  
Gershwin, Ira 144  
Gil, Raul 85  
Gil, Gilberto 79, 113, 157, 160,  
168, 169  
Gilberto, Astrud 182  
Gilberto, João 42, 45, 144  
Gino, Alberto 25  
Gismonti, Egberto 160  
Glória 60  
Gnattali, Radamés 45  
Godinho, Ruy 50, 51, 52, 150,  
181  
Gomes, Rômulo 149  
Gonçalves, Alcides 98  
Gonçalves, Nelson 66  
Gonçalves, Vitorina 127, 128, 129  
Gonzaga, Carlos 155  
Gonzaga, Eliane 11, 31, 58, 61,  
87, 110, 111, 127, 128, 129,  
146, 150, 174, 183  
Gonzaga, Hélio 110, 127  
Gonzaga, Luiz 136, 137, 138  
Gonzaga Jr., Luiz (Gonzaguinha)  
137, 138  
Goulart, João 82  
Gouveia, Evaldo 25, 93, 131, 132  
Gracindo, Paulo 16  
Grande Otelo 128  
Grijó, Marco Antônio 128  
Grova, Clarisse 134  
Gudin, Eduardo 87  
Guedes, Fátima 54  
Guerra, Ruy 125  
Guilherme (Lara Leite) 97  
Guineto, Almir 167  
Guinle, Carlos 64  
Gullar, Ferreira 159  
Gustavo, Miguel 82  
H.O., Maestro 46  
Helder, Jorge 134  
Henriques, Milson 89, 126, 127,  
128, 162, 173  
Hime, Francis 76, 143  
Hime, Olivia 65  
Homero Jr., (Guru) 122  
Horta, Toninho 174  
Ímã 53, 55, 121, 122, 123  
Imperial, Carlos 57, 145  
Improta, Tomás 65  
Infernais, Os 110, 170  
Itaborahy, Cezar 171  
Itaborahy, Mayra 170, 171, 172  
Jaiminho 116  
Jairo 122, 123  
Jamelão, (José Bispo) 96, 97, 98  
Joaka 116  
Joanna 126  
Jobim, Tom 29, 30, 39, 45, 66,  
70, 89  
Jorge, Fred 155  
Joyce 54  
Juca Filho 148  
Juffo, Atílio 25  
Julico 22, 116  
Kanza, Lokua 172  
Kéti, Zé 57, 149  
Khoury, Simon 138  
Klinger, Virginia 18  
Koorax, Ithamara 134  
Kubitschek, Jucelino 82  
Leal, Roberto 125  
Leão, Nara 22, 27, 50, 106, 113,  
118, 119, 145, 148, 176, 178

Lee, Rita 57, 156  
Leite, Antonio Carlos (Kaká) 151  
Leitte, Cláudia 83  
Leme, Ângelo Paes 30  
Lennon, John 28, 99, 157  
Leno 159  
Lessa, Chico 21, 25, 52, 58, 105,  
160, 174  
Levy, Marcus 53, 55, 114, 146  
Lima, Alexandre 25  
Lima, Branca 30  
Lima, Jorge de 69  
Lima, Moacyr 141  
Lima Jr., Walter 30  
Lincoln, Ed 140  
Lindenberg, Cariê 31, 58, 174  
Linha de Passe 170  
Lins, Ivan 100, 101, 109, 118,  
125, 137  
Lira Neto 50  
Lobato, Monteiro 103, 153  
Lobbo, Marcela 147  
Lobo, Edu 69, 70, 71, 109, 113,  
118, 175  
Lobo, Isabel 70  
Lobos, Villa 41, 159  
Lopes, Zé 53, 55, 92, 114, 163  
Lopez, Jennifer 83  
Louzada, Armando 155  
Lucinda, Elisa 25, 150  
Lúdica Música 55  
Luiz Antônio 93, 95  
Lula 153  
Luz, Moacyr 54  
Lyra, Carlos 29, 57  
Lyra, Kate 182  
Macalé, Jards 91  
Macedo, Heraclito 110, 116,  
170, 171  
Macedo, Tamy 110, 146, 170,  
171, 172, 178  
Machado, Filó 174  
Machado, Raimundo 53  
Maciel, Hugo 111  
Madonna 26  
Madredeus 125  
Magal (Magalhães), Sidney 11, 91  
Magalhães, Mallu 106  
Magro, (Waghabi) 184, 185, 186  
Maia, Jairo 20, 140  
Maia, Luizão 106  
Maia, Tim 80, 106, 107, 108, 143  
Maiara 170  
Malaguti, Paulo (Pauleira) 186  
Malini, Giovani 126  
Maluf, Paulo 153  
Mamíferos, Os 110  
Mancini, Henry 121  
Mandela, Nelson 166  
Manga, Professor Lúcio 184  
Mangueira, Bento 110, 173, 174,  
175  
Mangueira, Bruno 31, 98, 110,  
134, 146, 173, 174, 175  
Manimal 27  
Maraisa 170  
Márcia 87  
Maria, Antonio 60  
Maria, Júlio 119  
Maria Bethânia 66, 113, 124,  
135, 144, 169  
Maria Cibele, (Olimpia Felício de  
Souza) 59  
Maria Rita 109, 144  
Mariano, César Camargo 44, 46,  
109  
Mariano, Pedro 103, 109  
Marim, Lurdes 27  
Marinho 141  
Marisa Gata Mansa 181  
Marley, Bob 160  
Marques, Claudia 147  
Martin, Juarez de 21  
Martins, Áurea 85  
Martins, Felisberto 96  
Martins, Gilson (Gilayo) 146

Martins, Herivelto 112, 167  
Martins, Victor 125  
Matarazzo, André 152  
Matogrosso, Ney 92, 132  
Matta, Vera da 166  
Mattedi, Carlos 27  
Maugeri, Wagner 81  
Maugeri Sobrinho 81  
Maysa 50, 118, 146, 151, 152,  
176, 178  
Mazzi, Ester 25, 128  
Mazziotti, Zé Luiz 134  
McCartney, Paul 28, 157  
Medeiros, Dalmo 186  
Meirelles, Ivo 81  
Mello, Bertha Homem de 80  
Mello, Luciana 109  
Melo, Sérgio 146  
Mendes, Cloves 43  
Mendes, Hélio 21, 41, 60, 140,  
141  
Mendes, Sérgio 22  
Mendonça, Castelo 22  
Mendonça, Flavia 85  
Mendonça, Maurício (Maestro)  
148, 150  
Mendonça, Newton 30, 31  
Menescal, Roberto 27, 29, 145,  
148, 172, 176  
Menezes, Uriel 105  
Meola, Al di 149  
Metaquatro 172  
Metheney, Pat 149  
Miele, Luís Carlos 120  
Miltinho, (do MPB4) 184  
Miltinho 11, 47, 93, 94, 95  
Miranda, Carmen 45, 50, 63, 90,  
118, 126  
Moço, Lula 123  
Monobloco 180  
Moraes, André 30  
Moraes, Tico de 134  
Moraes, Vinícius de 29, 39, 54,  
57, 67, 77, 88, 118, 125, 158  
Moreira, Jurim 148  
Moreira, Zé 25  
Moreno, Tutty 149  
Motta, Ed 40, 157  
Motta, Nelson 106, 118, 119  
Moura, Paulo 65  
MPB4 184, 185  
Mucci, Zezinho 143  
Müller, Lauro 81  
Mundico 59, 61  
Murilo, Celso 141  
Nascimento, Milton 47, 51, 79,  
118, 126, 132, 149, 159  
Natureza, Sérgio 180  
Nazareth, Ernesto 41  
Neves, Wilson das 106  
Ney, Nora 155  
Neymar 77  
Nicolau, José Maria 173  
Nilo, Fausto 51  
Nobre, Dudu 166  
Nogueira, Sérgio 142  
Nogueira, Walter 116  
Nogueira, Zé 148  
Nova, Marcelo 159  
Novaes, Carlos Eduardo 185  
Nucci, Cláudio 54, 65, 123, 148  
Nunes, Clara 118  
Oleari (ou Oleare), Osvaldo 141  
Oliveira, Antônia de 110  
Oliveira, Carlos Roberto 174  
Oliveira, Dalva de 57, 167  
Oliveira, Jair 30, 109  
Oliveira, Maurício de 21, 24, 27,  
28, 41, 42, 43, 46, 53, 55, 60,  
110, 131, 141, 172  
Oliveira, Tião de 25, 42, 110, 172  
Omar, João 163  
Ono, Yoko 99  
Orlandivo 141  
Orquestra Tabajara 97  
Orquestra Victoria 173



Ovalle, Jayme 159  
Pagão 76  
Pagodinho, Zeca 95, 103  
Paiol 122  
Paiva, Miguel 157, 159  
Paixão, Luiz 68  
Pandini, Wilde 25  
Papel, Carlos 52, 53, 55, 83, 122,  
123, 146  
Paru 22  
Passos, Claribalte 141  
Passos, Rosa 65  
Paula, Célio 173  
Paulo, Ailton 110  
Paulo, Almir 110  
Paulo Neto 122  
Pedra Azul, Paulinho 51, 123  
Peixoto, Cauby 131  
Pelé 16, 76, 77  
Penedo, Beto 53, 55  
Penedo, Lígia 53, 55  
Peninha 80  
Pequeno, Diana 159  
Peranzetta, Gilson 46, 174  
Pereira Neto, Amancio 110  
Peruca 87  
Pessoa, Fernando 125  
Pignaton, José Antonio 21  
Pinheiro, Leila 54, 174, 178  
Pinheiro, Paulo César 26, 39, 87,  
88, 89, 128, 150, 158, 178  
Pinheiro, Vanessa 134  
Pinto, Marino 42  
Pinto, Rossini 145  
Pitbull 83  
Pixinguinha 44  
Pizzol, José Luiz 25  
Ponte Preta, Stanislaw 40  
Possi, Zizi 152, 175  
Powell, Baden 88  
Prates, Aminthas 25  
Protótipos, Os 72  
Proveta, Nailor 174  
Quadros, Jânio 81  
Quarteto em Cy 185  
Quarteto JB 53, 55, 110  
Quintaes, Edson 21  
Rabello, Claudio 99  
Rada, Rubén 172  
Rain, The 151  
Ramalho, Zé 159  
Ramil, Kledir 125  
Ramil, Kleiton 125  
Ramos, Andréa 58, 105, 111, 129,  
150, 174, 180  
Rasseli, Renata 131  
Ravel 121  
Rebels, The 156  
Regina, Elis 44, 79, 88, 98, 109,  
118, 119, 120, 143, 144, 168,  
178  
Reis, Aquiles Rique 184, 186  
Reis, Dilermando 132  
Reis, Luís 93, 95  
Reis, Mário 45  
Renato e seus Blue Caps 156, 159  
Rezende, Marcos 113, 146  
Ribeiro, Adilson (Ditão) 115,  
116, 117  
Ribeiro, Pery 164, 181, 182  
Ro Ro, Angela 152  
Robélia 60  
Roberto Carlos 27, 57, 80, 84,  
112, 143, 145, 155, 165  
Roça de Milho 122  
Rocha, Kátia 149, 150  
Rocha II, Roger 111  
Rodney 122  
Rodrigues, Arnaud 92  
Rodrigues, Jair 22, 109, 132  
Rodrigues, Lupicínio (Lupe) 11,  
96, 98  
Rodrigues, Pedrinho 141  
Rodrix, Zé 82, 157  
Rolling Stones 72  
Ronaldo 77

Ronaldo "Cachoeiro" 112  
 Rosa, Guimarães 89  
 Rosa, Noel 90, 103, 149, 167  
 Roupa Nova 143, 180  
 Ruschi, Augusto 72  
 Ruy, Gabriel 110, 111  
 Ruy, Mário 110, 128, 129  
 Sá, Roberta 85  
 Sá, Sandra de 80  
 Sá, Wanda 118, 178  
 Sabino, Verônica 156  
 Sacramento, Marcos 100  
 Saia no Samba 171  
 Salgueiro, Teresa 125  
 Sambalaco 171  
 Sampaio, Raul 27, 93, 112, 147  
 Sampaio, Raul (Maestro) 112  
 Sampaio, Sérgio 27, 28, 112, 113, 146, 179, 180  
 Sangalo, Ivete 44, 130  
 Sant'Anna, Antônio 148  
 Santiago, Emílio 47, 85, 164  
 Santoro, Rodrigo 30  
 Santos, Bruno 111  
 Santos, Sérgio 89  
 Santos, Silvío 85, 90  
 Santos, Waleska 110  
 Santos Neves, José Roberto 50, 151, 153  
 Saraiva, Josino 175  
 Saraiva, Raimundo 175  
 Sardou, Michel 128  
 Sarney, José 82  
 Sawaya, Haifa 150  
 Scala Vocal 53  
 Scolari (Felipão), Luiz Felipe 75, 76  
 Secos & Molhados 92  
 Seixas, Raul 103  
 Sessa, Tito 27  
 Seu Adelino 22  
 Seu Alberto 22  
 Seu Caseira 22  
 Seu Jorge (Devens) 116  
 Severino Filho 108  
 Sexteto do Jô 177  
 Silva, Abel 118  
 Silva, Erivelton 134  
 Silva, Jonathan 25  
 Silva, Moreira da 75, 82, 91  
 Silva, Orlando 42, 45  
 Silva, Osmar 59  
 Silveira, Breno 138  
 Silveira, Juliana 65  
 Silveira, Ricardo 148  
 Silvío César 141  
 Simonal, Wilson 20, 109  
 Simone 99, 101, 144  
 Simoninha 109  
 Siqueira, Achilles 21  
 Siqueira, Alex 110  
 Só Pra Contrariar 166  
 Soares, Elza 84  
 Soares, Gilson 87  
 Sodré, Paulo 31, 46, 105, 174  
 Solana 110  
 Solberg, Helena 158  
 Souto, Sérgio 52, 54, 87, 125, 129  
 Souza, Carmélia de 22  
 Souza, José Henrique de 126  
 Szajnbrum, Edu 111, 146  
 Taiguara 25  
 Taj Mahal, Luizinho 47, 84  
 Tapajós, Maurício de 128  
 Tapajós, Sebastião 129  
 Tarzan, Jorge (Luiz) 104, 105  
 Tarzan 103  
 Tavito 82  
 Teixeira, Fábio (do Grupo Ímã) 55, 121, 122  
 Teixeira, Jairo 122  
 Telles, Sylvia 30, 45, 118, 178, 181  
 Temucorda 123  
 Tenório Jr. 30  
 Teresa 88

Teresinha 88  
Theodoro, Jace 150  
Thiara 142  
Thomazio 143  
Thor 152  
Tiaguinho 85  
Timóteo, Agnaldo 154  
Tironi, Tina 21, 58, 105, 111  
Tiso, Wagner 30, 31  
Titulares do Ritmo 81  
Tonico do Cavaco 25  
Trevisan, Luiz 112, 129, 180  
Trinadus 126  
Trio Azeviche 98, 174  
Trio de Ouro 112  
Trio Nagô 132  
Trio Vagalume 41, 141  
Tristão, Rodrigo 116  
Tunai 54  
Tygel, David 148  
Urbana 174  
Vacas, Francisco de 145  
Vadico 103  
Valença, Alceu 152  
Valente, Assis 99  
Valentim, Rose 84  
Valle, Marcos 118  
Valtinho 53, 55, 122, 123  
Varanda 171  
Vargas, Renato 47  
Velasco, Francisco 25  
Velloso, Luiz Paulo 129  
Velooso, Altay 134, 164, 165, 166  
Velooso, Caetano 57, 67, 78, 79,  
80, 121, 125, 159, 160, 168,  
169  
Vercilo, Jorge 38, 134, 135  
Veríssimo, Luiz Fernando 185  
Vetorazzi, Wilson 94, 95  
Viáfara, Celso 101  
Vieira, Cláudia 134  
Vieira, Jonas 138  
Vitinho, Seu 72  
Vitória-Régia 107  
Von, Ronnie 57  
Voz e Companhia 70  
Vozzes 129, 150  
Waleska 58, 163  
Wanderléa 164  
Weller, André 93  
Xangai 163  
Ximenes, Leonel 161  
Xuxa 185  
Yonara (Creuza Gramacho), Zora  
60  
Zé Antonio 25, 122, 123  
Zé da Zilda 42  
Zé do Caixão 21  
Zé Renato 126, 134, 146, 148,  
149, 150  
Zeca Baleiro 180  
Zil 148  
Zoli, Claudio 79  
ZR Trio 149  
Zumach, Maria Lucia 163

Esta publicação foi composta utilizando-se a família tipográfica Adobe Garamond.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte e que não seja para qualquer fim comercial.

